

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LAÍS FRANÇA CAMPOS

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL

CURITIBA

2018

LAÍS FRANÇA CAMPOS

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, letras e artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Wachowicz

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Campos, Laís França

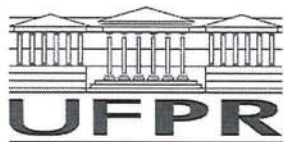
Uma análise semântica do pretérito perfeito composto no português
brasileiro e no espanhol. / Laís França Campos. – Curitiba, 2018.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Teresa Cristina Wachowicz

1. Língua portuguesa - Semântica. 2. Língua espanhola - Semântica.
3. Português - Verbos. 4. Espanhol – Verbos. I. Título.

CDD – 469.5



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LAIS FRANCA CAMPOS ROCHA** intitulada: **UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO ESPANHOL**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 08 de Outubro de 2018.

MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

VALDILENA RAMME
Avaliador Externo (UNILA)

FRANCISCO JAVIER CALVO DEL OLMO
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que contribuíram com a minha formação humana e acadêmica.

Especialmente, à minha orientadora Teresa Cristina Wachowicz, pela sabedoria com que me guiou nesse percurso e por ser, acima de tudo, humana e paciente.

Ao professor Francisco Calvo del Olmo, por ser sempre solícito, por compartilhar conhecimentos valiosos e por estar à disposição para ouvir.

À professora Maria José Foltran, pela disponibilidade e pelas orientações essenciais à finalização desta pesquisa.

À professora Valdilena Rammé, por ser tão gentil em fazer o intermédio entre seus alunos hispanofalantes e meus questionários, e pelas conversas informais tão caras à reta final do trabalho.

Ao Núcleo Tandem, por ser a ponte entre os alunos estrangeiros e os meus questionários.

Aos tantos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que possibilitaram que o meu questionário chegasse até seus alunos.

Aos falantes nativos de Natal (RN) e da Venezuela, Colômbia e Paraguai, sem os quais a análise dos resultados não teria sido possível.

À CAPES, pela bolsa a mim concedida no período de estudos.

Lingua é um musculo chato, muito movel, com uma ponta presa e outra solta. E ahi é que está precisamente o grande mal da humanidade; se a lingua tivesse as duas pontas presas, quantos males se não evitariam, no genero humano? Mas é tão radicado no homem o ter a lingua com uma das pontas soltas, que, quando a natureza opera o prodigio de fazer nascer alguém com a lingua presa, logo corre o pai da criança ao medico mais proximo, afim de que este córte o freio á lingua do innocente

Donde se tira e conclue que a lingua, para não ser o flagello que é, devêra ter sempre as duas pontas presas ou as duas pontas soltas.

Mendes Fradique (1928, p. 9)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de contribuir com a descrição de duas formas verbais: “*ter* + participio”, no português brasileiro (PB), e “*haber* + participio”, no espanhol venezuelano, colombiano e paraguaio. Essas construções correspondem ao Pretérito Perfeito Composto (PPC) em ambas as línguas. No PB, essa nomenclatura é considerada inadequada por linguistas da área dos estudos semânticos, como Ilari (2001), Basso (2013) e Castilho (2014). Conforme afirma Ilari (2001), a construção que constitui esse tempo verbal é capaz de exprimir diversos valores, que não aquele sugerido pela nomenclatura – o perfectivo. No espanhol, diferentemente do PB, conforme a Real Academia Española (RAE), o PPC é capaz de fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou durativas. Embora a RAE forneça um panorama claro quanto às variantes dialetais do PPC na Península Ibérica, a distribuição geográfica para o mesmo uso no continente americano é mais generalizada. Diante disso, a fim de contribuir para uma descrição mais completa quanto aos usos possíveis do PPC de variantes da América Latina, três países serão o foco deste trabalho: Venezuela, Colômbia e Paraguai. Quanto ao PB, a contribuição desta pesquisa em sua descrição está na revisão de alguns trabalhos que tratam do assunto, especialmente o de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), para as quais o PPC empregado na variante de Natal (RN) apresenta um uso restrito. Nossas hipóteses são, para o PPC do PB: (a) há a expressão de leitura durativa; (b) não só estados graduáveis são aceitáveis com o PPC como também aqueles cuja propriedade seja do tipo sim/não; (c) o PPC admite usos típicos com *stage-level*; (d) o PPC pode ser combinado com advérbios cardinais que não expressam uma quantidade fechada, como “milhões de vezes”; (e) o PPC é compatível com sentenças cujo sujeito é inexistente. No que tange ao PPC venezuelano, colombiano e paraguaio, nossa hipótese é de que a forma verbal “*haber* + participio” expressa leituras muito próximas às do PPC do PB, o que pode ser uma evidência para o fato de que essa construção pode estar seguindo “*ter* + participio” no processo de gramaticalização. As hipóteses são verificadas por meio da aplicação de questionários, cujos resultados, constituídos de julgamentos de sentenças avaliadas por falantes nativos das variedades envolvidas, possibilitaram a análise, tanto no PB quanto no espanhol. O percurso teórico que respalda a análise passa pelas teorias que comumente subsidiam os estudos em Semântica: são consideradas as noções de tempo propostas por Reichenbach (1947), de aspecto, discutidas em Vendler (1967). Além disso, consideramos o conceito de gramaticalização de Harris (1982 apud Squartini e Bertinetto, 2000). No que tange ao questionário destinado aos falantes de Natal (RN), comprovamos nossas hipóteses, ou seja, as restrições apontadas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) quanto ao uso do PPC não refletiram a aceitabilidade que os falantes atestaram para as sentenças julgadas. Quanto ao espanhol, o resultado na aceitabilidade das sentenças pareceu ser uma forte evidência para o fato de que, nas variedades investigadas, o PPC apresenta leituras muito próximas das que há no PPC do PB. Com isso, espera-se ter alcançado o propósito de apontar caminhos que levem a evidências capazes de promover uma descrição mais completa das formas verbais em estudo nas variedades consultadas.

Palavras-chave: Pretérito Perfeito Composto. Auxiliares. Semântica.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo contribuir a la descripción de dos formas verbales “*ter* + participio” en portugués de Brasil (PB), y “*haber* + participio” en español de Venezuela, Colombia y Paraguay. Estas construcciones corresponden al Pretérito Perfecto Compuesto (PPC) en ambas lenguas. En el PB, esta nomenclatura es considerada inadecuada por lingüistas del área de los estudios semánticos, como Ilari (2001), Basso (2013) y Castilho (2014). Como afirma Ilari (2001), la construcción que constituye ese tiempo verbal es capaz de expresar diversos valores, que no es el sugerido por la nomenclatura – el perfectivo. En el español, a diferencia del PB, según la Real Academia Española (RAE), el PPC es capaz de hacer referencia a ciertas situaciones pretéritas, sean puntuales o durativas. Aunque la RAE proporciona un panorama claro en cuanto a las variantes dialectales del PPC en la Península Ibérica, la distribución geográfica para el mismo uso en el continente americano es más generalizada. Con el fin de contribuir a una descripción más completa en cuanto a los usos posibles del PPC de variantes de América Latina, tres países serán el foco de este trabajo: Venezuela, Colombia y Paraguay. En cuanto al PB, la contribución de esta investigación en su descripción está en la revisión de algunos trabajos que tratan del tema, especialmente el de Laca, Cabredo-Hofherr y Carvalho (2009), para los cuales el PPC empleado en la variante de Natal (RN) presenta un uso restringido. Las hipótesis son, para el PPC del PB: (a) hay la expresión de lectura durativa; (b) no sólo los estados graduables son aceptables con el PPC, sino también aquellos cuya propiedad es del tipo sí / no; (c) el PPC admite usos típicos con *stage-level*; (d) el PPC puede combinarse con adverbios cardinales que no expresan una cantidad cerrada, como “millones de veces”; (e) el PPC es compatible con sentencias cuyo sujeto es inexistente. En lo que concierne al PPC venezolano, colombiano y paraguayo, nuestra hipótesis es que la forma verbal “*haber* + participio” expresa lecturas muy próximas a las del PPC del PB, lo que puede ser una evidencia para el hecho de que esa construcción puede estar siguiendo “*ter* + participio” en el proceso de gramaticalización. Las hipótesis se verifican mediante la aplicación de cuestionarios, cuyos resultados, constituidos por juicios de sentencias evaluadas por hablantes nativos de las variedades involucradas, posibilitar el análisis, tanto en el PB como en el español. El recorrido teórico que respalda el análisis pasa por las teorías que comúnmente subsidian los estudios en Semántica: se consideran las nociones de tiempo propuestas por Reichenbach (1947), de aspecto, discutidas en Vendler (1967). Además, consideramos el concepto de gramaticalización de Harris (1982 apud Squartini y Bertinotto, 2000). En lo que se refiere al cuestionario destinado a los hablantes de Natal (RN), comprobamos nuestras hipótesis, o sea, las restricciones apuntadas por Laca, Cabredo-Hofherr y Carvalho (2009) en cuanto al uso del PPC no reflejaron la aceptabilidad que los hablantes atestaron para las sentencias juzgadas. En cuanto al español, el resultado en la aceptabilidad de las sentencias pareció ser una fuerte evidencia para el hecho de que, en las variedades investigadas, el PPC presenta lecturas muy próximas a las que hay en el PPC del PB. Con ello, se espera haber alcanzado el propósito de apuntar caminos que lleven a evidencias capaces de promover una descripción más completa de las formas verbales en estudio en las variedades consultadas.

Palabras clave: Pretérito Perfecto Compuesto. Auxiliar. Semántica.

ABSTRACT

This paper aims to contribute to the description of two verbal forms: “*ter* + participle” in Brazilian Portuguese (PB), and “*haber* + participle” in Venezuelan, Colombian and Paraguayan Spanish. These constructs correspond to the *Pretérito Perfeito Composto* (PPC) in both languages. In PB, this nomenclature is considered inadequate by linguists in the field of semantic studies, such as Ilari (2001), Basso (2013) and Castilho (2014). According to Ilari (2001), the construction that constitutes this tense is capable of expressing several values, other than that suggested by the nomenclature – the perfective. In Spanish, unlike PB, according to the Real Academia Española (RAE), the PPC is able to refer to certain situations, either punctual or durative. Although the RAE provides a clear picture of the dialectal variants of the PPC in the Iberian Peninsula, the geographic distribution for the same use in the American continent is more widespread. In view of this, in order to contribute to a more complete description of the possible uses of the PPC for variants of Latin America, three countries will be the focus of this work: Venezuela, Colombia and Paraguay. Regarding PB, the contribution of this research in its description is in the review of some papers that deal with the subject, especially that of Laca, Cabredo-Hofherr and Carvalho (2009), for which the PPC used in the Natal variant (RN) presents restricted use. Our hypotheses are, for PPC of PB: (a) there is the expression of durative reading; (b) not only indexable states are acceptable with the PPC but also those whose property is of the yes / no type; (c) PPC admits typical uses with stage-level; (d) PPC can be combined with cardinal adverbs that do not express a closed quantity, such as “*milhões de vezes*”; (e) PPC is compatible with sentences whose subject is non-existent. Regarding the Venezuelan, Colombian and Paraguayan PPC, our hypothesis is that the verbal form “*haber* + participle” expresses readings very close to those of the CPP of PB, which may be evidence for the fact that this construction may be following “*ter* + participle” in the process of grammaticalization. The hypotheses are verified through the application of questionnaires, whose results, consisting of judgments of evaluated sentences by native speakers of the involved varieties, enabled the analysis, both in PB and in Spanish. The theoretical course that supports the analysis goes through the theories that commonly subsidize the studies in Semantics: the notions of time proposed by Reichenbach (1947), of aspect, discussed in Vendler (1967) are considered. In addition, we consider the concept of grammaticalization by Harris (1982 apud Squartini and Bertinetto, 2000). Regarding the questionnaire addressed to the speakers of Natal (RN), we verified our hypotheses, that is, the restrictions pointed out by Laca, Cabredo-Hofherr and Carvalho (2009) regarding the use of the PPC did not reflect the acceptability that the speakers attested to the judgments. As for Spanish, the result on the acceptability of sentences seemed to be strong evidence for the fact that, in the varieties investigated, the PPC presents readings very close to those found in PB PP. With this, it is hoped to have achieved the purpose to point out ways that lead to evidence capable of promoting a more complete description of the verbal forms under study in the varieties consulted.

Keywords: *Pretérito Perfeito Composto*. Auxiliary. Semantics.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DAS CLASSES ASPECTUAIS	47
QUADRO 2 – TIPOLOGIA DO ASPECTO	48
QUADRO 3 – ASPECTO DO ESPANHOL.....	51
QUADRO 4 – PPC <i>VERSUS</i> PROGRESSIVO: ASPECTO LEXICAL	74
QUADRO 5 – PPC E ARGUMENTOS PLURAIS	76
QUADRO 6 – PROGRESSIVO E ARGUMENTOS PLURAIS.....	77
QUADRO 7 – SENTENÇAS-TESTE.....	101
QUADRO 8 – SENTENÇA-TESTE.....	102
QUADRO 9 – SENTENÇAS-TESTE.....	102
QUADRO 10 – SENTENÇA-TESTE.....	103
QUADRO 11 – SENTENÇA-TESTE.....	103
QUADRO 12 – SENTENÇAS-TESTE.....	104
QUADRO 13 – SENTENÇAS-TESTE.....	107
QUADRO 14 – SENTENÇAS-TESTE.....	108
QUADRO 15 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS.....	112
QUADRO 16 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS	113
QUADRO 17 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS.....	114
QUADRO 18 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS	115
QUADRO 19 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS	116
QUADRO 20 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS.....	116
QUADRO 21 – SENTENÇAS DO ESPANHOL E SEUS JULGAMENTOS.....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1	21
1 TEORIAS LIGADAS AO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO.....	21
1.1 GRAMATICALIZAÇÃO	22
1.2 O TÚNEL DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	26
1.3 O TÚNEL DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO ESPANHOL.....	31
1.4 TEORIAS SEMÂNTICAS PARA O ESTUDO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO	36
1.4.1 Categoria TEMPO	37
1.4.1.1 Expressão de tempo em espanhol.....	42
1.4.2 Categoria ASPECTO.....	43
1.4.2.1 Aspecto lexical	44
1.4.2.2 Aspecto gramatical	48
1.4.2.3 Expressão do aspecto em espanhol.....	50
Capítulo 2	55
2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O TEMA.....	55
2.1 ILARI (2001).....	55
2.2 LACA, CABREDO-HOFHERR E CARVALHO (2009).....	60
2.3 MOLSING (2010)	73
2.4 MEDEIROS (2008).....	80
2.5 BARBOSA (2008).....	84
2.6 NELSON CARTAGENA (1999).....	86
2.7 GUTIÉRREZ ARAUS (2001).....	88
2.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	93
Capítulo 3	96
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	96

3.1 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA VARIANTE DE NATAL (RN)	99
3.2 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA LÍNGUA ESPANHOLA AMERICANA	105
Capítulo 4	111
4 ANÁLISE DOS DADOS	111
4.1 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DE NATAL (RN).....	111
4.2 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA VENEZUELA, DA COLÔMBIA E DO PARAGUAI.....	117
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

O texto que abre esta dissertação é um excerto da *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso* (1928), de Mendes Fradique, pseudônimo de José Madeira de Freitas (1893-1944). A obra satiriza o padrão de descrição metalinguística do português do início do século XX no Brasil e apresenta explicações humorísticas para os conceitos abordados pelos gramáticos conservadores da época, como no caso da palavra polissêmica “língua”, considerada pelo autor não só como parte do corpo humano ou objeto dos estudos linguísticos, mas também como elemento que está na base dos desentendimentos sociais. A discussão deste trabalho tem início em outro desentendimento: aquele existente entre a denominação Pretérito Perfeito Composto (PPC) e o que está na língua; aliás, nas línguas.

Muito além de uma não correspondência entre o que se convencionou chamar de “pretérito” e de “perfeito” e seu correspondente linguístico, está a polissemia semântica desse tempo verbal, ou seja, por trás da superficialidade de uma nomenclatura há um processo complexo em constante desenvolvimento motivado pela ponta solta da língua dos falantes. Esse movimento constante está em todas as partes da gramática, compondo a dinâmica das línguas. Nesta dissertação, o objetivo amplo é descrever a natureza dos componentes do processo complexo que envolve o PPC na língua portuguesa, na variedade falada no Brasil, e na língua espanhola, nas variedades da Venezuela, da Colômbia e do Paraguai.

Contextualizemos primeiramente o quadro da língua portuguesa. A presença do idioma em diferentes continentes, à primeira vista, já nos permite supor a imensa variação existente nela. A política de exploração de colônias dos séculos XV a XVIII, impulsionada pelas grandes navegações de Portugal, levou o português europeu a alcançar muitos territórios. Assim, a língua do colonizador entrou em contato com inúmeras línguas indígenas do Brasil, e mais tarde com diferentes línguas africanas vindas por meio do tráfico negreiro. Indo mais adiante na linha do tempo, muitas outras línguas europeias e não europeias de falantes que emigraram para as terras brasileiras compõem a mescla linguística complexa que Mattos e Silva (2013) chama de multilinguismo – cujo resultado é o português brasileiro (PB).

Formado por uma sociedade multilíngue, multiétnica, multirracial e pluricultural, o PB popular, isto é, a variedade mais generalizada, conforme esclarece Mattos e Silva (2013), teve seu antecedente histórico difundido principalmente por

africanos e afrodescendentes. O português brasileiro culto, adquirido pela parcela dos brasileiros com escolaridade alta¹, é que descende do português europeu proveniente da sociedade colonial, na qual se moldou a elite da época.

Os dados de formação populacional do Brasil pesquisados pela autora mostram que a língua da colonização foi adquirida por meio de um processo que ela denomina “transmissão irregular”, a qual favoreceu uma aquisição imperfeita, já que os lusofalantes, portugueses e seus descendentes não mestiçados não ultrapassavam 30% dos habitantes no nosso país. Dessa forma, como o modelo existente de português era precário, uma vez que a aprendizagem no meio escolar era quase inexistente, a oralidade do cotidiano foi o meio de sua aquisição.

Com somente 25% de falantes do português brasileiro culto frente a 75% de potenciais usuários do português brasileiro popular no século XX (MATTOS E SILVA, 2013), é fato que atualmente o PB se diferencie do português europeu e que apresente uma enorme variedade linguística interna. A extensão territorial já justificaria essa não uniformidade da língua, acrescentemos a isso, porém, as diferenças socioeconômicas e socioculturais que segmentam a população do Brasil.

Assim, como reconhecem alguns estudiosos (BAGNO, 2011; CASTILHO, 2014; FARACO, 2016; MATTOS E SILVA, 2013), não é tarefa fácil estabelecer uma norma culta brasileira única ensinada nas escolas sem haver o risco de idealizá-la, baseando-se em algum dos tantos centros urbanos existentes no país.

Antes de nos concentrarmos no PB, voltemos a falar do português europeu para descrever, com base na *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo (et al., 2013), nosso objeto de estudo no PB.

Embora haja características gramaticais que distanciem o PB e o português europeu contemporâneos, o PPC constitui um uso em comum em ambas as línguas, como é possível comprovar pela explicação de Oliveira (2013, p. 528):

O pretérito perfeito composto é formado pelo verbo auxiliar *ter* no presente do indicativo e pelo particípio do verbo pleno da perífrase verbal. Do ponto de vista temporal, este tempo expressa a duração de uma situação iniciada no passado, que abrange o momento da enunciação e que pode continuar para além do tempo da enunciação. Trata-se de um tempo sem limite final definido, isto é, imperfectivo, ao contrário do que seu nome indica.

Assim como acontece no PB, no português europeu o imperfectivo tem leituras diferentes, a depender do predicado, se é eventivo ou estativo. Com predicados

¹ Faraco (2008) relativiza essa questão diferenciando norma culta de norma padrão.

correspondentes a estados episódicos, a interpretação é de que a situação em questão se prolonga desde o seu início, em algum momento do passado, e se estende no presente com a possibilidade de continuar no futuro. As sentenças de Oliveira (2013, p. 528) são reproduzidas a seguir.

(1) a. Ana *tem morado* em Paris (desde que se divorciou).

b. O Rui *tem estado* doente (ainda está e, segundo o médico, vai continuar por mais algum tempo).

c. (Ultimamente) a Isabel tem estado bem-disposta.

Sobre a leitura aspectual de iteração, no português europeu há, como no PB, interpretações de situações que se repetem em um intervalo de tempo, que inclui o momento de fala, e que podem ultrapassá-lo. Mais uma vez, os exemplos de Oliveira (2013, p. 529) nos permitem comprovar o uso comum com o PB:

(2) a. O Manuel *tem feito* os exercícios de matemática (regularmente).

b. A Maria tem nadado (todas as semanas).

c. O Cristiano Ronaldo tem marcado golos (em todos os jogos).

d. O Luís tem tossido (desde que começou a fumar).

A presença de adjuntos adverbiais entre parênteses nas sentenças reforçam o valor aspectual inerente ao tempo composto. Esse e outros valores são descritos nas gramáticas descritivas do PB para o Pretérito Perfeito Composto.

A *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho (2014), após caracterizar as categorias semânticas do verbo, traz uma breve descrição dos usos dos tempos verbais do indicativo, entre eles, o PPC:

Pretérito Perfeito Composto

Pretérito perfeito real, indicando uma anterioridade que se estende até o presente

a) Pretérito perfeito durativo: *Tem andado* muito alegre, é uma tonta.

b) Pretérito perfeito iterativo: *Tenho perdido* muitos amigos por causa desse meu gênio.

Pretérito perfeito metafórico

a) Pelo pretérito perfeito simples, na finalização de discursos (usos muito raros no PB): *Tenho dito!*/*Tenho chegado* ao final de minhas considerações.

b) Pelo mais-que-perfeito do indicativo, na sentença complexa condicional: *Se eu tenho sabido* disto a tempo, não vinha a esta reunião. (CASTILHO, 2014, p. 434, grifos do autor).

Castilho (2014) denomina “tempo real” uma situação na qual o falante descreve um estado de coisas coincidente com o tempo cronológico. Já o uso

“metafórico” é acionado pelo “tempo fictício”, no qual o falante se desloca para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com o seu tempo real.

De forma muito semelhante, embora agora se trate de uma gramática de cunho prescritivo, Celso Cunha e Lindley Cintra apresentam em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2008) a seguinte definição do PPC:

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do *pretérito perfeito*: a *simplex* e a *composta*, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

[...]

A *forma composta* exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

– **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens. (Cochat Osório, *CV*, 134.)

– **Tenho escrito** bastantes poemas. (F. Pessoa, *OP*, 175.)

– Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso zigzag. (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.). (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 468-469, grifos dos autores).

Como esboçamos até aqui, a definição do PPC no português, tanto na variedade europeia quanto na brasileira, é praticamente a mesma. Para além do que há nas gramáticas, a interpretação do passado composto já é quase de total acordo para os semanticistas (ILARI, 2001). Entretanto, ainda assim há muitos trabalhos recentes cujo objetivo envolve a descrição da construção “*ter* + particípio”.

Sendo a única entre as românicas que utiliza “*ter*” ao invés de “*haver*” nessa forma verbal, a língua portuguesa, desse modo, dispõe de certa fertilidade de investigações nesse assunto, não só pela diferença de escolha do auxiliar, como também pelas duas principais leituras, de “duração” e de “iteração”, advindas dessa escolha. Paiva Boléo, em 1936, já chamou a atenção para a expressividade do passado composto, ao qual atribuiu “um lugar inconfundível e único no quadro das línguas românicas” (BOLEÓ, 1936 apud BARBOSA, 2008, p. 88).

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), por exemplo, vão longe ao afirmar que o uso do PPC no PB não é uniforme. Elas investigam a variante falada em Natal (RN) e concluem que lá o PPC é mais restrito em comparação a outras variantes. Entre as constatações feitas, está a de que o PPC da variante de Natal não permite leituras contínuas, como exemplificado nesta sentença fornecida pelas autoras:

(3) O nível do rio tem aumentado muito nos últimos anos.

Essa e outras conclusões, que serão detalhadas no capítulo 2, têm especial atenção nesta pesquisa, já que motivaram nosso primeiro objetivo: verificar se as considerações de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) se aplicam às interpretações coletadas de 62 falantes de Natal (RN) por meio da aplicação de um questionário *online*, a fim de contribuir para a descrição do PPC no PB.

O quadro da língua espanhola é diferente. Começamos pela nomenclatura: se no PB podemos encontrar uma variedade no trato dos sintagmas verbais compostos, no espanhol, a denominação de tais construções é mais restrita. Locução verbal, tempo composto, conjugação perifrástica são alguns dos registros usados por linguistas e gramáticos para a junção de dois verbos em tempos compostos. Em espanhol, porém, “perífrase verbal” e “tempos compostos” não podem ser usados como sinônimos. Perífrase verbal determina uma combinação sintática na qual um verbo auxiliar incide sobre um verbo auxiliado no infinitivo, no particípio ou no gerúndio. No caso das perífrases de particípio, este conserva um caráter adjetival e, portanto, concorda em gênero e número com o sujeito da oração ou com o complemento direto (RAE-ASALE, 2010). Por outro lado, quando se fala em “tempo composto”, a referência toma o âmbito temporal. A combinação de um verbo auxiliar e um verbo auxiliado, nesse conceito, é indissociável e, portanto, mais gramaticalizada.

Tratando-se do uso, a construção “*haber* + particípio” é amplamente empregada, diferentemente do que Castilho (2014, p. 423) constata para “*ter* + particípio” no PB:

Sendo muito raras no *corpus* do Projeto Nurc, parece que essa forma [“*ter* + particípio”] está em processo de desaparecimento, pelo menos na modalidade falada.

Nessa perífrase, [...] o verbo auxiliar exibe o mais alto grau de gramaticalização, o que talvez explique seu rápido desaparecimento no português falado. Como se sabe, expressões altamente cristalizadas tendem a ingressar na fase zero da gramaticalização.

A respeito da constatação de Castilho (2014), abrimos um parêntese: não nos parece adequado afirmar, mesmo com base em um *corpus* como o Projeto Nurc, que é um acervo de referência nacional, que o PPC no PB está desaparecendo. Como falantes nativos do PB, reconhecemos como produtiva a forma “*ter* + particípio” e sua baixa ocorrência nas pesquisas do autor não atesta seu desuso. Além disso, como será abordado no capítulo 1, há vários estágios previstos na gramaticalização de um item, e

seu desaparecimento não é obrigatoriamente a única evidência do seu alto nível no processo de mudança.

Voltando ao amplo emprego do PPC em espanhol, conseqüentemente ou não, essa língua dispõe de um maior número de possibilidades de interpretação para o “*Pretérito Perfecto Compuesto*”. Além disso, um componente que agrega mais riqueza a essa forma verbal é a variação: os usos do espanhol peninsular não se equiparam às variantes do espanhol americano, das Ilhas Canárias e da Galícia. A versão manual da *Nueva gramática de la lengua española* (2010), da Real Academia Española (RAE-ASALE), considera para o PPC a interpretação de “antepresente”, por um lado, e uma interpretação “perfectiva” ou “aoristo”, por outro. A primeira refere-se a certas situações pretéritas, pontuais ou durativas, as quais são situadas em um intervalo que se abre em um ponto inespecífico no passado e se prolonga até o momento da enunciação. Na segunda interpretação o *Pretérito Perfecto Compuesto* adquire o mesmo sentido do Pretérito Perfeito Simples (PPS) do PB, o qual expressa ações completas situadas antes do momento de fala. Assim:

La interpretación de antepresente se registra en la zona central y meridional del español europeo, en el costeño peruano, en el andino boliviano y colombiano, en el N-O de Argentina (desde Tucumán hasta la frontera con Bolivia), en la región central de Argentina (especialmente en el N-O de Córdoba) y con restricciones también en Cuba y otras zonas del área antillana”² (RAE-ASALE, 2010, p. 438).

No Chile, em boa parte da Argentina e no N-O da Espanha (Galícia) e Ilhas Canárias, o PPS substitui o PPC na interpretação aoristo e em outras interpretações (RAE-ASALE, 2010). Ou seja, nessas regiões, os hispanofalantes não usam formas distintas para indicar um passado mais recente (antepresente) ou um passado mais distante, sem relação com o presente (aoristo), como exemplifica a sentença (4a). O exemplo (4b) ilustra o mesmo caso, desta vez sem a substituição do PPC pelo PPS, ou seja, o PPC é selecionado para expressar o evento mais recente.

(4) a. Ayer comí en casa, pero hoy comí en el restaurante aquí al lado. (*aoristo*)

b. Ayer comí en casa, pero hoy he comido en el restaurante aquí al lado³. (*antepresente*)

‘*Ontem comi em casa, mas hoje comi no restaurante aqui ao lado*’. (a-b)

² A interpretação de antepresente está registrada na zona central e sul do espanhol europeu, na costa peruana, na Bolívia e na Colômbia andinas, no N-O da Argentina (de Tucumán à fronteira com a Bolívia), na região central da Argentina (especialmente no N-O de Córdoba) e com restrições também em Cuba e outras áreas da área das Antilhas. (RAE-ASALE, 2010, p. 438, tradução nossa).

³ Exemplo de Ceolin (2003, p. 42).

Dessa forma, na variante em que a interpretação antepresente é considerada, o PPC tem uma estrutura temporal dual, na qual as esferas do presente e do passado integram-se em um contínuo. Por outro lado, a variante na qual o PPS substitui o PPC na leitura do pretérito perfeito aproxima-se do PB no que tange à interpretação temporal da situação, uma vez que em português o PPS é empregado para situações pertencentes ao passado, independentemente da distância do acontecimento com relação ao momento da enunciação (5a). O PPC, no caso do PB, especializou-se nas leituras aspectuais de “iteração” (6a) e de “duração” (6b), não sendo intercambiável com o PPS (5b; 6c, d):

- (5) a. Ontem comi em casa, mas hoje comi no restaurante aqui ao lado. (*aoristo*)
 b. *Ontem comi em casa, mas hoje tenho comido no restaurante aqui ao lado.
- (6) a. Tenho corrido no parque aos fins de semana. (*iteração*)
 b. Tenho estado animado com a viagem. (*duração*)
 c. #Corri no parque aos fins de semana. (*bloqueio para a leitura de iteração*)
 d. #Estive animado com a viagem. (*bloqueio para a leitura de duração*)

As interpretações exemplificadas acima, entretanto, são apenas a ponta do *iceberg*, já que o sentido do passado composto português tenta ser compreendido, no mínimo, desde o século XIX, quando Gonçalves Viana e Paiva Boléo tentaram generalizar as leituras do PPC em uma única palavra: para o primeiro, ela seria “repetição”, para o segundo, “duração”. Atualmente, semanticistas como Ilari (2001) e Castilho (2014) concordam com ambos os autores, já que o sentido que o PPC pode assumir ora a repetição ora a duração das eventualidades em um intervalo de tempo.

Conforme destaca Oliveira (2013), ao referir-se ao trabalho de Cartagena (1999), aspectualmente falando, o PPC de algumas variedades do espanhol americano e o do PB também se aproximam, pois a substituição de PPC por PPS em determinadas variantes americanas do espanhol não reflete o desaparecimento do PPC, mas sim seu emprego em outros contextos de comunicação, com outras interpretações (aspectuais). O estudo do espanhol do México feito por Lope Blanch (1961 apud CARTAGENA, 1999, p. 2947) fornece exemplos da incorporação que o PPC faz do aspecto durativo e iterativo (7a), do mesmo modo seguem as sentenças do espanhol do Chile, de Mühle (1985 apud CARTAGENA, 1999, p. 2948) (7b-c).

- (7) a. ¿Has escrito a Fulano? (= mantienes correspondencia con él?)
 b. ¡Tan delicados que se les ha puesto el estómago desde que ven tele a colores! (= durativo)
 c. ¡Te lo he dicho cien veces! (= iterativo)

Sobre as pesquisas acerca do PPC nas variantes americanas, Gutiérrez Araus (2001) as avalia como insuficientes, já que o panorama descrito acrescenta pouco além das análises realizadas por Lope Blanch (1961) para o espanhol do México. Com o objetivo de resumir as principais pesquisas sobre os tempos compostos nos usos do espanhol americano, a autora menciona para o espanhol da Venezuela, por exemplo, apenas um trabalho, o de Bentivoglio e Sedano (1992), e o define como caracterizador, apenas. A sentença a seguir ilustra a contribuição relevante dos autores: a de identificar no uso do PPC venezuelano a atribuição de grande força emotiva a um evento finalizado no passado:

- (8) a. [...] y de repente *vino* una persona, *vino* una mano y le *ha dado* un golpe tan duro en la espalda que le quedó la marca de la mano.

'[...] e de repente veio uma pessoa, veio uma mão e lhe foi dado um golpe tão forte nas costas que lhe deixou a marca da mão'

Para o espanhol do Equador, Gutiérrez Araus (2001) chama atenção para o trabalho de Materes (1953), no qual é identificado o uso do PPC em vez do futuro (9a,b) ou no lugar do presente (9c). Estas sentenças foram utilizadas por Kany (1969) de exemplos equatorianos, de Sierra e de Corba, e do Sul da Colômbia.

- (9) a. Mañana ha sido (será) día de asueto, ¿no?
'Amanhã será dia de férias, não?'
 b. El año que viene ha sido (será) bisiesto.
'O ano que vem será bissexto.'
 c. Fulano ha sido (es) Ministro de Relaciones Exteriores.
'Fulano é Ministro de Relações Exteriores'

O exposto introdutório e incompleto dos sentidos descritos para o espanhol de algumas variantes americanas feito até aqui evidencia a complexidade aspectual da semântica do PPC na língua espanhola.

Referindo-se à linha investigativa que se pretende traçar nesta dissertação, ainda sob o ponto de vista semântico, a nossa primeira hipótese para o espanhol é a de que as variantes cujo PPC se aproxima dos usos do PB podem indicar o curso de um

processo de gramaticalização dos sentidos semânticos de “*haber* + particípio”, o qual acredita-se que segue o caminho de “*ter* + particípio”.

Alguns autores, como Lope Blanch (1961), acreditam que a variação do PPC é consequência de uma evolução histórica das línguas espanholas da América Latina, diferente da peninsular. Dessa forma, o viés histórico, mesmo que não aprofundado, será abordado, na medida em que por meio dele acreditamos ser possível reforçar nossa hipótese de que a trajetória diacrônica da construção “*haber* + particípio” pode alcançar as leituras aspectuais de “*ter* + particípio”.

Embora a RAE forneça um panorama claro quanto às variantes dialetais do PPC na Península Ibérica, a distribuição geográfica para o mesmo uso no continente americano é mais generalizada. Por essa razão, a fim de contribuir para uma descrição mais completa quanto aos usos possíveis do PPC de três variantes da América Latina, três países serão o foco deste trabalho: Venezuela, Colômbia e Paraguai. Um segundo questionário será utilizado, desta vez, para a verificação do nível de aceitabilidade de sentenças com o PPC.

A interpretação do PPC da língua espanhola é afetada pela interação com alguns demonstrativos, adjetivos e advérbios. Nas situações propostas no questionário, entretanto, além dos advérbios e quantificadores, a *Aktionsart* dos verbos constituirá um elemento norteador das interpretações. Espera-se, com isso, compreender o grau de interferência que diferentes classes aspectuais têm sobre a interpretação do falante. Além disso, busca-se verificar se interpretações iterativas e durativas em sentenças com o PPC dependem exclusivamente do uso de advérbios/quantificadores, ou se podem ser concebíveis somente por meio do tempo composto – como no PB.

Voltando ao PPC do PB, como é possível depreender das comparações feitas anteriormente com o PPC do espanhol, a construção “*ter* + particípio” está em um nível mais avançado de gramaticalização. As mudanças nos níveis sintático e semântico dessa forma, bem como a atual possibilidade de intercâmbio com outras construções (“*estar* + gerúndio”, por exemplo) para expressar os sentidos do PPC também evidencia seu adiantamento no percurso da gramaticalização e essas construções não serão deixadas de lado nesta pesquisa, embora não sejam o objetivo principal deste trabalho.

Várias pesquisas engajaram-se em explicar o funcionamento do PPC do PB. Para o desenvolvimento desta dissertação, o estudo de tais pesquisas foi organizado por enfoque: Squartini (1998) e Squartini e Bertinetti (2000), por exemplo, são estudiosos do processo diacrônico pelo qual os tempos compostos nas línguas românicas passam, o

que dá aos seus trabalhos um cunho histórico; Ilari (2001), Castilho (2003; 2014), Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), por outro lado, contribuem com a análise semântica do PPC no PB; Molsing (2010), Medeiros (2008), Barbosa (2008), entre outros, constituem a gama de teses atuais cujas investigações abrangem a interpretação semântica e sintática do PPC no PB.

Até aqui, descrevemos em diferentes momentos nossos objetivos e nossas hipóteses referentes às construções “*ter* + participio” e “*haber* + participio”. Para fins de organização, retomamos a seguir quais serão nossos objetivos:

- Contribuir para a descrição do PPC do espanhol venezuelano, colombiano e paraguaio e do PB falado em Natal (RN).
- Discutir as conclusões apontadas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) tendo como base teórica Ilari (2001) e como base empírica as respostas de falantes nativos de Natal (RN) coletadas em questionário.
- Descobrir se nas variedades venezuelana, colombiana e paraguaia o PPC apresenta leituras aspectuais de duração e iteração, sem a presença de modificadores adverbiais.
- Verificar a influência da classe aspectual nas diferentes leituras do espanhol nas variedades estudadas.
- Comprovar se a construção “*haber* + participio” é dependente da interação com advérbios para licenciar certas leituras no espanhol das variedades venezuelana, colombiana e paraguaia.

A respeito desses objetivos, nossas hipóteses são:

- Ao contrário do que afirmam Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), acreditamos que o PPC do PB: (a) expressa leitura durativa; (b) não só estados graduáveis são aceitáveis com o PPC como também aqueles cuja propriedade seja do tipo sim/não; (c) o PPC admite usos típicos com *stage-level*; (d) o PPC pode ser combinado com advérbios cardinais que não expressam uma quantidade fechada, como “milhões de vezes”; (e) o PPC é compatível com sentenças cujo sujeito é inexistente.
- Conforme aponta Gutiérrez Araus (2001), acreditamos que no espanhol falado na Venezuela, na Colômbia e no Paraguai o PPC expressa leituras muito próximas às do PPC do PB, o que pode ser uma evidência para o fato de “*haber* + participio” estar seguindo “*ter* + participio” no processo de gramaticalização.

Duas condições são importantes para confirmar essa hipótese: (a) se os informantes reconhecem nas sentenças do questionário elaboradas sem o uso de advérbios ou quantificadores uma interpretação iterativa ou durativa, o PPC usado nas variantes dos informantes parece estar seguindo o processo de gramaticalização pelo qual passa o PPC em PB; (b) se os informantes somente concebem leituras iterativas ou durativas nas sentenças do questionário elaboradas com o emprego de advérbios ou quantificadores, o PPC do espanhol parece ser dependente desses complementos para saturar seu aspecto e, portanto, não alcançou os sentidos que “*ter* + participio” sozinho é capaz de denotar.

Passemos à organização dos capítulos. O primeiro tem o objetivo de apresentar as teorias que embasam o resgate teórico, a análise e a discussão dos critérios que serão usados na análise. Concentrando-se inicialmente no enfoque diacrônico, o objetivo será o de delinear minimamente o caminho percorrido pelas construções “*ter* + participio” e “*haber* + participio” no que tange aos sentidos que estas foram abrangendo em diferentes contextos com o passar dos anos. Assim, a abordagem histórica encontrada neste trabalho compreende apenas a “fatia” correspondente à mudança linguística (gramaticalização), ou seja, conceitos de variação comuns à linha de investigação Sociolinguística não serão considerados. Parte-se, dessa forma, do princípio de que a história é capaz de fornecer conclusões importantes que auxiliam no entendimento de outros níveis de análise, como o semântico.

Ainda no primeiro capítulo, serão apresentadas as teorias que embasam este estudo referentes ao verbo, tempo e aspecto. Para tanto, serão revisados trabalhos considerados importantes sobre essas categorias semânticas, como os de Reichenbach (1947), Vendler (1957), Smith (1978) e Bertinetto (1982).

No segundo capítulo há a revisão de alguns trabalhos que abordam o PPC em ambas as línguas em estudo.

No terceiro capítulo detalhamos a metodologia de pesquisa adotada, isto é, discutimos a importância que o uso das línguas tem para esta pesquisa, assim como detalhamos a forma escolhida para a coleta das intuições linguísticas no PB e no espanhol. Dessa forma, as sentenças do questionário aplicado para um total de 62 falantes de Natal (RN) são discutidas, assim como também o fazemos para o questionário respondido por 52 hispanofalantes.

Por fim, no quarto capítulo analisamos os resultados obtidos na aplicação dos questionários. No que tange ao questionário destinado aos falantes de Natal (RN),

comprovamos nossas hipóteses, ou seja, as restrições apontadas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) quanto ao uso do PPC não refletiram a aceitabilidade que os falantes atestaram para as sentenças julgadas. Quanto ao espanhol, o resultado na aceitabilidade das sentenças pareceu ser uma forte evidência para o fato de que nas variedades faladas na Venezuela, na Colômbia e no Paraguai o PPC, mesmo sem o apoio de advérbios, apresenta leituras muito próximas das que há no PPC do PB.

Tendo explicitado os objetos de pesquisa e a preocupação que os perpassam, cabe delinear o quadro teórico no qual este estudo será desenvolvido. Esta dissertação é subsidiada teoricamente pelos estudos da Semântica Formal, uma vez que esta se ancora em razões empíricas para assumir que o conhecimento semântico do usuário de uma língua está organizado, basicamente, em três ideias: “(a) a língua é um sistema regrado; (b) a interpretação das mensagens linguísticas é referencial; (c) o sistema linguístico é composicional” (BASSO, 2013, p. 136). Considera-se para a investigação que aqui se propõe realizar a premissa de que há a necessidade de uma metalinguagem que obedeça ao princípio da composicionalidade: “o significado de uma expressão complexa é função do significado de suas partes e do modo pelo qual estão combinadas” (p. 138).

Por último, algumas considerações acerca do engajamento desta pesquisa na contribuição para o ensino de língua serão feitas. Espera-se que o resgate bibliográfico e teórico forneça base para a análise das respostas obtidas nos questionários, feita no último capítulo. Com isso, a expectativa é de que esta dissertação contribua com a descrição dos tempos compostos no PB e do espanhol, dentro da família das línguas românicas.

Capítulo 1

1 TEORIAS LIGADAS AO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

Quando o Estruturalismo se instalou nos estudos linguísticos europeus, a vertente histórica das investigações até então desenvolvidas experimentou o que Mary Kato (2018) chama de “progressiva desenfaturação”. A pesquisadora explica que isso decorreu do sucesso inicial das teses estruturalistas, as quais tornavam possível analisar um sistema linguístico sem se ter conhecimento de seu passado.

O rápido desenvolvimento da tecnologia que vivenciamos no século XX até o momento também motivou os novos estudiosos da área da Linguística a se debruçar sobre outras questões, que não aquelas ligadas a textos escritos em uma língua já quase irreconhecível. A Linguística Sincrônica mostrava-se, assim, mais interessante: a observação do uso de diferentes variedades da língua engajavam descrições que apontavam novos rumos de pesquisas, como as divergências entre a gramática da fala e a gramática da escrita.

Nessa linha de investigação, a Sociolinguística se desenvolve em todo o continente americano, o que denota, para Kato (2018, p. 16), “a vocação do colonizado, em busca de identidade linguística própria”. É nesse ponto que a história volta a fazer sentido: a busca pelo conhecimento da construção da identidade linguística obriga os mesmos novos pesquisadores a olhar para o passado. Ou seja, diferentemente da metodologia antes adotada, que direcionava a pesquisa do passado para o presente, desta vez, a opção mais adequada para entender determinadas variações e usos do presente é voltar ao passado.

É o que buscamos realizar minimamente neste trabalho. As diversas interpretações que as formas verbais “*ter* + particípio”, no PB, e “*haber* + particípio”, nas variedades faladas na Venezuela, na Colômbia e no Paraguai do espanhol americano, revelam identidades linguísticas próprias de cada variante.

O que torna esse transporte para o fundo do túnel, como diria Fernando Tarallo, mais instigante é que mesmo tendo como objeto de estudo duas línguas distintas, a origem de ambas as formas verbais está na perífrase latina “*habere* + particípio”. Esta, por sua vez, está na base de quantas identidades linguísticas? Foi capaz de se multiplicar e seguir quantos caminhos? Tais respostas seriam, no mínimo,

exaustivas, uma vez que todas as línguas românicas, com a exceção do português, apresentam considerável produtividade da perífrase até os dias de hoje.

Na língua portuguesa, a construção “*ter/haver* + particípio” tem sido o objeto de diversos estudos de cunho histórico. Conforme destacam as autoras Cardoso e Pereira (2003), as investigações ligadas a esse elemento da língua atentam-se especialmente às alterações sintático-semânticas que estão na base do surgimento dos tempos compostos em português. Critérios formais atribuídos à construção verbal em questão, embora já amplamente discutidos na literatura linguística, serão abordados neste capítulo, como i) a concordância entre o particípio passado e o objeto direto; ii) a sintaxe verificada em diferentes momentos; iii) a transitividade do particípio passado.

No que tange à abordagem diacrônica do tempo composto em espanhol, segundo Molina (2010), a principal preocupação consiste em quantificar o retrocesso da concordância do verbo com o particípio e buscar as causas subjacentes à “morte morfossintática” desse fenômeno, que não sobreviveu depois do século XVI. Após analisar alguns trabalhos que tratam desse percurso da perda de concordância em espanhol, uma das conclusões a que Molina (2010) chega em sua tese é de que tal concordância sobreviveu mais tempo nas variedades periféricas (galego, português, leonês, aragonês), ou em escritos de autores que tinham vivido na Itália, do que no espanhol.

Atualmente, no plano sincrônico de análise de “*haber* + particípio”, verifica-se que distinção de tempo composto (*He barrido la casa*) e a construção resultativa (*Tengo barrida la casa*) é visível na escolha do auxiliar. Neste capítulo, a fim de compreendermos a organização por trás dessas mudanças, o conceito de gramaticalização será inicialmente abordado para, depois, revisarmos as mudanças pelas quais passaram as duas construções em estudo.

1.1 GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Wachowicz (2006), é consenso na literatura a afirmação de que os verbos auxiliares derivam de verbos plenos por meio de um processo denominado gramaticalização. Recorremos a Meillet (1912 apud CASTILHO, 1997, p. 110) para conceituar esse fenômeno: “atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo”. Ou seja, podemos entender que a gramaticalização diz respeito a uma

mudança de estatuto de um termo, cujos componentes linguísticos envolvidos, o léxico e a gramática, são operados em uma relação unidirecional (CASTILHO, 1997).

Para Castilho (1997, p. 110), a gramaticalização constitui um processo que incorpora outros processos:

[...] *sintaticização* (um item lexical altera suas propriedades sintáticas), *morfologização* (uma classe sintática assume propriedades morfológicas, transformando-se numa classe morfológica, como no caso dos verbos auxiliares) e *desmorfemização* (um morfema desaparece, e todo o processo recomeça, como no caso da perda do morfema de futuro {*re*}, na LF [língua falada]). (grifos do autor)

Já para Menon (2003), a gramaticalização significa um tipo especial de mudança linguística que prevê estágios de variação. No caso dos verbos auxiliares, significa que estes “[...] perdem o estatuto de verbos plenos e passam a constituir formas perifrásticas ou compostas com outros verbos [...]” (MENON, 2003, p. 79). No caso dos verbos “*ter*” e “*haber*”, nas construções formadas com particípio, acontece o que Menon (2003) cita como processo de auxiliarização, isto é, a gramaticalização de verbos que perdem seu valor como verbos plenos e passam a constituir formas perifrásticas ou compostas com outros verbos, no gerúndio, particípio ou infinitivo.

Na concepção de Heine (1993, p. 579), a gramaticalização de expressões linguísticas envolve quatro mecanismos inter-relacionados:

- i desemantization (or “bleaching”, semantic reduction): loss in meaning content;
- ii extension (or context generalization): use in new contexts;
- iii decategorialization: loss in morphosyntactic properties characteristic of the source forms, including the loss of independent word status (cliticization, affixation);
- iv erosion (or “phonetic reduction”), that is, loss in phonetic substance.⁴

Wachowicz (2006, p. 58) baseia-se em um desses mecanismos para afirmar, a respeito da passagem de verbos plenos para auxiliares, que “há traços semânticos, presentes em todos eles, que permanecem desde a fase lexical até a fase gramatical: o traço de duração e telicidade”. A autora refere-se especificamente ao mecanismo da “persistência”, por meio do qual se entende que quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para a gramatical, alguns traços de seu

⁴ i dessemantização (ou “desbotamento”, redução semântica): perda de conteúdo significativo;

ii extensão (ou generalização de contexto): uso em novos contextos;

iii decategorização: perda de propriedades morfossintáticas características das formas de fonte, incluindo a perda de status de palavras independentes (cliticização, afixação);

iv erosão (ou “redução fonética”), isto é, perda de substância fonética. (tradução nossa)

significado lexical original tendem a aderir a ele e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições em sua distribuição gramatical. Ela sinaliza, dessa forma, que não são quaisquer verbos que podem assumir historicamente o comportamento de auxiliar.

Ao investigar a distribuição do PPC nas línguas românicas, Harris (1982 apud SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 406) elabora um esquema evolutivo, organizando-o em quatro estágios:

STAGE I: the CP [Passado Composto] is “restricted to present states resulting from past actions, and is not used to describe past actions themselves, however recent” (some Southern Italian vernaculars)

STAGE II: the CP occurs “only in highly specific circumstances” such as contexts “aspectually marked as durative or repetitive” parallel to English *I have lived here /been living here all my life; I have often seen him at the theatre* (Galician and Portuguese, many varieties of American Spanish)

STAGE III: the CP expresses “the archetypal present perfect value of past action with present relevance” (Castilian Spanish; some varieties of *langue d’oil* and *langue d’oc*)

STAGE IV: the CP also expresses the preterital or aoristic functions, while the SP [Passado Simples] is restricted to “formal registers” (Standard French, Northern Italian, Standard Romanian)⁵ (grifos do autor)

Harris (1982 apud SQUARTINI; BERTINETTO, 2000) exemplifica para o estágio I o siciliano e o calabrês, línguas com um baixo grau de gramaticalização e que, por isso, admitem o uso do passado composto com leitura estritamente resultativa. Squartini e Bertinetto (2000) constatam que não há registro de línguas românicas atualmente situadas nesse estágio de mudança proposto por Harris (1982). Os exemplos a seguir (1-2) ilustram que tanto o latim quanto o português antigo já apresentaram a leitura puramente resultativa. No espanhol, a perífrase “*tener* + particípio”, embora apresente concordância entre o particípio e o complemento, não pode ser considerada puramente resultativa (3), conforme apontam Fente, Fernández e Feijóo (1997) – assunto este que será aprofundado na seção 1.3.

⁵ ESTÁGIO I: o PC [Passado Composto] é “restrito a apresentar estados resultantes de ações passadas, e não é usado para descrever ações passadas, por mais recentes que sejam” (alguns vernáculos do Sul da Itália)

ESTÁGIO II: o PC ocorre “apenas em circunstâncias altamente específicas”, como contextos “aspectualmente marcados como durativos ou repetitivos” paralelos ao inglês *I have lived here /been living here all my life; I have often seen him at the theatre* (galego e português, muitas variedades de espanhol americano)

FASE III: o PC expressa “o valor perfeito presente arquetípico da ação passada com relevância atual” (castelhano; algumas variedades de *langue d’oil* e *langue d’oc*)

ESTÁGIO IV: o PC também expressa as funções pretéritas ou aorísticas, enquanto o SP [Passado Simples] é restrito a “registros formais” (francês padrão, Norte da Itália, romeno padrão) (grifos do autor; tradução nossa)

- (1) *Habeo cultellum comparatum.*
 (2) Tenho a faca comprada.
 (3) Ya tengo planchadas las camisas.⁶

O estágio II, por outro lado, é representado pelo PB, galego e por algumas variedades do espanhol americano, conforme aponta o autor. Esse estágio exige basicamente leituras iterativas ou durativas que referem eventos que iniciaram no passado e que podem continuar até o momento de fala. As sentenças (4-5) a seguir exemplificam essa fase de gramaticalização em que se encontra a forma “*ter* + participio” do PB e um caso em que “*haber* + participio” admite as mesmas leituras (6-7)⁷ – Squartini e Bertinetto (2000) reconhecem a semelhança entre o PB e algumas variantes do espanhol, e isso também será retomado na seção 1.3, quando trataremos dessa língua.

- (4) Isso nós temos discutido muitas vezes. (ITERATIVIDADE)
 (5) Tenho estado doente. (DURATIVIDADE)
 (6) Eso ya lo hemos discutido muchas veces. (ITERATIVIDADE)
 (7) Desde entonces sólo he sido una carga para ti. (DURATIVIDADE)

No estágio III, é usada a noção generalizada de relevância atual, a qual “must be interpreted as a subjective notion, expressing some kind of psychological feeling of the speaker for what is currently relevant”⁸ (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 414). As línguas exemplificadas por Harris (1982) como localizadas nesse estágio apresentam grande variação quanto ao uso do passado composto, por isso, Squartini e Bertinetto (2000) entendem ser esse estágio um local onde diferentes graus de gramaticalização do passado composto são admitidos. Assim, eles explicam:

[...] if an Englishman, unlike a Spaniard, does not allow a temporal location adverbial (e.g. *today at three o'clock*) to co-occur with a CP [Passado Composto], this does not mean that these speakers have a different conception about what is currently relevant and what is not; it only means that the Spanish CP has reached a further stage in the aoristic drift.⁹ (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 414).

⁶ RAE-ASALE, 2010, § 28.5.1b, p. 553.

⁷ Exemplos de Lope Blanch (1961 apud SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 411).

⁸ deve ser interpretada como uma noção subjetiva, expressando algum tipo de sentimento psicológico do falante para o que é atualmente relevante. (tradução nossa)

⁹ se um inglês, ao contrário de um espanhol, não permite que um advérbio temporal local (por exemplo, *hoje às três horas*) coocorra com um CP [Passado Composto], isso não significa que esses falantes tenham uma concepção diferente sobre o que é atualmente relevante e o que não é; significa apenas que o CP espanhol alcançou mais uma etapa no estágio do traço de aoristo. (tradução nossa)

Nesta terceira fase encontra-se o uso prototípico da língua espanhola das variantes peninsulares:

(8) Ayer comí en casa, pero hoy he comido en el restaurante aquí al lado¹⁰.

No estágio IV, entre as línguas que exemplificam o uso do traço de aoristo estão o francês e o romeno *standards*, variedades do Norte da Itália, entre outras, nas quais o passado composto pode ser usado em situações puramente perfectivas, em que a ação referida é passada sem relevância presente.

Por meio da revisão de alguns pontos de vista sobre o processo de gramaticalização feita até aqui, buscamos apresentar a dinamicidade teórica por trás do fenômeno de mudança no qual as formas verbais estudadas nesta pesquisa estão envolvidas. Notamos, diante da exposição feita até aqui, que embora as transformações do PPC nas línguas românicas sejam categorizadas em estágios, estes não preveem a oscilação que o PPC do espanhol de algumas variedades latino-americanas apresenta ao perder o sentido perfectivo e se especializar na leitura durativa. Dessa forma, nos perguntamos: Nas variantes da língua espanhola em que o PPC admite leituras não perfectivas, ocorre um regresso no estágio de gramaticalização, isto é, de III para II? Ou nessas variantes o PPC espanhol acompanhou o PPC do português e nunca avançou para o estágio III?

Na sequência, trataremos especificamente de algumas dessas transformações que o PPC passou no português e no espanhol.

1.2 O TÚNEL DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Começamos este tópico falando do latim. Não poderia ser diferente, se buscamos lançar um olhar mesmo que rápido para a história: o idioma que hoje conhecemos por português teve origem nos falantes românicos, que se entendiam mutuamente por meio de um “romance” ou “vulgar” – tais denominações, conforme Faraco (2016), eram dadas às variedades linguísticas que começaram a surgir no latim imperial após a queda do Império Romano no século V. A autoridade da Igreja Católica e as produções filosóficas e científicas que compreenderam essa época, entre outras

¹⁰ Exemplo de Ceolin (2003, p. 42).

razões, fizeram com que somente o latim fosse digno de ser reconhecido como língua, pelo menos até o Renascimento.

Conforme descreve Faraco (2016), o romance surgiu no Noroeste da Península Ibérica, na Galiza, e foi chamado de “galego” – nome este que tem registro em 1300, aproximadamente. Muito tempo depois, por volta de 1430, é que a designação “português” aparece. A junção dos dois nomes na expressão “galego-português”, de acordo com o autor, não tem qualquer fonte documental dessa época e pode ser considerada uma invenção da filologia portuguesa do século XIX. Por isso, aqui nos referimos ao português falado nesse período como “português antigo”.

Voltemos ao latim. Mattos e Silva (1992), uma das estudiosas do processo de mudança pelo qual passaram os auxiliares da língua portuguesa, baseia-se em Gaffiot (1934) para explicar que no latim *habere* tinha como primeira acepção ‘ter em sua posse’, exemplificado em (1a,b), ‘guardar’ e, entre os usos figurados, ‘ter na mão’; já *tenere* basicamente significava ‘ter algo na mão’, expressando posse, como exemplificado em (1c), ‘obter’, equivalendo a “passar a ter”, como exemplifica (1d), tendo como acepções secundárias ‘manter’, ‘reter’, equivalendo a “continuar a ter”, como em (1e), etc. Para a autora, tais significados já denotam a interseção semântica entre *habere* e *tenere* na expressão de algo concreto, ‘ter na mão’.

(1) a. An virtudes (2.1.14)

b. Avian hua eigreja (4.6.5)

c. Livros que tinha (4.12.9)

d. E assi parece que no outro mundo ha fogo de purgatorio per que se purgan os pecados veniaes e en que homen ten as peendenças que en este mundo non teve polos pecados que fez (4.37.10)

e. Vinho que tinha no vaso (1.17,13)¹¹

Referindo-se às estruturas de posse, Mattos e Silva (1992) atesta que a variação na seleção de “*haver*” ou “*ter*” dependia da natureza semântica do complemento do verbo, o objeto possuído. Ela define, então, três tipos semânticos para o complemento:

- qualidades inerentes, não transferíveis, tais como características ou estados físicos do possuidor, sujeito da frase (abrev. QI);
- qualidades adquiríveis imateriais: morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais (abrev. AI);

¹¹ Exemplos extraídos de um *corpus* trecentista, Diálogos de São Gregório, de Mattos e Silva (1971 apud RIBEIRO, 2018, p. 276).

- objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor (abrev. AM). (MATTOS; SILVA, 1992, p. 90).

Nos dados que a autora encontra para o século XIV, ela constata que nos casos em que o complemento denotava qualidades inerentes ao possuidor só ocorria “*haver*” (barvas, cegueira, enfermidade, idade etc.), já quando se tratava de qualidade adquirível imaterial ou material, “*haver*” e “*ter*” variavam nos usos, prevalecendo “*haver*” para os complementos do tipo imaterial (fé, graça, poder, ira, medo etc.) e “*ter*” para os de tipo material (arca, vinho, médio etc.).

Dessa forma, no português antigo, “*haver*” predominou em estruturas de posse, porém, já na segunda metade do século XV houve a difusão de “*ter*”, o qual excluiu “*haver*” nessas estruturas. Este, por sua vez, havia se especializado como verbo existencial no latim vulgar, esclarece Mattos e Silva (1992), já que “*ser*” perde essa denotação. Sabemos, entretanto, que no PB atual “*ter*” também se expandiu para o sentido existencial, como em (2), o que justifica, na história do português, o fato de que “*haver*”, “*ter*”, “*ser*” e “*estar*” estão interligados em estruturas possessivas, atributivas e existenciais.

(2) Ali hu á vida (4.4.26)¹²

Voltando-nos para o escopo desta pesquisa, isto é, a forma verbal do tempo composto no PB, destacamos o que Tekavcic (1972 apud RIBEIRO, 2018, p. 267) apresenta como um exemplo típico do tipo de construção latina com *habere* que possivelmente originou as perífrases perfectivas das línguas românicas:

(3) in ea província pecúnias magnas collocatas habent (Cícero)

Ribeiro (2018) baseia-se no autor para explicar que essa sentença significa “eles têm muitas riquezas investidas nesta província”, e não “eles têm investido muitas riquezas nesta província”. Assim, somente quando a construção da primeira tradução – em que há concordância entre o participio e o complemento – possibilita a segunda leitura é que é possível falar em tempos do *perfectum*. Sobre essas construções, Squartini e Bertinetto (2000, p. 404) resumem em três pontos suas características:

- (a) there is no obligatory coincidence between the subject of the inflected verb and the subject of the Perfect Participle [...];
- (b) the Perfect Participle has a predicative meaning, and is a complement of the Object;

¹² Idem.

(c) the inflected verb retains its lexical meaning of possession, i.e. it is not a true auxiliary.¹³

Ocorrências como a exemplificada em (3), usuais no português antigo, são analisadas por Mattos e Silva (1981; 1987; 1989; 1990), a qual afirma que “*haver*” e “*ter*” se unem ao particípio de natureza transitiva, concordando com o complemento direto. Esse traço gramatical, afirma a autora, indica que a construção não deve ser analisada como tempo composto. Sobre essa constatação, Cardoso e Pereira (2003, p. 167) afirmam que apenas critérios morfossintáticos não podem, por si só, ser usados para o estabelecimento do contraste tempo composto/construção resultativa, pois “não parece existir nenhum conflito entre a construção de tempo composto e o acordo participial”¹⁴.

Loporcaro (1998 apud CARDOSO; PEREIRA, 2003), nesse sentido, assume uma perspectiva, ao mesmo tempo, diacrônica e sincrônica, e desmonta a argumentação tradicional de que se há concordância do particípio com o complemento, a perífrase não é completamente gramaticalizada. Cardoso e Pereira (2003) se apoiam no autor, que demonstra que a concordância do particípio não implica a persistência de uma perífrase resultativa, como exemplifica a sentença (4) do francês, e que existem, embora raras, variedades neolatinas que mostram ausência de concordância do particípio em construções resultativas.

(4) Jean les a lus.

‘Jean os leu’.

Embora Loporcaro (1998 apud CARDOSO; PEREIRA, 2003, p. 168) considere que são muitos os casos em que, de fato, a presença ou a ausência da concordância do particípio corresponde à diferença entre perífrase resultativa e tempo composto, o autor salienta que “*anche per le fase antiche, della distinzione strutturale fra le due classi di costrutti si deve giudicare altrimenti che non in base alla presenza/assenza di accordo participiale*”¹⁵. Não aprofundaremos essa discussão, a qual

¹³ (a) não há coincidência obrigatória entre o sujeito do verbo flexionado e o sujeito do Particípio Perfeito [...];

(b) o Particípio Perfeito tem um significado predicativo e um complemento do Objeto;

(c) o verbo flexionado retém seu significado lexical de posse, ou seja, não é um verdadeiro auxiliar. (tradução nossa).

¹⁴ Essa conclusão das autoras é baseada na análise de textos não literários do século XIII, dos quais provêm os dados quantitativos relativos à concordância entre particípio passado e o objeto direto e à transitividade do particípio passado.

¹⁵ “mesmo para as fases antigas, a distinção estrutural entre as duas classes de construtos deve ser julgada de outra forma do que pela presença/ausência de concordância do particípio” (tradução nossa)

compreende uma vasta bibliografia e exige uma exposição mais detalhada que não compõe o escopo deste trabalho.

Voltando às investigações de Mattos e Silva (1997, p. 275) sobre o aparecimento dos tempos compostos com “*ter*” e “*haver*” e o particípio, a autora explica que embora historiadores do português atestem a variação na concordância da forma participial com o objeto direto na primeira metade do século XV, ela comprova por meio de um *corpus* do século XIII o uso de “*ter/haver* + particípio de verbo não transitivo” muito antes do que inicialmente reconhecido:

(5) II, 625 e o demandador lhy teuer forçado algua cousa.

(6) I, 124 e despoys esto fez ome a maneyra de sa corte e(n) como / a si / auya posto cabeça e começo, pose ao home a cabeça encima do corpo...

Mattos e Silva (1997, p. 279) destaca que no século XIII, pela análise quantitativa das ocorrências, “*ter*” era selecionado nessas estruturas em frequência muito inferior à de “*haver*”. A autora, entretanto, salienta que os dados

[...] não podem sustentar a hipótese de já haver “tempo composto” no século XIII, sobretudo por sabermos que não é essa a característica que definirá o “tempo composto”, como argumentou I. Ribeiro (1993). Contudo, se associarmos esses dados ao dado do FR [Foro Real] de *aver + jazudo* e não *ser + jazudo* a outro encontrado no *corpus* analisado das CSM [Cantigas de Santa Maria]:

6.82 *Ca muito per ás dormido, dormidor te feziste*

em que, tal como *jazer*, tem-se um verbo ergativo com auxiliar *haver*, pode-se admitir que a estrutura de “tempo composto” já então se difundia para verbos não transitivos [...] (grifos da autora)

Ribeiro (2018) reforça que não considera a presença ou a ausência de concordância entre o particípio e o complemento como elementos definidores da formação de tempos compostos. A autora lembra um exemplo vindo do francês: a construção “*être* + particípio” em tempo composto apresenta até hoje concordância entre particípio e complemento; o mesmo ocorre em algumas construções com o auxiliar “*avoir*”.

Entretanto, acreditamos que, conforme atesta Mattos e Silva (2013), é na passagem da concordância com o particípio a não concordância que podemos situar a difusão da estrutura própria do tempo composto. Por meio do exemplo a seguir, extraído de passagens da *Lenda do rei Rodrigo*, Mattos e Silva (2013, p. 141) indica que houve, em um dado período, a coocorrência da concordância e não concordância em um mesmo enunciado:

(7) e non sabedes vós *quanto afam e trabalho avedes tomado e quantas espadas e seetadas havedes levadas*.

No português moderno, já não há traços ou vacilações na concordância com o complemento, e as formas verbais “*ter*” e “*haver*” podem ser combinadas com participípios passados de natureza transitiva, intransitiva e ergativa, nos tempos compostos. Destacamos, entretanto, que a construção “*haver* + participípio” é obsoleta no PB atual e, quando usada, atribui à linguagem uma feição solene. O uso corrente ficou por conta de “*ter* + participípio” – inclusive, até mesmo no português de Portugal, segundo Ribeiro (2018), há uma tendência nos falantes em preferir o auxiliar “*ter*” ao “*haver*”.

Nesta seção esboçamos alguns apontamentos de pesquisadores que fornecem usos documentados da perífrase que originou o PPC no PB. Verificamos que há evidências históricas para diferentes estágios de desenvolvimento dos auxiliares “*ter*” e “*haver*”, presentes desde construções locativas até resultativas. Conforme vimos anteriormente, cada etapa de mudança se enquadra em um estágio de gramaticalização desses elementos na história do português. No caminho percorrido até o tempo composto que conhecemos, entendemos que tanto “*haver*” como “*ter*” surgiram como verbos semanticamente plenos no português antigo e competiram como verbo auxiliar nas perífrases perfectivas e nas construções existenciais – ocupando ainda hoje esses contextos.

Na seção seguinte, tentaremos revisar como se deu esse processo de transformação da perífrase latina no PPC do espanhol.

1.3 O TÚNEL DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO ESPANHOL

O mesmo verbo que predominou no Pretérito Perfeito Composto da língua portuguesa, “*ter*”, no tempo composto espanhol, “*tener*” limitou-se a compor perífrase verbal com o participípio. As perífrases verbais formadas nas construções “*tener* + participípio” (1) reconhecidas pela RAE se limitam aos casos em que o participípio concorda com o sujeito ou com o objeto direto, fator que as diferem do tempo *Pretérito Perfecto Compuesto* (2):

(1) Ya tengo planchadas las camisas.¹⁶

¹⁶ RAE-ASALE, 2010, § 28.5.1b, p. 553.

(2) Ya he planchado las camisas.

Entretanto, no Manual da RAE, afirma-se que existe outra variante dialetal que não passou aos registros formais, em que o participio é invariável:

(3) Tengo hecho algunas cosas.

Nesse caso, há o reconhecimento de que o verbo “*tener*” se aproxima dos auxiliares dos tempos compostos do PB (RAE-ASALE, 2010, p. 555). Embora a RAE afirme que nas construções denominadas *Pretérito Perfecto Compuesto* “*haber*” é o auxiliar identificado como aquele capaz de “fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou durativas” (RAE-ASALE, 2010, p.438 § 23.4.1a), Fente, Fernández e Feijóo (1997) afirmam que “*haber*” tem naturalmente um valor perfectivo ou terminativo, enquanto “*tener*” expressa duração, repetição ou insistência e acumulação.

Squartini e Bertinetto (2000, p. 407) também tocam nessa questão:

Even Spanish *tener* + Past Participle, which coexists with the most productive CP [Passado Composto] construction, built by means of the verb *haber* + Past Participle, seems to be in a further stage of grammaticalization, as shown by Harre (1991). Its usage is not restricted to durative states, like in: *Este chico tiene preocupada a su madre* ‘The mother of this boy is worried because of him’ [...] or to durative states resulting from past events: *Tengo pedido el libro* ‘The book is now requested’ [...] because some speakers also accept iterative past contexts, such as: *Me tiene dicho repetidas veces que no piensa casarse con él* ‘She told me several times that she is not considering marrying him’ [...] or even past punctual situations: *Tengo oído que mañana no va a haber clase* ‘I heard that there is no class tomorrow’ [...]. Admittedly, the usage of this construction has not yet become fully productive, and there is a great deal of variation as to extending it to other iterative contexts, such as for instance: *Tengo perdida la cartera varias veces* ‘I (have) lost the wallet many times’ [...].¹⁷

Na citação, os autores se referem ao primeiro estágio de gramaticalização proposto por Harris (1982), isto é, embora tal fase preveja a expressão de ações

¹⁷ Mesmo o espanhol *tener* + participio passado, que coexiste com a construção CP [Passado Composto] mais produtiva, construída por meio do verbo *haber* + participio passado, parece estar em um estágio adicional de gramaticalização, como mostra Harre (1991). Seu uso não se restringe a estados durativos, como em: *Este chico tiene preocupada a su madre* ‘The mother of this boy is worried because of him’ [...] ou a estados durativos resultante de eventos passados: *Tengo pedido el libro* ‘The book is now requested’ [...] porque alguns falantes também aceitam contextos passados iterativos, tais como: *Me tiene dicho repetidas veces que no piensa casarse con él* ‘She told me several times that she is not considering marrying him’ [...] ou mesmo em situações pontuais do passado: *Tengo oído que mañana no va a haber clase* ‘I heard that there is no class tomorrow’ [...]. Certamente, o uso dessa construção ainda não se tornou totalmente produtivo, e existe uma grande variação para estendê-lo a outros contextos iterativos, como: *Tengo perdida la cartera varias veces* ‘I (have) lost the wallet many times’ [...]. (tradução nossa)

resultantes de situações passadas, o resultativo, a perífrase “*tener* + participio” parece ter avançado desse estágio, uma vez que pode apresentar duratividade ou iteratividade.

Verificamos, dessa forma, que o verbo “*tener*” do espanhol, diferentemente do que aconteceu em português, não suplantou “*haber*”, porém segue presente e evidencia seu curso de gramaticalização.

Voltando à construção estudada nesta pesquisa, “*haber* + participio”, destacamos que Squartini e Bertinetto (2000), quando tratam do segundo estágio de gramaticalização de Harris (1982), reconhecem seu uso em algumas variedades americanas como semelhante ao PB. Amparando-se em Lope Blanch (1961), entre outros estudiosos dos tempos compostos no espanhol, os autores apontam que o PPC do espanhol mexicano pode indiciar eventos iterativos (4) ou durativos (5).

(4) *Eso ya lo hemos discutido muchas veces.*

‘Isso já discutimos muitas vezes’

(5) *Pero ¿Cómo? ¿Tú con lentes? – Pues claro; yo siempre los he usado.*

‘Mas, como? Você com lentes? – É claro; eu sempre as usei’

Os autores não fazem qualquer comentário a respeito dos advérbios presentes nos exemplos, “*muchas veces*” e “*siempre*”, os quais, como questionamos neste trabalho e analisamos no capítulo 4, podem ser os únicos responsáveis pelas leituras aspectuais de duração e iteração.

Outras variedades do espanhol americano (falado na Colômbia, Porto Rico e Buenos Aires), segundo Squartini e Bertinetto (2000), comportam-se de forma paralela ao espanhol mexicano, ou seja, podem exprimir duração ou iteração. Além disso, esses autores e Gutiérrez Araus (2001) estão em acordo com relação a esse levantamento do PPC espanhol, já que ambos reconhecem que “the distribution is not at all homogeneous at both the diaphasic and the geographic dimension” (SQUARTINI; BERTINETTO, 2000, p. 413).

Quanto ao estágio III de gramaticalização organizado por Harris (1982), Squartini e Bertinetto (2000) afirmam que o PPC do espanhol parece estar bastante avançado nesse processo de transformação e citam alguns exemplos, que são reproduzidos aqui¹⁸: além de ocorrer em contextos inclusivos, como é possível verificar em (6), o PPC também é aceitável em outros contextos, como em *hot news* (7), experienciais (8), na indicação de anterioridade em relação ao momento de referência

¹⁸ Exemplos de Squartini e Bertinetto (2000, p. 415).

(9-10), nos casos em que a ação é resultado persistente de uma ação passada (11) ou, ainda, na expressão de um passado recente – caso em que são admitidos advérbios temporais que indicam essa situação (12).

(6) He vivido aqui toda mi vida.

'Vivo aqui toda a minha vida'

(7) Ha llegado el rey!

'O rei chegou!'

(8) ¿Has estado en Australia?

'Tem estado na Austrália?'

(9) No, ha salido ya.

'Não, já saiu'

(10) No, todavía no ha llegado.

'Não, todavía não chegou'

(11) No, ha muerto.

'Não, morreu'

(12) Hoy me he despertado a las cuatro de la madrugada.

'Hoje acordei às quatro da madrugada'

Antes do espanhol, em toda a sua variação, admitir tais usos, houve um longo processo de gramaticalização lento e gradual pelo qual a construção “*haber* + participio” passou. Javier Rodríguez Molina teve essa investigação como um dos temas que renderam mais de duas mil páginas em sua tese de doutoramento (2010). Por meio de tal leitura, composta da análise de um extenso *corpus* antigo, verificamos que a evolução do tempo composto espanhol esteve condicionado a diversos fatores de natureza linguística e extralinguística.

Segundo Molina (2010, p. 2049-2050), os cinco¹⁹ tipos de mudança diacrônica pelos quais o PPC do espanhol passou estiveram sujeitos à variação dialetal, a qual, entre tantos outros fatores, “incidió en el curso evolutivo de todos estos fenómenos y determinó, en parte, la dirección seguida por el español frente a otras lenguas romances”²⁰. Detendo-se especificamente às transformações de cunho semântico, Molina (2010) acredita que estas são bem respondidas à luz dos indicadores da

¹⁹ (1) la extensión semántica de *haber* + participio; (2) la anteposición del participio (*dicho ha estas cosas*); (3) la interpolación (*ha esto dicho*); (4) la concordancia entre el objeto y el participio (*ha dichas estas cosas*); (5) la reducción fonética *avemos > hemos* en la cuarta persona del antepresente (*avemos cantado > hemos cantado*). (MOLINA, 2010, p. 2039)

²⁰ “incidiu no curso evolutivo de todos esses fenómenos y determinou, em parte, a direção seguida pelo espanhol frente a outras línguas românicas” (tradução nossa).

gramaticalização, por outro lado, outras mudanças associadas ao mesmo fenômeno, como a perda de concordância entre o particípio e o objeto, já não podem ser entendidas como resultado de um maior ou menor grau de gramaticalização.

Ressaltando os câmbios semânticos discutidos pelo autor, destacamos sua afirmação de que o verbo latino “*habeo*” passou por um esvaziamento de significado, ou seja, ao longo do tempo, “*habeo*” foi adquirindo um significado mais abstrato e polissêmico na construção latina “*habeo* + particípio”, até chegar a desempenhar a função de auxiliar, sem significado lexical próprio.

Molina (2010, p. 98) exemplifica:

Uno de los efectos más palpables de la generalización de significado que experimentó el verbo HABEO en la construcción HABEO + PTCP ya en el propio latín fue la extensión de esta construcción a participios y objetos cuyo significado léxico se alejaba de la posesión prototípica, como los verbos de percepción (4a-b), o a verbos incompatibles con el significado posesivo / resultativo originario, como el verbo dejar en (4c) o estar en (4d).

(4)

a. Clodii animum **perspectum habeo, cognitum, iudicatum** (Cic. *Ad Brut.*, 1,1,1) (Jacob 1995: 373)

b. si igitur memoria perceptarum compresarumque rerum est, omnia, quae quisque meminit, **habet** ea **compresa** atque **percepta** (Cic. *Acad.* 4, 106)

c. **Dexado ha** heredades τ καφας τ παλαçios (PMC 115)

d. Est rei Euilmerodac sacco de la carcel a Ioachim, el rei de Iudea, que xvii annos hi **auia estado** (LR 7, 13). (grifos do autor)

A respeito da perda de concordância entre a forma participial e o complemento, Molina (2010, p. 2046) afirma tratar-se de um resultado da união de vários fatores linguísticos:

(a) la funcionalidad y las propiedades gramaticales inherentes del controlador; (b) el aumento de la frecuencia de uso de los ejemplos de CONC 0 y no concordancia; (c) la pérdida de la sintaxis medieval y las estructuras que más favorecían la presencia de la concordancia (OD-AUX-V y AUX-OD-V); (d) los cambios históricos asociados a la codificación de la transitividad, en el sentido de que el aumento de estructuras de transitividad opaca (leísmo, MDO, construcciones ditransitivas de doble objeto, construcciones con OD no canónico, etc.) pudo favorecer la pérdida de la concordancia.

Ademais, o autor aponta alguns fatores extralinguísticos que podem ter contribuído para tal mudança, como o contato com o basco, língua que não dispõe de categoria de gênero.

Nesta seção foram esboçados alguns aspectos que se relacionam à evolução da construção “*haber* + particípio” no espanhol. Dada a extensão e a complexidade da bibliografia existente sobre tal enfoque diacrônico do PPC castelhano, nos detivemos a

alguns pontos da tese de Molina (2010), a qual apresenta um exaustivo levantamento teórico e empírico da gramaticalização da forma verbal enfocada neste estudo, bem como demonstra em detalhes o grande leque de fatores linguísticos e extralinguísticos que estiveram e estão na base da transformação de quaisquer línguas.

1.4 TEORIAS SEMÂNTICAS PARA O ESTUDO DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO

O estudo do significado, em sua dimensão mais ampla (semiótica) e em sua dimensão linguística (semântica), é, como afirmam os semanticistas Ferrarezi Jr. e Basso (2013), uma das mais antigas buscas do espírito humano. Entretanto, mesmo considerando que a Antiguidade não tenha sido alheia às questões do significado, somente no século XIX a Semântica se estabeleceu como um ramo linguístico. Foi no cenário de uma tendência historicista desse século que o estudioso Michel Bréal (1832-1915), no seu *Essai de Sémantique* (1897), cunhou o termo “semântica” no propósito de fazer uma explicação para a simplificação de mudança na esteira do que é uma explicação das leis fonéticas, isto é, da mesma forma que autores como August Schleicher se debruçaram sobre certos fenômenos da fonética, Bréal tentou explicitar o papel da vontade humana no desenvolvimento da linguagem, propondo leis que regem tal vontade. Estas, por sua vez, não serão discutidas neste trabalho, entretanto destacamos que elas perpassam – revestidas de outras denominações e sob outros olhares – a literatura linguística já há muito tempo, como aquelas relacionadas à gramaticalização, cuja essência é possível encontrar na lei da especialização, e aquelas relacionadas à produtividade do morfema, fenômeno cuja premissa está na lei de irradiação.

Borges Neto, Müller e Pires de Oliveira (2012), assim, definem a semântica como um empreendimento, “[...] um projeto coletivo que visa entender o fato de que nós, humanos, temos a capacidade de interpretar qualquer sentença da nossa língua, que adota uma metalinguagem lógico-matemática”. Ou seja, o ser humano é capaz de atribuir significado a um número ilimitado de sentenças, e nesse processo de atribuição de sentidos, de entendimentos, “atribuímos referência, temporalizamos, aspectualizamos, quantificamos, pressupomos, implicamos...” (PIRES DE OLIVEIRA, 2002, p. 348). Cada um desses procedimentos mentais de que somos capazes é estudado

por meio de um grande número de teorias, entre elas, aquelas ligadas às categorias de tempo e aspecto.

Abordar, mesmo que resumidamente, o que já foi dito na literatura linguística sobre tempo e aspecto é um desafio. Limitamo-nos, então, a revisar algumas propostas teóricas dos principais autores que se engajaram no tema.

1.4.1 Categoria TEMPO

A palavra *tempo*, no PB e no espanhol, é polissêmica, uma vez que recobre pelo menos dois planos de descrição: tempo gramatical e tempo cronológico. O primeiro refere-se à linguagem, isto é, ao tratamento de morfemas, palavras e construções gramaticais; o segundo refere-se ao mundo, onde se registram fatos com determinadas relações cronológicas (ILARI, 1997). Línguas como o alemão e o inglês, por exemplo, têm palavras distintas para o tempo gramatical (*tempus, tense*) e tempo cronológico (*zeit, time*).

Quando o assunto é os tempos verbais, notamos que muitas pesquisas se referem à contribuição de Reichenbach (1947), seja para tomá-la como base, seja para refutá-la; por isso, consideramos importante o resumo de seu postulado teórico constar nesta dissertação.

Em sua obra, intitulada *Elements of Symbolic Logic*, publicada no final da década de 1940, Hans Reichenbach, ao tratar do verbo, aponta como característica fundamental dos morfemas de tempo (*tenses*) do inglês a capacidade de relacionar cronologicamente três tempos ou momentos que seriam estruturalmente relevantes para a sua compreensão:

- o momento de fala, S (*speech time*);
- o momento da realização da ação expressa pelo verbo, E (*event time*);
- o momento da referência, R (*reference time*).

Reichenbach (1947) entende, então, que a estrutura temporal de dois pontos adotada pela gramática tradicional (momento de fala e o momento da realização da ação expressa pelo verbo) não é adequada para o tratamento dos tempos gramaticais, e acrescenta mais um ponto: o momento de referência. Para elaborar sua teoria para a estruturação dos tempos verbais, Reichenbach parte do pressuposto de que os tempos verbais determinam o tempo em relação à referência e ao momento do ato de fala de um

dado enunciado. O momento da enunciação (momento de fala), portanto, possibilita o entendimento de outras três relações: antes, durante e depois do momento de fala.

Ilari (1997) afirma que a ideia de Reichenbach é bastante próxima das intuições do falante, se aplica bem ao PB e responde a duas exigências que têm um forte apelo intuitivo:

- a) em primeiro lugar, fornece instruções para situar o “momento de evento”, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. E esse é, intuitivamente, o objetivo do uso dos tempos verbais;
- b) em segundo lugar, ao levar sistematicamente em conta o “momento de fala”, confirma a intuição corrente de que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação da enunciação. [...] (ILARI, 1997, p.14-15).

Assim, as entidades temporais S, E e R representam, de diferentes maneiras, os tempos verbais. Para o tempo presente, por exemplo, os três momentos devem coincidir, sendo, nesse caso, a representação correspondente S,E,R (em que a vírgula simboliza a superposição), exemplificada em (1); no tempo futuro, temos S – R,E (isto é, o momento de fala é anterior ao momento de referência, e este coincide com o momento do evento), exemplificada em (2); no tempo passado, temos R,E – S (o momento de fala ocorre posteriormente ao evento e ao momento de referência), exemplificada em (3).

(1) I see John.

‘Eu vejo o John’

(2) I shall see John.

‘Eu verei o John’

(3) I saw John.

‘Eu vi o John’

O momento de referência faz mais sentido quando falamos nos tempos compostos. Na sentença em (4), por exemplo, o momento de fala é o momento da enunciação, o tempo de referência é na semana passada e o tempo do evento é um tempo indeterminado antes da última semana. Cada ponto, portanto, tem um lugar diferente na linha do tempo (E – R – S).

(4) Marilyn had already won the prize last week.²¹

‘Marilyn já tinha ganhado o prêmio na semana passada’

Já no caso do *Present Perfect*, Reichenbach (1947) explica que o momento de referência e o momento de fala coincidem (5). O Pretérito Perfeito Composto do PB,

²¹ Smith (1978, p. 44).

por exemplo, pode ser, em parte, enquadrado no que o autor chama de *extended tenses*, já que “are sometimes used to indicate, not duration of the event, but repetition” (REICHENBACH, 1947, p. 73)²². Assim, o lógico concebe que a forma no participio nos tempos compostos do inglês indica que o evento engloba um determinado período de tempo, e não apenas um ponto fixo na linha temporal – o que se aplica ao PB, já que a sentença em (6) é traduzida para o português por meio do PPC, conforme glosa.

(5) I have seen John.

‘Eu vi John’

(6) I have been seeing John.

‘Eu tenho visto John’

Atendo-nos ainda ao momento de referência de Reichenbach (1947), vamos nos reportar a dois autores, entre os tantos que questionaram a interpretação desse ponto temporal (WACHOWICZ; BASSO; FOLTRAN, 2010): Smith (1978) e Bertinetto (1982). Os dois, apoiando-se no modelo reichenbachiano, consideram, de certa forma, o papel dos advérbios fundamental para o estabelecimento do ponto R.

Smith (1978) explica que certos advérbios relacionam-se explicitamente com o momento de fala, seja equivalendo-se à simultaneidade, como *right now* (“agora”), à precedência, como *yesterday* (“ontem”), ou à procedência, como *tomorrow* (“amanhã”). Além disso, a autora também lembra que certas preposições também indicam um valor relacional: *before* (“antes”), para anterioridade; *at* (“em”) para simultaneidade; *after* (“depois”), para posterioridade.

Desse modo, para esclarecer como se dá o momento de referência, Smith (1978) defende que é a interação do tempo com os advérbios que resulta nesse ponto de Reichenbach (1947), como (7), que exemplifica sua localização no passado. Há casos, entretanto, em que tal combinação não estabelece o ponto R (8), não podendo a sentença ser totalmente interpretada sem informações adicionais.

(7) Scott won the race a week ago.

‘Scott venceu a corrida há uma semana’

(8) Ross had left on Tuesday.

‘Ross tinha partido na terça-feira’

²² “são às vezes usados para indicar não duração de um evento, mas repetição” (REICHENBACH, 1947, p. 73).

A autora explica que, em casos como (8), no qual não há uma âncora para a terça-feira em que Ross foi embora, é necessário um ponto de referência que livre a sentença da dependência semântica de outras. Além disso, sentenças sem um ponto R claro (isto é, estabelecido por um advérbio), segundo Smith (1978, p. 48), podem ter mais de uma leitura, conforme seus exemplos:

(9) Albert is playing tennis

'Albert está jogando tênis'

a. Something unusual is scheduled for tomorrow: Albert is playing tennis

'Algo incomum está agendado para amanhã: Albert está jogando tênis'

b. We can't discuss the problem now: Albert is playing tennis.

'Não podemos discutir o problema agora: Albert está jogando o tênis'

As interpretações de (9) permitem que o momento de referência esteja no futuro (9a) ou no presente (9b). Portanto, a autora sinaliza que sentenças sem o ponto R são semanticamente incompletas.

Bertinetto (1982), por sua vez, defende que o momento de referência só se justifica em tempos compostos, e que é denotado pelo verbo auxiliar. Além disso, para o autor, essa noção fica mais clara em um outro ponto que ele chama de localização (L) – estabelecido exclusivamente pelos advérbios de tempo. A nova função (L), acrescentada aos pontos S, E e R de Reichenbach (1947), é explicada por meio da distinção de duas outras noções: referência temporal extrínseca (L) e referência temporal intrínseca (R). A primeira diz respeito às informações de tempo provenientes do mundo real, extralinguísticas; a segunda, diferentemente, refere-se aos dados linguísticos disponíveis, como flexão verbal, que são requeridos pelos tempos compostos.

Seguindo a linha de pensamento de Bertinetto (1982), Wachowicz, Basso e Foltran (2010, p. 14) analisam algumas sentenças do PB:

(10) João está lendo o jornal (agora).²³

E, L, F = o tempo de “João ler o jornal” (E) dá-se concomitantemente ao tempo do proferimento de tal sentença (F) (mais precisamente “agora” (L)).

(11) Pedro reformou a casa (ano passado).

E, L – F = o tempo de “Pedro reformar a casa” (E) e um tempo de referência (R) é anterior ao tempo do proferimento dessa sentença (F) (mais precisamente “no ano passado” (L)).

(12) Célio vai chegar tarde (amanhã).

²³ Nos exemplos, os autores usam F para o momento de fala.

F – E, L = o tempo de “Célio chegar” (E) e um tempo de referência (R) é posterior ao tempo do proferimento dessa sentença (F) (mais precisamente “amanhã” (L)).

(13) Leandro tinha encontrado a chave antes de ir embora (ontem).

E, L – R – F = o tempo de “Leandro encontrar a chave” (E) é anterior ao tempo de referência de “Leandro ir embora” (R) e ambos são anteriores ao tempo do proferimento dessa sentença (F) (mais precisamente “ontem” (L)).

Uma problemática destacada pelo próprio Bertinetto (1982, p. 88) é a questão da precisão de L, isto é, em que medida, em um contexto real de comunicação, L é identificado:

Thus, it can be said that more often than not in actual communicative intercourse people do not care to know when exactly a given event took place, unless they are urged to do so by some peculiar need. Notice, now, that even the temporal localization of R needs not always be extremely precise [...]. However, there is an important difference between L and R. As a matter of fact, L can be lacking not only in the surface structure (in the sense that it is implicit), but also in the deep informative structure (in the sense that we do not care to know it). Of course, if we are to give a fully explicit extensional account of a sentence [...] we must be able to localize exactly the time of John's going away: so from this point of view, L is always a necessary tool for the precise semantic interpretation of tensed sentences.²⁴

Como a nossa preocupação nesta pesquisa é primeiramente aspectual, e não temporal, no que tange aos modelos teóricos apresentados, tomaremos os pressupostos de Smith (1978), uma vez que, principalmente referindo-se à forma verbal “*haber* + participio” do espanhol, uma de nossas hipóteses é a de que os adjuntos adverbiais podem alterar a interpretação da sentença. Além disso, seguimos o pensamento da autora no que se refere à dependência semântica dos enunciados sem R especificado por meio de um advérbio, uma vez que na língua espanhola o *Pretérito Perfecto Compuesto* precisa quase sempre de uma âncora adverbial para desambiguar a leitura, como veremos mais adiante.

²⁴ Assim, pode-se dizer que, na maioria das vezes, em relações comunicativas reais, as pessoas não se importam em saber quando exatamente um determinado evento ocorreu, a menos que sejam instadas a fazê-lo por alguma necessidade peculiar. Note, agora, que mesmo a localização temporal de R nem sempre é extremamente precisa [...]. No entanto, há uma diferença importante entre L e R. De fato, L pode faltar não apenas na estrutura superficial (no sentido de que é implícita), mas também na estrutura informativa profunda (no sentido de que não nos importamos em conhecê-la). É claro que, se quisermos dar um relato extensional totalmente explícito de uma sentença [...] devemos ser capazes de localizar exatamente o tempo de João se afastando: então, desse ponto de vista, L é sempre uma ferramenta necessária para a interpretação semântica precisa das sentenças temporais. (tradução nossa)

1.4.1.1 Expressão de tempo em espanhol

Os tempos verbais em espanhol, conforme consta na versão *Manual de la Nueva Gramática de la lengua española*, RAE-ASALE (2010), se classificam tradicionalmente de acordo com a estrutura morfológica, que permite distinguir entre tempos simples e compostos; a ancoragem temporal, que os dividem em tempos absolutos e relativos, por um lado, e tempos da esfera temporal do presente ou do passado, de outro; a característica aspectual, em que se diferenciam entre tempos perfectivos e tempos imperfectivos.

Segundo a RAE-ASALE (2010), a forma “*haber* + participio” é considerada um tempo relativo, pois se orienta em um ponto da linha temporal, a qual funciona como ponto de referência ou de ancoragem distinta do momento da enunciação. Dentro da esfera temporal, no entanto, há o reconhecimento de que a construção oscila entre a esfera do presente e a esfera do passado.

Desse modo, são explicitadas na RAE-ASALE (2010) diversas terminologias que explicam os sentidos assumidos no tempo composto do espanhol: interpretação de antepresente; interpretação perfectiva ou de aoristo; interpretação prospectiva; pressuposição existencial; perfeito de experiência ou experiencial; perfeito composto contínuo ou de aspecto contínuo; perfeito de acontecimentos recentes ou de passado imediato; perfeito de notícias recentes; perfeito resultativo.

É considerado um antepresente quando a construção “*haber* + participio” é usada para fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou durativas. Tais situações têm lugar em um intervalo que se abre em um ponto inespecífico do passado e se prolonga até o momento de fala e o inclui. A interpretação perfectiva ou de aoristo ocorre quando a construção assume a forma do pretérito perfeito, como em “*Há muerto hace dos meses*” (uso característico do espanhol boliviano, mas também presente em outras variantes) em que corresponde a “*murió*” (RAE-ASALE, 2010, p. 438).

A interpretação prospectiva com a forma “*haber* + participio” é resultativa, como em “*Mañana a estas horas, ya han terminado ustedes.*” (RAE-ASALE, 2010, p. 439). A chamada pressuposição existencial é também característica do presente simples; assim, a frase “*Luis ha estado en Lima*” (p. 439) implica que Luis está vivo.

O perfeito de experiência ou experiencial é usado para expressar que certo acontecimento teve lugar uma ou mais vezes em um período, de duração variável, que

pode ser indicada por meio da construção “*haber + participio*”: “*He hablado con él tres veces {en el último mes ~ desde enero}*.” (RAE-ASALE, 2010, p. 439).

O perfeito composto contínuo refere-se a uma situação passada, expressada geralmente mediante predicados atélicos, que se prolonga até o presente e permanece aberta, como em “*Conozco todas sus tretas. Las han empleado durante un siglo contra nosotros (Fuentes, Naranjo)*.” (RAE-ASALE, 2010, p. 440).

O chamado perfeito de acontecimentos recentes ou de passado imediato permite fazer referência a ações que se localizam em um âmbito temporal que inclui o momento de fala. Assim, “este período puede ser, por tanto, el día de hoy, la semana o el año actuales, pero difícilmente la semana anterior a aquella en que se habla”²⁵ (RAE-ASALE, 2010, p. 440).

O perfeito de notícias recentes se refere à primeira menção de ações imediatas, geralmente seguidas de Pretéritos Perfeitos Simples. Costuma-se chamar perfeito resultativo “al que permite inferir como actual el estado resultante de la acción denotada por HE CANTADO, como em *El jarrón se ha roto* (que implica ‘El jarrón está roto’)²⁶” (RAE (2010, p. 440-441).

Como visto até aqui, gramáticas descritivistas, como as de Castilho (2014) e Bagno (2011), para o PB, e a RAE-ASALE (2010), para o espanhol, detalham os muitos sentidos que as construções correspondentes ao PPC no PB e no espanhol carregam. Conforme brevemente descrito, embora tal nomenclatura para esse tempo verbal no português não reflita o uso real, no espanhol, é aceitável, ainda que seu sentido não seja unicamente o de pretérito perfeito.

1.4.2 Categoria ASPECTO

Em sua obra *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, de 1976, Bernard Comrie esclarece a noção de aspecto por meio de uma comparação com a ideia de tempo. Ele entende o tempo como uma categoria dêitica, uma vez que o momento de fala é tomado como referência para apontar os eventos que ocorrem no passado, no presente ou no futuro. O aspecto, diferentemente, não se refere à localização temporal, mas sim “à circunscrição temporal interna de uma situação.”

²⁵ “esse período pode ser, portanto, o dia de hoje, a semana ou o ano atuais, mas difícilmente a semana anterior a aquela em que se fala” (tradução nossa)

²⁶ “ao que permite inferir como atual o estado resultante da ação denotada por HE CANTADO, como em *El jarrón se ha roto* (que implica ‘El jarrón está roto’)” (tradução nossa)

Segundo Saeed (2003), em muitas línguas, tempo e aspecto interagem de forma sutil e são marcados em verbos de forma semelhante, muitas vezes compartilhando terminações compostas. Com relação ao PB, Castilho (2014) afirma que o aspecto não dispõe de morfologia própria: “[...] para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos.” (p. 417).

O sistema aspectual, segundo Saeed (2003), permite aos falantes relatar situações e tempos, visualizando um evento de várias formas: como completo ou incompleto, como tão curto que envolve quase nenhum momento, como algo prolongado durante um período perceptível, ou como algo repetido ao longo de um período.

Dessa forma, conforme esclarecem Foltran e Wachowicz (2006), por meio do aspecto podemos nos referir a diferentes fatos linguísticos que nos levam à interpretação de uma sentença. Nesse processo, há dois domínios que se relacionam: o aspecto lexical e o aspecto gramatical. A fim de delimitarmos a diferença entre eles, as subseções a seguir organizarão as nossas considerações.

1.4.2.1 Aspecto lexical

As leituras aspectuais dos enunciados, conforme apresenta Zeno Vendler em seu texto *Verbs and Times*, de 1967, são afetadas pelo uso do verbo, já que este pode sugerir uma forma particular de como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo. Assim, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo que podem ser compreendidos da seguinte divisão estabelecida pelo autor (*Aktionsart*): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Os verbos de estado se caracterizam por serem não-agentivos e por não indicarem processos que se desenvolvem no tempo. “Pensar” e “proibir”, por exemplo, são verbos de estado que ganham diferentes interpretações a depender do auxiliar nas sentenças:

- (1) Tenho pensado que ao invés de ir à praia poderíamos ir à montanha este ano.
- (2) Eles têm proibido que eu saia.
- (3) He pensado que en lugar de ir a la playa, podríamos ir a la montaña este año.
- (4) Me han prohibido que salga.

No PB (1-2), depreende-se um valor iterativo das ações de pensar e de proibir, isto é, foi pensado e proibido várias vezes. Inclusive, as ações podem durar até o momento de fala. Nas sentenças do espanhol (3-4), porém, a leitura das ações de pensar e proibir parece depender de um maior detalhamento fornecido pelo contexto de uso, já que não há advérbios que explicitem se se trata de um evento pontual, durativo ou iterativo²⁷. Assim, adiantamos a pergunta que aqui nos fazemos, especialmente para o PPC do espanhol: Em que medida o advérbio contribui para a interpretação aspectual em verbos de estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*? Tratando-se de verbos de estado, parece que certos advérbios dão ao evento o entendimento de que ele aconteceu uma única vez (5a-6a), por outro lado, há também advérbios que denotam iteratividade (5b-6b).

(5) a. He pensado *ahora* que en lugar de ir a la playa, podríamos ir a la montaña este año.

'Pensei agora que ao invés de ir à praia poderíamos ir à montanha este ano'

b. He pensado *varias veces* que en lugar de ir a la playa, podríamos ir a la montaña este año.

'Tenho pensado várias vezes que ao invés de ir à praia poderíamos ir à montanha este ano'

(6) a. *Hoy* me han prohibido que salga.

'Hoje me proibiram que saia'

b. *Generalmente* me han prohibido que salga.

'Geralmente, eles têm proibido que eu saia'

Como a leitura com os verbos de estado ocorre sem qualquer advérbio é o que vamos analisar no capítulo 4, por meio da intuição linguística de venezuelanos, colombianos e paraguaios.

Os verbos de atividade expressam processos que se desenvolvem no tempo, são agentivos, como os verbos “nadar” e “correr”. Nos exemplos eles são usados na forma participial com “*ter*” e “*haber*”:

(7) Joana tem nadado [todas as semanas].

(8) Tenho trabalhado muito.

(9) Joana ha nadado [todas las semanas].

(10) He trabajado demasiado.

Em (7), independentemente de as leituras serem feitas com o advérbio “todas as semanas”, a ação de nadar é entendida como iterativa, ou seja, num dado período de

²⁷ Por essa razão é que a escrita de uma glosa para as sentenças 3 e 4 pode gerar dúvida, já que não conseguimos traduzi-las intuitivamente. Em conversa com o professor Francisco Olmo, este reconheceu na sentença 3, por exemplo, a mesma leitura que a frase 1 fornece.

tempo que pode incluir o presente, Joana nada. Em (9) e (10), no entanto, parece que a leitura do advérbio é obrigatória para que o entendimento seja o de repetição. Do contrário, os falantes podem interpretar que Joana nadou apenas uma vez – e é isso que colocamos em questão no capítulo de análise no que se refere às variantes selecionadas.

Os verbos *accomplishments* também se desenvolvem no tempo, porém, se encaminham para um ponto determinado que é logicamente necessário para ser o que é. “Escrever três páginas” ou “desenhar uma circunferência”, conforme exemplos de Vendler (1967), são *accomplishments*:

(11) Temos escrito três páginas por hora.

(12) O professor tem desenhado uma circunferência para falar sobre aquele conteúdo.

(13) Hemos escrito tres páginas por hora.

(14) El profesor ha diseñado una circunferencia para hablar sobre aquel contenido.

As sentenças com o auxiliar “*haber*”, (13) e (14), são as únicas que parecem não compartilhar a interpretação de iteratividade. O sentido, dessa forma, muda: como a pontualidade não concebe o entendimento de que as atividades em questão ainda ocorrem no presente, quem profere a sentença (13) só pode estar se referindo a uma obra que já foi finalizada, por exemplo.

Por fim, os *achievements* predicam de momentos de tempos únicos, ou seja, são pontuais, não se desenvolvem no tempo. “Quebrar” e “perder” são exemplos de *achievements*. Como não se desenvolvem no tempo, qualquer exemplo em construção com “*ter*” tende a expressar mais uma atividade (15); com “*haber*” o *achievement* parece ser pontual (16):

(15) As crianças têm quebrado a janela.

(16) Los chicos han rotpido la ventana.

‘As crianças quebraram a janela’

A fim de refinar tais classes acionais propostas por Vendler (1967), Bertinetto (2001) propõe a delimitação de algumas características, a saber: [\pm durativo]; [\pm dinâmico]; [\pm homogêneo]. A noção de duratividade, para o autor, deve ser entendida em um sentido operacional, já que qualquer evento leva um tempo físico para acontecer. Dessa forma, ele estabelece que algumas ações requerem uma duração menor que outras, como no caso dos *achievements*, em que a eventualidade é mais pontual. A noção de dinamicidade diz respeito à existência ou não de movimento na ação descrita. Por fim, Bertinetto (2001) explica que homogeneidade refere-se à falta de um limite

interno inerente ao evento. Nesse sentido, a distinção entre eventos télicos (*achievements* e *accomplishments*) e eventos atélicos (estados e atividades) é importante: os primeiros têm um fim necessário, os segundos, não.

Dessa forma, Bertinetto (2001, p. 3) apresenta as classes vendlerianas detalhadas conforme o valor positivo (+) ou negativo (-) das características que propõe.

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DAS CLASSES ASPECTUAIS

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
Estados	+	-	+
Atividades	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

FONTE: Bertinetto (2001, p.3).

Quanto à atribuição de uma classe aspectual a um predicado, Bertinetto (2001, p. 5) faz a seguinte afirmação:

The assignment of a given predicate to an actional class is subject to at least two conditions. First, the predicate should be understood as an argumental frame, i.e. as a predicate with its arguments. It is indeed evident that while *draw* is always an activity, *draw a circle* is an accomplishment. Thus, as a first approximation, one may say that the accomplishment meaning of *draw* should be understood as referring to the set of contexts in which this predicate appears in conjunction with a direct object. However, this is not enough. The second condition concerns in fact the nature of the determiner phrase that occupies the relevant argumental positions. The crucial features are, in this case, [\pm determinate] and [\pm singular]. Thus, while *draw a / three / several circle(s)* is an accomplishment, *draw circles* is again an activity, despite the presence of a direct object. Equally, although *John fell* is an achievement, *the stones fell on the road (all along the summer)* instantiates an activity.²⁸ (grifos do autor).

Assim, para Bertinetto (2001), a classificação vendleriana não deve ser aplicada somente ao predicado, mas a um conjunto de modos distintos em que ele pode se realizar.

²⁸ A atribuição de um determinado predicado a uma classe acional está sujeita a pelo menos duas condições. Primeiro, o predicado deve ser entendido como um esquema argumental, isto é, como um predicado com seus argumentos. É de fato evidente que enquanto *desenhar* é sempre uma atividade, *desenhar um círculo* é um accomplishment. Assim, como uma primeira aproximação, pode-se dizer que o significado accomplishment de *desenhar* deve ser entendido como se referindo ao conjunto de contextos nos quais esse predicado aparece em conjunção com um objeto direto. No entanto, isso não é suficiente. A segunda condição diz respeito, na verdade, à natureza da frase determinante que ocupa as posições argumentais relevantes. As características cruciais são, neste caso, [\pm determinada] e [\pm singular]. Assim, enquanto *desenhar um / três / vários círculo(s)* é um accomplishment, *desenhar círculos* é novamente uma atividade, apesar da presença de um objeto direto. Igualmente, embora *John caiu* seja um achievement, *as pedras caíram na estrada (durante todo o verão)* instancia uma atividade. (tradução nossa)

Embora a literatura sobre aspecto lexical seja vasta, limitamo-nos a revisar nesta seção as considerações relevantes para este trabalho. Conforme apontaram Foltran e Wachowicz (2006), concordamos que a atribuição de classes aspectuais a um predicado seja composicional, na medida em que considera a interação do verbo com outros elementos da sentença, porém admitimos também que o léxico é importante para determinar a *Aktionsart*. De modo diferente, como veremos na próxima subseção, o aspecto gramatical não será afetado pelo léxico.

1.4.2.2 Aspecto gramatical

Neste domínio, a flexão verbal atua na leitura aspectual de um enunciado. Bertinetto (2001), por exemplo, associa o aspecto gramatical aos diferentes tempos verbais (*tenses*) disponíveis nas línguas, uma vez que os traços morfológicos das flexões influenciam na compreensão da situação, a qual pode ser vista como completada (perfectiva) ou não (imperfectiva).

Com o objetivo de esclarecer essa face do aspecto, Castilho (2014, p. 420) propõe a seguinte tipologia:

QUADRO 2 – TIPOLOGIA DO ASPECTO

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

FONTE: Castilho (2014, p. 420).

O aspecto imperfectivo tem as seguintes propriedades, conforme Castilho (2014, p. 420): “apresenta uma predicação dinâmica de sujeito/específico, na maior parte dos casos. Essa predicação compreende fases: uma fase inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase retratada em pleno curso (imperfectivo cursivo), ou uma fase final do estado de coisas (imperfectivo terminativo)”. Assim, conforme exemplifica (1), o imperfectivo inceptivo diz respeito a uma duração de que se destacam os momentos iniciais; em (2), o imperfectivo cursivo apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem haver referências a fases anteriores ou posteriores; em (3), o imperfectivo terminativo marca os momentos finais de uma duração.

(1) Começou a falar mal de mim.²⁹

(2) Segundo o médico, a doença dele *evolui* mais depressa que o habitual.

(3) Essa criança *termina de brincar*.

Bagno (2011, p. 551) simplifica o conceito de aspecto perfectivo: “é a representação da coisa pronta e acabada. Ele pode ser pontual ou resultativo.”. No PB, o presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo confirmam a pontualidade do aspecto perfectivo pontual. Já o perfectivo resultativo apresenta a ação, necessariamente tomada no passado, como sendo pressuposta.

O aspecto semelfactivo, por sua vez, se refere a alguma ação praticada uma única vez. “São semelfactivos, por exemplo, os verbos *piscar, espirrar, reconhecer*” (BAGNO, 2011, p. 552).

Sobre o aspecto iterativo, Castilho (2014, p. 426) resume as seguintes propriedades:

(1) Representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo. [...]

(2) O sujeito das predicções quantificadas é habitualmente/ não específico/, pluralizado. [...]

(3) O componente léxico é irrelevante na composição iterativa, se descontarmos poucos itens com marcação iterativa derivacional em *-ejar* e *-itar*, ou auxiliares como *costumar* e *habituar-se a*. Com isso, o iterativo depende mais acentuadamente que os outros aspectos dos fatores de natureza composicional. (grifos do autor).

O autor explica, ainda, que as perífrases de participio, principalmente aquelas com “*ter*”, expressam o iterativo imperfectivo, isto é, ações que se repetem, com verbos atélicos (verbos cujas eventualidades, uma vez iniciadas, podem se desenrolar indefinidamente; sua natureza não determina seu ponto final): *Essa criança tem brincado bastante*. (p. 423).

A respeito da construção “*estar* + gerúndio”, a qual é intercambiável por “*ter* + participio” em alguns contextos, conforme trataremos no próximo capítulo, o autor afirma que há uma série de requisitos para que o progressivo expresse iteratividade, como pluralização dos argumentos e/ou a ocorrência de advérbios. Os demais contextos em que ocorre a leitura iterativa não serão revisados aqui por não constituírem o foco deste trabalho.

Algumas considerações sobre a leitura aspectual na língua espanhola serão feitas na subseção seguinte.

²⁹ Exemplos de Castilho (2014, p. 421-424)

1.4.2.3 Expressão do aspecto em espanhol

Considerando que o aspecto verbal informa sobre a maneira que um evento se desenvolve, ocorre ou, ainda, sobre sua extensão, Miguel (1999, p. 2979) resume a caracterização dos eventos:

[...] los eventos se caracterizan como dinámicos (*madurar*) o estáticos (*estar verde*), delimitados (*llegar*) o no delimitados (*viajar*), semelfactivos (*hacer un disparo*) o iterativos (*ametrallar*), permanentes (*ser español*), frequentativos (*cortejar*), intermitentes (*parpadear*), durativos (*ser inteligente, madurar*) o puntuales (*explotar*), ingresivos (*florecer*), progresivos (*envejecer*) o terminativos (*nacer*), intensivos incrementativos (*repeinar*) y atenuativos (*atusar*), entre otras posibles clasificaciones.³⁰ (grifos da autora)

Referindo-se ao aspecto léxico – nomenclatura que Miguel (1999) usa para se referir à *Aktionsart* do verbo –, a autora reconhece sua natureza composicional, afirmando que este pode ser modificado por informações veiculadas a outros participantes no predicado, como o sujeito e seus complementos, bem como por outros elementos, como os modificadores adverbiais, entre outros.

Dada essa interação da *Aktionsart* com outros itens da sentença, Miguel (1999) ressalta que a noção de aspecto léxico não é estritamente léxica, já que também tem um caráter sintático. Ela reconhece, então, que a concepção de *Aktionsart* é a de “categoría léxico-semántica en cuya determinación interviene una serie de factores de diversa naturaleza que actúan en el marco de la oración”³¹ (MIGUEL, 1999, p. 2987). Assim, “fumar”, como estabeleceu Aristóteles inicialmente, é uma ação não delimitada, porém isso muda quando acrescentamos um complemento direto do tipo “um cigarro”. A autora destaca, com esse e outros exemplos, que a raiz verbal não é unicamente responsável pela leitura aspectual fornecida ora na presença ora na ausência de limite interno ao evento.

Miguel (1999) enumera, assim, os distintos elementos que têm influência na especificação aspectual de um predicado em espanhol, como a raiz verbal, os afixos derivativos, a partícula “se”, os complementos do verbo, os advérbios e locuções

³⁰ [...] os eventos são caracterizados como dinâmicos (*madurar*) ou estáticos (*estar verde*), delimitados (*chegar*) ou não delimitados (*viajar*), semelfactivos (*fazer um disparo*) ou iterativos (*metralhar*), permanentes (*ser espanhol*), frequentativos (*cortejar*), intermitentes (*pisca*), durativo (*ser inteligente, madurar*) ou pontuais (*explodir*), ingressivos (*florecer*), progressivo (*envelhecer*) ou terminativo (*nascimento*), intensivo incremental (*repente*) e atenuativos (*alisar*), entre outras possíveis classificações. (tradução nossa; grifos da autora)

³¹ categoria léxico-semântica em cuja determinação intervém uma série de fatores de natureza diversa que atuam no marco da oração. (tradução nossa)

adverbiais e o sujeito da oração. No capítulo destinado à análise, veremos como o contexto sintático, especificamente no que tange ao uso de advérbios e locuções adverbiais, interferiram na interpretação de sentenças com a forma verbal “*haber* + participio”.

Fernández (1999) se refere ao aspecto de forma metafórica e o compara a uma lente de um telescópio: se a lente permite ver somente uma parte interna da situação, e não o princípio e o fim, temos o *aspecto imperfecto*; se a lente permite ver toda a situação, desde seu princípio até seu fim, temos o *aspecto perfectivo* ou *aoristo*; se a lente nos mostra os resultados de um evento, temos o *aspecto perfecto*. O autor esclarece que, morfologicamente, o *aspecto imperfecto* é representado nas formas verbais do presente e do pretérito imperfeito. Já o *aspecto perfectivo* ou *aoristo* tem maior representatividade no pretérito perfeito simples. Nesse ponto, Fernández (1999) reconhece que as formas compostas com “*haber*” são ambíguas, podendo expressar tanto o *aspecto perfecto* como o *aoristo*. Há, ainda, o *aspecto neutral*, cujas formas verbais podem apresentar ora o comportamento de *aspecto imperfecto* ora o de *perfectivo* ou *aoristo*. O quadro fornecido pelo autor organiza essas classificações.

QUADRO 3 – ASPECTO DO ESPANHOL

Aspecto	Forma verbal	Exemplo
Imperfectivo	presente presente imperfeito	Juan <i>estudia</i> Biología. María <i>estaba</i> ayer en su casa.
Perfecto o Aoristo	pretérito perfeito simples todas as formas compostas com <i>haber</i>	Mi perrillo se <i>murió</i> ayer. El rey <i>había entrado</i> en la sala a las tres, como se tenía previsto.
Perfecto	todas as formas compostas com <i>haber</i>	A las tres, los diputados ya <i>habían abandonado</i> el hemiciclo, que se encontraba vacío.
Neutral	o futuro simples e o condicional simples	Juan <i>estará</i> mañana en Madrid.

FONTE: Fernández (1999, p. 3137, grifos do autor; tradução nossa).

O autor explica que cada uma das variedades aspectuais do espanhol apresenta diferentes realizações. Começamos pelo imperfectivo: pode ser progressivo, habitual ou contínuo. No progressivo, um único ponto é focalizado, e a forma verbal “*estar* + gerúndio” explicita esse valor, como em (1). O habitual “aparece en predicados que expresan situaciones cuya repetición se toma como una propiedad caracterizadora del

sujeto”³² (FERNÁNDEZ, 1999, p. 3139), como em (2). No contínuo, o foco é um período (3) (é o que aparece nas sentenças com predicados estativos), como em (4).

(1) A las cinco Juan estaba escribiendo una carta, pero no sé si la terminó.

‘Às cinco Juan estava escrevendo uma carta, mas não sei se a terminou’

(2) Por las mañanas siempre tomaba té.

‘Pelos manhãs sempre tomava chá’

(3) Durante la reunión me miraba con insistencia.

‘Durante a reunião me olhava com insistência’

(4) Tenía los ojos azules.

‘Tinha os olhos azuis’

O aspecto aoristo pode realizar-se pelo ingressivo ou pelo terminativo. O primeiro refere situações nos quais o complemento temporal marca um ponto, que é o início do evento, como em (5). O segundo é denominado pelo autor como um defeito de aoristo, “puesto que la lectura ingresiva tiene grandes limitaciones de tipo pragmático”³³ (FERNÁNDEZ, 1999, p. 3139). Assim, em (6), “en 1968” não indica o início do evento em questão, mas sim um intervalo de tempo no qual a situação se desenvolve.

(5) A las tres Juan tocó la polca.

‘Às três Juan tocou a polca’

(6) En 1968 la Caballé cantó Lucrezia Borgia.

‘Em 1968 Caballé cantou Lucrezia Borgia’

O aspecto *perfecto* também se realiza por meio de diversas formas. Fernández (1999) destaca as mais importantes no espanhol: resultativo, experiencial e continuativo. O resultativo expressa um resultado de um único evento, como em (7); no experiencial, como o próprio nome sugere, aponta um estado de coisas que refletem um certo tipo de experiência (8).

(7) Juan ya ha llegado.

‘Juan já chegou’

(8) Juan ya ha llegado a las tres de la mañana (más de una vez).

‘Juan já chegou às três da manhã (mais de uma vez)’

³² “aparece em predicados que expressam situações cuja repetição é tomada como uma propriedade caracterizadora do sujeito” (tradução nossa)

³³ “já que a leitura ingressiva tem grandes limitações do tipo pragmático” (tradução nossa)

O último tipo de realização do *perfecto*, o continuativo, diz respeito aos eventos que se prolongam ou que se repetem, ou aos predicados com negação, como nos exemplos a seguir, nos quais não há a delimitação do fim dos eventos.

(9) He vivido lo suficiente en este país para saber cómo funcionan las cosas.

'Vivo o suficiente neste país para saber como funcionam as coisas'

(10) Hasta ahora me ha dicho siempre la verdad.

'Até agora sempre me disse a verdade'

(11) No he comido todavía.

'Todavía não comi'

Entre as considerações que Fernández (1999) faz sobre os complementos adverbiais, destacamos o uso dos advérbios “recientemente” e “últimamente”. O autor explica que o primeiro enquadra-se na leitura de aoristo e exige que a situação relatada esteja concluída. Já o segundo é combinado com eventos reiterados ou prolongáveis, os quais são expressados pelo *imperfecto* ou pelo *perfecto continuativo*. Os exemplos a seguir demonstram que tais advérbios não são intercambiáveis.

(12) a. Lo he visto mucho últimamente.

'Tenho visto muito ele ultimamente'

b. *Su padre murió últimamente.

**'Seu pai morreu ultimamente'*

(13) a. Recientemente me ha llamado por teléfono.

'Recentemente me telefonou'

b. Su padre ha muerto recientemente.

'Seu pai morreu recentemente'

Tais sentenças nos fazem pensar no PB. No capítulo 4, nossa hipótese é a de que a forma verbal “*haber* + participio” pode estar seguindo o processo de gramaticalização de “*ter* + participio”, na medida em que admite leituras durativas e iterativas. No entanto, no PB, uma sentença com o advérbio “recentemente” e o PPC resulta agramatical (14), porque o PB não dispõe para essa forma a leitura aspectual de situação concluída.

(14) *Recentemente, ele tem me telefonado.

Em suma, dada a revisão das leituras aspectuais do espanhol, podemos destacar que a forma “*haber* + participio” pode veicular duas leituras aspectuais, a saber, aorística e perfeita. Em ambas as interpretações, o complemento adverbial tem função

importante: na primeira, especifica o momento no qual a ação verbal acontece, na segunda, seu ponto de referência.

Capítulo 2

2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O TEMA

Considerando a grande produtividade das pesquisas sobre os tempos compostos nas línguas românicas, e mais especificamente sobre o Pretérito Perfeito Composto (PPC) no português e no espanhol, neste capítulo apresentaremos um percurso sucinto dos resultados de algumas pesquisas cujos autores se debruçaram sobre o tema. A discussão parte das considerações relacionadas ao português brasileiro (PB) e, na sequência, conta com dois trabalhos que têm como escopo a língua espanhola. A última seção deste capítulo reúne algumas considerações acerca de todos os trabalhos revisados.

2.1 ILARI (2001)

O linguista Rodolfo Ilari chama de intuições compartilhadas suas considerações publicadas em forma de artigo em 2001. Devido à sua importância, no entanto, é amplamente citado em trabalhos que perpassam os tempos compostos no PB. Aqui não poderia ser diferente.

O autor relembra os escritos de Gonçalves Viana e de Paiva Boléo, que tentaram generalizar o sentido do passado composto no português. Ilari (2001) sintetiza em sua análise as intuições tanto de Viana como de Boléo. Dessa forma, os quatro primeiros pontos remontam aos autores do fim do século XIX e início do século XX: (i) o PPC exprime iteração (1); (ii) exprime iteração independentemente de estar presente na oração um advérbio indicando frequência (2a-c); (iii) pode assumir um valor de continuidade (3); (iv) diz respeito a um período que começa mas não conclui no passado (4).

(1) Ele tem-nos visitado várias vezes/* uma vez.

(2) a. Ele nos visitou. (= uma vez ou várias vezes)

b. Ele nos visitou várias vezes. (= várias vezes)

c. Ele nos tem visitado. (= mais de uma vez)

(3) Tenho estado doente.

(4) Le Monde tem sido entregue em São Paulo pelo correio aéreo desde 1927./* desde 1927 até 1968.

O primeiro acréscimo que Ilari (2001, p. 130) faz diz respeito à distinção dos valores durativo (5) e iterativo (6). Para ele, é preciso levar em consideração as características aspectuais do predicado, sendo relevante a *Aktionsart* do verbo. O segundo refere-se à inaceitabilidade do PPC quando o falante precisa descrever uma repetição explicitando quantas vezes determinado fato se repetiu (7a-b). Por último, o autor chama a atenção para a importância que tem a quantificação dos sintagmas nominais e os adjuntos presentes na sentença com o PPC. Esses elementos interferem diretamente na interpretação e na gramaticalidade (8a-d).

(5) A este governo tem faltado vontade política para a solução dos problemas.

(6) O Fernando tem publicado na série “Novos Escritores” da Editora Ática.

(7) a. * Eles têm vindo três vezes.

b. Eles têm vindo muitas vezes/ milhares de vezes.

(8) a. O surto de meningite tem matado muita gente.

b. * O surto de meningite tem matado uma pessoa/ *... a zeladora.

c. * O surto de meningite tem matado Pedro, Carlos e José.

d. O surto de meningite tem matado uma pessoa a cada três horas , nesta cidade.

Dando sequência à análise, Ilari (2001) se baseia no tratamento lógico que Richard Montague aplica para o Present Perfect do inglês para comprovar que as regras usadas pelo semanticista não conseguem dar conta do sentido do PPC do português. Dessa forma, o autor indica algumas modificações possíveis para a fórmula de Montague, que deveria ser capaz de exibir todas as propriedades significativas de sentenças do inglês no Present Perfect. Como esse tipo de abordagem não será relevante para este trabalho, não nos aprofundaremos nela.

Uma conclusão de Ilari (2001) é que à luz do tratamento de Montague, as sentenças do português no PPC e com o sujeito quantificado permitem mais de uma interpretação, como no exemplo a seguir.

(9) Alguns funcionários da Volkswagen têm alugado esta chácara.

O autor aponta para (9) duas leituras possíveis:

(I) Repete-se de tempos em tempos, num período do passado (alguns funcionários da Volkswagen).

(II) Para alguns funcionários da Volkswagen [repete-se de tempos em tempos num período do passado (que eles alugam esta chácara)].

Tal ambiguidade, para Ilari (2001) é positiva e comprova que, à luz do tratamento de Montague, as sentenças do português no PPC e com o sujeito quantificado permitem mais de uma interpretação. O que está em jogo são as leituras de “predicação coletiva” e “predicação distributiva”.

Uma situação diferente ocorre quando não é possível apontar o grupo de agentes específico, embora se mantenha a ideia de escalonamento no tempo e pluralidade de participantes do evento em questão, como no exemplo (10):

(10) Muitas pessoas têm morrido no Rio (desde que começaram os tiroteios entre traficantes).

Nesse caso, o plural do sujeito equivale a vários protagonistas individuais, o que Ilari (2001) chama de “grupo através do tempo”. Essa interpretação não é prevista nos modelos de Montague e, por isso, Ilari (2001) destaca a necessidade de estender a descrição com base na proposta de Davidson (1967) sobre a estrutura semântica das sentenças de ação, em que o próprio evento é considerado um dos argumentos do predicado. No caso da iteratividade do PPC, em que há uma pluralidade de eventos que se escalam no tempo, Ilari (2001) propõe informalmente um quantificador de escalonamento para eventos por meio de um sinal “+e” ao quantificador existencial que opera sobre a variável para eventos.

Antes de finalizar a discussão sobre a iteração de eventos, Ilari (2001, p. 139) ressalta:

[...] nem a quantificação que nos é dada pelo cálculo de predicados de primeira ordem, nem o novo quantificador de escalonamento para eventos que acabo de propor informalmente, esclarecem completamente o caráter iterativo do PASSADO COMPOSTO: resolvida a interação da quantificação do sujeito com o PASSADO COMPOSTO, sobram muitas coisas por explicar sobre o “escalonamento do tempo” que atribuímos intuitivamente àquela perífrase como marca registrada. Uma pergunta é se a noção de reiteração que convém ao passado composto é a mesma que encontramos em outros tempos verbais que indicam ação habitual, e a resposta é não.

Nesse sentido, Ilari (2001) lembra que o imperfeito, o presente simples e o presente progressivo também podem referir eventos que se repetem, porém há agramaticalidades e diferenças de interpretação, conforme os exemplos dados em (11).

(11) a. Esta flor é o beijinho. É também conhecida como Maria-sem-vergonha, porque dá/ * tem dado/* está dando em qualquer canto.

b. A água entra/*tem entrado em ebulição aos cem graus.

c. O vulcão da ilha entra / tem entrado em erupção pelo menos uma vez a cada vinte anos.

Ilari (2001) argumenta, nesse sentido, que o escalonamento no tempo próprio do PPC não precisa ser absolutamente regular, como em (12), caso em que há um elemento quantificacional mais probabilístico do que categórico.

(12) Alberto tem voltado de Rio Claro no trem das 8h12min.

No que tange a restrições, o autor usa outras línguas (13) para mostrar como o português se comporta de uma forma diferente, isto é, inaceitável com o PPC (14a), quando há adjuntos na sentença que respondem em termos exatos às perguntas “quando?” e “quantas vezes?”. A restrição desaparece quando não há essa especificação (14b).

(13) a. (*inglês*) John has read three times War and Peace.

b. (*italiano*) Giovanni ha letto tre volte Guerra e Pace.

(14) a. * O João tem lido três vezes *Guerra e Paz*.

b. Esse aluno tem recebido muitas advertências.

Soma-se aos casos de agramaticalidade o uso do PPC quando há a especificação de datas (15).

(15) a. * Tem chovido no último dia de finados.

b. Tem chovido no dia de finados.

Tais exemplos, como aponta Ilari (2001, p. 141), mostram que “esses adjuntos são aceitáveis quando caracterizam o episódio *internamente*, e são rejeitados quando aplicados à série de episódios tomada como um todo.”

Partindo do fato de que o PPC “aponta para um período que, começando no passado, alcança o momento de fala e, eventualmente, o ultrapassa”, Ilari (2001, p. 141) retoma a análise que Benveniste faz para o *Passé Composé* do francês, na qual o autor distingue *discours* e *histoire*: nessa proposta, com o uso do *Passé Composé* os falantes franceses podem tratar de determinado fato como ainda relevante para o locutor no momento da enunciação; com o *Passé Simple*, podem tratar do mesmo assunto, mas desta vez isentos de qualquer envolvimento.

No PB, essa distinção não existe. Mas há no PPC um traço ligado ao presente quando o fato relatado pode estar acontecendo no momento de fala. Outro sentido do PPC que envolve o momento de fala, aliás, é o de continuidade. Ilari (2001, p. 144) concorda com Paiva Boléo na afirmação de que duração é um dos valores expressos pelo PPC; porém, deixa claro sua dúvida relacionada à exclusividade dessa leitura ao

PPC. As sentenças a seguir, por exemplo, embora durativas, podem incitar repetição por meio do teste do acréscimo do adjunto “todas as vezes”.

(16) a. O menino tem ficado em seu quarto.

b. A televisão tem ficado ligada.

Ou seja, as sentenças podem indicar que se trata, na verdade, de repetição de pequenas durações, e não de eventos permanentemente durativos.

A fim de descrever os problemas pendentes de solução para esboçar um tratamento unificado à semântica do PPC, colocando a duração como paradigma, Ilari (2001, p. 146) aponta o impedimento da interpretação de duratividade em sentenças com o predicado de *achievement* ou *accomplishment* e tenta incorporar esse e outros casos admitindo que “tanto a repetição quanto a duração são manifestações de algum processo mais genérico e abstrato, a ser melhor caracterizado, que dura no período em questão.”. Dessa forma, o autor relaciona as leituras do PCC às classes acionais de Vendler, estabelecendo que:

[...] um *estado* ou *activity* é característico de um intervalo quando sua duração cobre o intervalo; e que um *accomplishment* ou *achievement* é característico de um intervalo quando se repete nele com escalonamento no tempo. A ideia de que uma ação “pontual” possa caracterizar um intervalo não é um artifício *ad hoc* para dar conta do PASSADO COMPOSTO; na realidade toda vez que um predicado pontual esbarra num adjunto durativo, ou se combina com uma forma durativa (presente, imperfeito...) a repetição é disparada. (ILARI, 2001, p. 146).

Tomando agora a repetição como paradigma, Ilari (2001) direciona seu entendimento do PPC como um tempo que constitui uma pluralidade de eventos passados do mesmo tipo. Para corroborar esse entendimento, ele desdobra sua tese em duas condições: (i) o PPC identifica uma certa proposição; (ii) tal proposição ocorre em diferentes momentos do passado, sendo que cada um deles torna verdadeira a proposição em questão.

Considerando que o passado que está em jogo não é indeterminado, mas um intervalo, Ilari (2001, p. 148) afirma ser preciso “reconstituir cada uso do passado composto como a indicação dos momentos em que a proposição por ele identificada será verdadeira.” – o que, segundo o próprio autor, é uma “manobra problemática”. Sentenças como (17) exprimem a existência de momentos sucessivos em que “José tem um problema de saúde”; entretanto, quando negativa, a mesma afirmação não é capaz

de expressar um conjunto de intervalos no qual “José *não tem* problemas de saúde”, nem de significar que a repetição de tais situações não existe.

(17) José tem tido problemas de saúde.

Ilari (2001) conclui que ambas as estratégias de tratamento unificado levam a um impasse e parte, então, para uma saída que ele julga possível para dar conta do PPC sem abrir mão de um tratamento composicional: as leituras iterativa e durativa do PPC são afetadas pelo entendimento que a *Aktionsart* do predicado proporciona. Dessa forma, o que ele busca é uma única regra semântica que resulte nas interpretações adequadas mesmo quando aplicada a diferentes configurações aspectuais. Além disso, essa regra precisa ser válida tanto para grandezas discretas como para grandezas contínuas, com o objetivo de que, em vez de mesclar a duração e a iteração, os dois tipos de eventos sejam aceitos.

Ilari (2001) finaliza seu texto como anunciou no início: deixando perguntas para serem respondidas. Sem dúvida, as reflexões do autor nos dá uma dimensão do emaranhado de questões que estamos envolvidos quando nos debruçamos aos sentidos que o PPC tem na língua portuguesa. Neste trabalho, as considerações do autor subsidiam não só nossa descrição do PPC no PB, mas também no espanhol, como melhor explicitaremos no capítulo 4.

2.2 LACA, CABREDO-HOFHERR E CARVALHO (2009)

Constituindo um capítulo de uma obra dedicada especialmente a estudos de aspecto, o trabalho de Brenda Laca, Patrícia Cabredo-Hofherr e Sandra Carvalho tem o propósito de investigar o uso do PPC na variedade falada em Natal (RN). Com base nos julgamentos de seus consultores, os quais totalizaram cinco pessoas de uma mesma família³⁴, as autoras afirmam que o PPC na variedade estudada apresenta um uso restrito. As análises que as levaram a essa conclusão, resenhadas nesta seção, motivaram o primeiro objetivo deste trabalho, o de verificar, por meio da avaliação de um número maior de falantes de Natal (RN), se algumas restrições apontadas pelas autoras, das quais discordamos, se aplicam de fato à variante em questão.

³⁴ Essa informação não se encontra no referido trabalho. Tivemos o conhecimento desse detalhe em conversa pessoal com uma das autoras, Brenda Laca.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) iniciam o trabalho assumindo algumas proposições teóricas já abordadas nesta pesquisa, como as de Ilari (2001), de que a leitura de “*ter* + particípio” é universal. Esta, por sua vez, caracteriza os perfeitos do estágio II (HARRIS, 1982 apud SQUARTINI e BERTINETTO, 2000), sobre o qual comentamos no capítulo 1. Assim, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 69-70) fornecem exemplos contrastantes para confirmar que certas leituras, como resultantes ou anteriores, não podem ser expressas pelo PPC:

- (1) a. Eu não encontrei ela. Ela tinha saído.
 b. Eu não encontro ela. #³⁵ Ela tem saído.
- (2) a. Pedro vai entrar pela porta de trás. Eu já vou ter desarmado o segurança.
 b. Pedro está entrando pela porta de trás. # Eu já tenho desarmado o segurança.
- (3) a. Não acredito que João tenha matado o segurança.
 b. # Acho que João tem matado o segurança.

Nos exemplos, as formas perfeitas “saiu”, “desarmeí”, “matou” são as únicas opções aceitáveis para (1b), (2b) e (3b), respectivamente. As autoras concluem que a ocorrência de um único evento no passado, mesmo se seu estado resultativo se mantém no momento do enunciado ou se tiver consequências relevantes para o presente, não garante um uso aceitável do PPC.

Por leitura universal, as autoras concebem um evento descrito na sentença que começa antes do momento da enunciação, mantém-se nesse momento e o ultrapassa. Para exemplificar a adequação do PPC nessa leitura, elas fornecem as sentenças a seguir, em que (4a) só é aceitável se proferida durante o inverno em questão, mas não depois, e (4b) exige que nem todos os cinemas em questão tenham desaparecido:

- (4) a. Pedro tem dormido na varanda o inverno inteiro.
 b. Esse tipo de cinema tem desaparecido na cidade a toda velocidade.

As autoras destacam, ainda, a forma verbal do *Present Perfect* na língua inglesa para observar que o PPC do PB difere dos presentes perfeitos universais em outras línguas em relação a três propriedades: “(i) adverbial modification, (ii) compatibility with stage-level states, and (iii) negation + adverbs corresponding to *yet*.”³⁶ (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 72). Desse modo, as pesquisadoras baseiam-se em Mittwoch (1988) para afirmar que o inglês e outras

³⁵ Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) usam # para indicar que determinada sentença não é aceita.

³⁶ (i) modificação adverbial, (ii) compatibilidade com *stage-level*, e (iii) negação + advérbios correspondentes a *já* (*yet*). (tradução nossa)

línguas veiculam leituras universais no contexto de certos intervalos de tempo ou devido à interação com advérbios de modo – afirmação esta que será retomada no capítulo de análise. Isso diferencia o PPC do PB, que oferece leitura universal independentemente dessas condições.

(5) a. Peter has been in Boston. [NON-UNIVERSAL]

‘Peter esteve em Boston.’ [NÃO UNIVERSAL]

b. Peter has been in Boston since Tuesday/for two months. [AMBIGUOUS]

‘Peter tem estado em Boston desde terça-feira / por dois meses.’ [AMBÍGUO]

c. Peter has been in Boston at least since Tuesday/ for two months now. [UNIVERSAL]

‘Peter tem estado em Boston pelo menos desde terça-feira / faz dois meses.’ [UNIVERSAL]

Por meio dos exemplos em inglês, as autoras observam que advérbios como “*since X*”, “*for X time*”, (“desde X”, “por X tempo”), possibilitam a leitura universal, embora permitam outras não universais, como em (5b). Apenas sentenças contendo os advérbios “*at least since X*”, “*ever since X*”, “*always*” e “*for X time now*” (“pelo menos desde X”, “desde que X”, “sempre” e “por X tempo até agora”) acarretam obrigatoriamente a leitura universal. Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), assim, apontam que a primeira peculiaridade do PPC do PB é a de exibir consistentemente leituras universais em qualquer contexto – constatação feita, como vimos no capítulo 1, já em Boléo (1936 apud ILARI, 2001).

Partindo do conhecimento de que leituras universais exigem descrições de situações homogêneas, além de serem incompatíveis com aspectos perfeitos ou delimitados, as autoras reconhecem no PPC-N um perfeito particularmente restrito, já que, segundo elas, exclui certos tipos de situações homogêneas e alguns usos típicos com *stage-level*. Os exemplos subsequentes mostram o que as autoras entendem ser um número restrito de casos em que “*ter + particípio*” é aceitável na interação com a cópula “*estar*”, do *stage-level*:

(6) a. # Esse livro sempre tem estado na prateleira da direita.

b. # Essa loja tem estado fechada (ultimamente).

c. # Pedro tem estado no jardim / nos Estados Unidos.

d. Pedro tem estado muito doente nos últimos tempos.

e. Pedro tem estado bêbado / aborrecido.

Assim, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 85) apontam que apenas estados graduáveis são aceitáveis com o PPC-N e explicam:

States are normally defined as totally homogeneous properties, which are identical to themselves at all instants of validity. As a consequence, they can be evaluated at a single instant, and they have the subinterval property all the way down to minimal subintervals (Dowty 1979, Rothstein 2004). This definition, however, ignores a relevant difference between gradable and simply yes/no properties. To be on the top shelf for a book, or to be closed for a shop, are yes/no properties, and there can be no differences between two intervals of which the property holds. But one is depressed, drunk or upset to different degrees, so that there is no total homogeneity for the intervals of which the property holds. In fact, we can obtain discontinuity for any degree predicate if the property is set to different arbitrary “thresholds” at different times (see Dowty 1979, Kamp 1975 on degree predicates).³⁷

As restrições na aceitabilidade das sentenças em (6a, b, c) constituem o primeiro ponto a ser repassado neste trabalho. O objetivo é buscar um melhor entendimento do que as autoras chamaram de restrição para esses casos, uma vez que, já em uma primeira leitura, acreditamos que as referidas sentenças não apresentam estranhamento. Por outro lado, a sentença (6e), considerada aceitável pelas autoras, foi capaz de nos gerar dúvidas na aceitabilidade do atributo “bêbado”, pois, em comparação com “aborrecido”, cujo estado pode durar dias, semanas, exige um entendimento mais refinado, uma vez que alguém pode ter diferentes momentos de embriaguez, mas que não duram dias ou semanas. Por gerar tal dúvida, essa sentença também foi avaliada pelos falantes de Natal (RN).

Outra restrição destacada pelas autoras é a inaceitabilidade do PPC em contextos de negação da ocorrência de um evento cuja ocorrência ainda é esperada, como sinalizado por advérbios do tipo “ainda”. Para exemplificar, o inglês é usado como contraste, já que nessa língua o *Present Perfect* exige tal advérbio:

(7) a. She hasn't arrived yet.

'Ela ainda não chegou'

b. # Ela ainda não tem chegado.

Embora as autoras apontem que (7b) é inaceitável em todas as variantes do PB, acrescentam que não está claro para elas se esse contexto exemplifica de fato uma leitura universal. Sobre essa dúvida, acrescentamos uma observação. Como já foi

³⁷ Os estados normalmente são definidos como propriedades totalmente homogêneas, que são idênticas a si mesmas em todos os instantes de validade. Como consequência, eles podem ser avaliados em um único instante, e eles têm a propriedade de subintervalo até chegar nos subintervalos mínimos (Dowty 1979, Rothstein 2004). Essa definição, no entanto, ignora uma diferença relevante entre propriedades graduáveis e simplesmente sim/não. Para um livro estar na prateleira superior, ou para uma loja ser fechada, são propriedades sim/não, e não pode haver diferenças entre dois intervalos de que a propriedade possui. Mas se alguém está deprimido, bêbado ou chateado em diferentes graus, não há homogeneidade total para os intervalos de que a propriedade possui. Na verdade, podemos obter descontinuidades para qualquer predicado de grau se a propriedade estiver configurada para diferentes “limiares” arbitrários em momentos diferentes (ver Dowty 1979, Kamp 1975 sobre predicados de grau). (tradução nossa)

afirmado no trabalho, o *Present Perfect* na língua inglesa, diferente do PPC do PB, não detém apenas a leitura universal; por isso, acreditamos que foi usado inadequadamente na comparação anterior, uma vez que a leitura em (7a) é perfectiva.

Ao analisarem o requisito de intervalo de tempo do PPC-N, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), mais uma vez, selecionam o inglês para tornar mais claras suas reflexões. Dessa forma, as leituras continuativa, frequentativa, habitual e incremental são exemplificadas:

- (8) a. Mary has been singing for some time. [CONTINUATIVE]
 '*Mary tem cantado por algum tempo*' [CONTINUATIVA]
 b. Mary has been calling you since this morning. [FREQUENTATIVE]
 '*Mary tem te ligado desde esta manhã*' [FREQUENTATIVA]
 c. Mary has been dining out a lot lately. [HABITUAL]
 '*Mary tem jantado muito ultimamente*' [HABITUAL]
 d. Oil prices have been rising for some time. [INCREMENTAL]
 '*Os preços do petróleo têm aumentado há algum tempo*' [INCREMENTAL]

Segundo as autoras, na leitura continuativa, a eventualidade homogênea, cujo vestígio de tempo inclui o intervalo de tempo perfeito, pode ser um evento único e prolongado ou, no caso das leituras frequentativa e habitual, expressar a iteração de eventos. A interpretação incremental de (8d), por sua vez, permite que os valores aumentem ao longo de uma escala em intervalos sucessivos no tempo. As leituras continuativa e incremental apresentam, portanto, traço de pluracionalidade, já que envolvem mais de um subintervalo de validade para o predicado do evento.

As autoras apontam, então, que o requisito de iteração é mais forte no caso do PPC-N:

[...] felicitous use of the PRES-PERF requires a series of distinct instantiations of the same event type. This condition can only be fulfilled by separation through temporal gaps whenever the basic event description is neither punctual nor telic. Given the S-cumulativity of activities and 'degree achievements', any two temporally adjacent instances of such event types which share the same participants will count as single instance of a "larger" event of the same type [...] ³⁸ (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 76).

³⁸ [...] o uso satisfatório do PRES-PERF requer uma série de instanciações distintas do mesmo tipo de evento. Essa condição só pode ser satisfeita pela separação por meio de lacunas temporais, sempre que a descrição básica do evento não seja nem pontual nem télica. Dada a cumulatividade-S de atividades e "grau de *achievements*", quaisquer duas instâncias temporalmente adjacentes de tais tipos de eventos que compartilham os mesmos participantes contarão como instância única de um evento "maior" do mesmo tipo [...] (tradução nossa)

Assim, as autoras ressaltam que a exigência de instâncias distintas é particularmente clara no contraste de aceitabilidade que o informante do PPC-N encontra entre (9a) e (9b):

(9) a. Pedro tem dormido na varanda o inverno inteiro.

b. # O urso tem dormido na sua caverna o inverno inteiro.

Elas explicam que, conforme nosso conhecimento de mundo, a sentença em (9b) refere-se a um único evento de sono prolongado (continuação), enquanto o uso adequado em (9a) envolve uma iteração de eventos de sono disjuntos (frequente/habitual). A conclusão, desta vez, é a de que o PPC-N não permite leituras contínuas.

Sobre a leitura incremental, as pesquisadoras afirmam que nesses casos há a exigência de lacunas temporais como forma de garantir instâncias distintas de um tipo de evento. Isso fundamentaria a preferência dos falantes consultados para a sentença em (10a), na qual o valor envolvido diz respeito à distribuição para tempos suficientemente distantes, diferentemente de (10b), a qual inclui o que as autoras chamam de função contínua:

(10) a. Desde os anos 80, o número de estudantes tem aumentado.

b. ?? O nível do rio tem aumentado muito nos últimos anos.

Abrimos um parêntese. Destacamos na dúvida de aceitabilidade de (10b) o segundo ponto que será repassado neste trabalho. A justificativa, mais uma vez, é a aceitabilidade desse tipo de sentença somada à falta de clareza da explicação das autoras quanto às possíveis restrições apresentadas pelo PPC-N com eventos que referem uma “função contínua”.

Tratando da condição do comprimento do intervalo de tempo para o uso adequado do PPC-N, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) afirmam que a iteração de eventos distintos não é uma condição suficiente para a aceitabilidade da forma “*ter* + *particípio*” para os natalenses:

(11) a. # Eu tenho feito as camas desde as oito da manhã.

b. # Ela tem perguntado por você toda a manhã.

c. # Maria tem tossido muito desde ontem.

Segundo as autoras, os informantes consultados para o trabalho avaliaram o intervalo dado pelo advérbio nesses exemplos muito curto para uso do PPC-N.

A esse respeito, destacamos que, ao nosso julgamento, as sentenças em (11b,c) são facilmente aceitáveis, e a sentença em (11a) é aceitável em contextos específicos, por exemplo: uma camareira é questionada sobre o horário em que inicia a arrumação dos aposentos de um hotel; (11a) como resposta seria admissível. Concebemos, por outro lado, que os intervalos “toda a manhã” e “desde ontem”, em (11b,c), respectivamente, não são curtos demais para a repetição dos eventos em questão, “perguntar” e “tossir muito”. Por essa razão, tais restrições constituíram o terceiro ponto a ser repassado neste trabalho, a fim de termos um melhor entendimento.

Prosseguindo com o assunto, as autoras reiteram que a relevância do comprimento do intervalo de tempo surge do pressuposto de que advérbios de intervalos, como “ultimamente”, “nos últimos tempos / anos / meses” “recentemente”, “estes últimos anos / meses”, são compatíveis com o PPC-N porque denotam intervalos que se espalham por alguma distância de na linha do tempo para o passado e, portanto, contribuem com um intervalo de tempo perfeito prolongado. Entretanto, as autoras apontam que há contextos inadequados com tais advérbios com PPC-N devido à impressão de redundância, já que o PPC por si só já abre esse intervalo prolongado.

Como as autoras não forneceram sentenças que exemplificassem o que elas chamaram de “infelicidade” causada pela redundância que o PPC e os advérbios mencionados denotam quanto ao intervalo, selecionamos alguns usos de “*ter* + participio” juntamente com “ultimamente”, “nos últimos anos”, “recentemente” e “nas últimas semanas” em publicações *online* recentes:

(12) a. “Não será certamente com a violência, já antes usada sem resultados, tampouco com a inércia de quem deixa o barco correr e espera que as coisas se ajustem. Boas intenções que se esgotam em paliativos ou em caridades momentâneas também não bastam, mas *ultimamente* até mesmo as boas intenções *têm sido* raras, o que dá a medida exata da gravidade da situação.”³⁹

b. “Matt Damon *tem aparecido* em vários filmes de ficção científica *nos últimos anos*, e o mais recente é “Downsizing”, traduzido em português como “Pequena Grande Vida”, que vai estreiar em Portugal no próximo dia 22.”⁴⁰

c. “*Recentemente*, *tem havido* debate sobre o destino dos precatórios do Fundef, se totalmente destinado à educação ou podendo ser usado em outras áreas.”⁴¹

³⁹ MAURO, S. Os novos e velhos fantasmas da política brasileira. *Campo Grande News*. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/os-novos-e-velhos-fantasmas-da-politica-brasileira>>. Acesso em: 7 fev. 2018

⁴⁰ MOTOR 24. Matt Damon conduz carro português em novo filme. *JN Direto*. 4 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.jn.pt/motor-24/interior/matt-damon-conduz-carro-portugues-em-novo-filme-9096945.html>>. Acesso em: 7 fev. 2018

d. “O turismo local também *tem sentido* os impactos da crescente criminalidade que atingiu o município *nas últimas semanas*. As notícias sobre tiroteios e briga entre facções estão aos poucos ofuscando a imagem de paraíso litorâneo de Angra dos Reis.”⁴²

Conforme a leitura das ocorrências, é possível observar que os advérbios destacados parecem reforçar o prolongamento do intervalo de tempo já denotado pelo PPC, porém isso não configura qualquer estranhamento.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) concluem, então, que o PPC-N comporta-se consistentemente como um perfeito universal de um tipo particularmente restrito, pois

It requires that the interval stretching from Utt-T [Utterance Time] to some point in the past not be a homogeneous interval of validity for the basic eventuality description, i.e. that it not be “filled” by the temporal trace of a single event – and thus excludes continuative readings. Discontinuity and distribution of the eventuality over a sufficiently long interval are necessary conditions for felicitous use of the PRES-PERF. (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 78).⁴³

Dadas as descrições de possibilidades aceitáveis e restritas do PPC-N resenhadas, as autoras partem para a análise. Ao abordarem a pluralidade de eventos, conceito que está no escopo do trabalho, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) afirmam que embora o PPC-N induza uma pluralidade de eventos, ele nunca proporciona efeitos de multiplicação em argumentos indefinidos singulares, conforme exemplo:

(13) # Tenho comido uma maçã.

A restrição, nesse caso, é clara: a mesma maçã não pode ser consumida mais de uma vez. As autoras ressaltam, entretanto, que alguns argumentos nominais podem estabelecer correspondências distributivas, principalmente, com plurais nus:

(14) Tenho comido maçãs.

⁴¹ TRIBUNA hoje. *Undime quer Fundef para a alfabetização*. 20 jan. 2018. Disponível em: <<http://tribunahoje.com/noticias/politica/2018/01/20/undime-quer-fundef-para-a-alfabetizacao/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

⁴² NETTO, R.; TOLENTINO, R. Guerra de facções já dura 13 dias em Angra, fecha escolas, causa pânico e ameaça turismo. *GI Sul do Rio e Costa Verde*. 7 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/guerra-de-faccoes-ja-dura-13-dias-em-angra-fecha-escolas-causa-panico-e-ameaca-turismo.ghtml>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

⁴³ Ele exige que o intervalo que se estende de Utt-T [Tempo do Enunciado] para algum ponto no passado não seja um intervalo homogêneo de validade para a descrição básica de eventualidade, ou seja, que não seja “preenchido” pelo traço de tempo de um único evento – e, portanto, exclui leituras contínuas. A descontinuidade e a distribuição da eventualidade durante um intervalo suficientemente longo são condições necessárias para o bom uso do PRES-PERF. (tradução nossa)

A explicação é a de que esses tipos de argumentos plurais permitem uma associação de subeventos distintos com diferentes “partes” de um participante plural. Esse tipo de correspondência distributiva, segundo as autoras, também ocorre com nomes acompanhados de quantificadores como “muitos” (15a). Por outro lado, expressões cardinalizadas e quantificadas bloqueiam essa leitura (15b).

(15) a. Muitas pessoas têm morrido no Iraque.

b. # Vinte pessoas têm morrido no Iraque.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) apoiam-se em Van Geenhoven (2004) e Yu (2003) para explicar que essa incompatibilidade encontra justificativa no fato de que um pluracional denota uma pluralidade ilimitada de eventos, enquanto um argumento cardinalizado contribui com sua delimitação. Além disso, elas lembram que “morrer” é um evento único, ou seja, apenas uma correspondência distributiva sobre partes de um participante plural pode garantir uma multiplicidade de eventos distintos.

No que tange à interação com advérbios, as autoras afirmam que aqueles que indicam repetição nunca podem especificar a cardinalidade do conjunto de eventos associados ao pluracional. Assim, o PPC-N pode ser combinado com advérbios de grau, como “muito”, “pouco”, mas não com advérbios cardinais no tempo, como “*n* vezes”:

(16) a. Eu tenho visto muito/ ?? muitas vezes a sua irmã ultimamente.

b. # Eu tenho visto três/ várias vezes a sua irmã ultimamente.

c. # Eu tenho dito milhões de vezes pra não fazer isso.

Referindo-se à sentença em (16c), abrimos um novo parêntese. Não acreditamos que o mais adequado seja a atribuição de incompatibilidade entre o PPC e “milhões de vezes”, uma vez que a sentença parece ser uma quantia menos fechada, uma hipérbole. Então, embora o raciocínio das autoras siga Ilari (2001), de que o PPC é inaceitável quando há adjuntos na sentença que respondem em termos exatos às perguntas “quando?” e “quantas vezes?”, elas não consideram o fato de que a restrição desaparece quando não há essa especificação, isto é, como um exagero, “milhões de vezes” equivale a “muitas vezes”. Assim, a sentença não seria, julgamos, impossível, conforme afirmado pelas autoras. Esse será, portanto, mais um ponto revisitado no questionário deste trabalho.

De forma exaustiva, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) exemplificam a aceitabilidade do PPC-N com advérbios de tempo, como expressões cíclicas

quantificadas (“todos os dias”) e expressões distributivas (“uma vez por semana”), bem como a rejeição para os advérbios de frequência:

- (17) a. Tenho visto (a) sua irmã todo dia.
 b. Ela tem ligado uma vez por semana.
 c. # Geralmente/ # Na maior parte do tempo, tenho visto a sua irmã na escola.

As autoras concluem, então:

To sum up, the PRES-PERF exhibits a number of properties which characterize pluractionals, over and above the iteration readings it gives rise to. Like pluractionals, it has no multiplication effects on indefinite arguments which could be attributed to an operator scoping over the arguments, but it establishes distributive correspondences between subevents and parts of plural participants. As it is the case with pluractionals, the associated event plurality cannot be cardinalized, and the distribution with other adverbs points to the lack of a semantically accessible level of atomic subevents. (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 84).⁴⁴

Como parte do trabalho, as autoras ainda analisam a interação do PPC-N com perífrases aspectuais do PB, como “*estar* + gerúndio”, “*ir* + gerúndio”, “*andar* + gerúndio”, “*viver* + gerúndio”. O objetivo é evidenciar que o comportamento do PPC-N com perífrases aspectuais fornece um forte apoio à exigência de lacunas temporais como forma de garantir a discriminação de instâncias distintas do mesmo tipo de evento. Assim:

- (18) a. * Esse menino tem estado fazendo besteira.
 b. * Esse menino tem ido melhorando.
 c. Esse menino tem andado fazendo besteira.
 d. * Esse menino tem vivido fazendo besteira.

O PPC é apenas compatível com “*andar* + gerúndio”. As pesquisadoras explicam que essa perífrase, a qual expressa frequência, habitualidade, “is the only one that ensures discontinuity of the distribution of basic eventuality description throughout

⁴⁴ Para resumir, o PRES-PERF exibe uma série de propriedades que caracterizam os pluracionais, além das leituras de iteração que ele origina. Como pluracionais, ele não tem efeitos de multiplicação em argumentos indefinidos que podem ser atribuídos a um operador que atende aos argumentos, mas estabelece correspondências distributivas entre subeventos e partes de participantes plurais. Como é o caso dos pluracionais, a pluralidade do evento associado não pode ser cardinalizada e a distribuição com outros advérbios aponta para a falta de um nível de subconjunto atômico semanticamente acessível. (tradução nossa)

the interval, since it always conveys that the eventuality is instantiated intermittently”⁴⁵ (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 87).

A fim de corroborar com a ideia de que o PPC-N pressupõe uma pluralidade de eventos como condição de felicidade, as autoras testam a interação de “*ter* + particípio” com *accomplishments* com objeto singular:

(19) # O João tem lido este livro.

As autoras justificam que uma leitura intermitente para (19) é excluída na variedade que descreveram porque não cumpriria o requisito de que a cardinalidade da soma dos eventos fosse maior do que uma.

Assim, dadas as propriedades de PPC-N destacadas pelas pesquisadoras, isto é, a de que “*ter* + particípio” pressupõe uma pluralidade de eventos e a de que seu uso é feliz se o intervalo for suficientemente longo, elas concluem que o PPC-N compartilha propriedades com frequentativos e com habituais. No entanto, elas ressaltam que o componente habitual do PPC-N não introduz o que é chamado de “operador modal”, mas um significado de iteração regular ao longo de um intervalo contextualmente longo. Dessa forma, “the iteration can be distributed over plural participants and consequently the plural event need not affect the participants more than once”⁴⁶ (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 91):

(20) a. Muitos estudantes têm aderido ao Partido Comunista.

b. Semanalmente, algumas pessoas têm sido interrogadas.

Considerando o argumento plural, portanto, o evento não precisa envolver os participantes mais de uma vez, não sendo papel do PPC atribuir necessariamente uma propriedade de nível individual a um indivíduo.

Chegamos aqui ao desdobramento final da pesquisa das autoras, as quais comparam sua proposta com análises anteriores feitas por Giorgi e Pianesi (1997) e Schmitt (2001). O objetivo, nessa altura, é mostrar que tais estudos não podem explicar os dados que foram objeto de descrição.

Giorgi e Pianesi (1997), conforme explicam Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), apoiam-se na ideia de que o PPC é habitual. Diferentemente dos outros tempos

⁴⁵ “a única que garante a descontinuidade da distribuição da descrição de eventualidade básica ao longo do intervalo, pois sempre transmite que a eventualidade é instanciada de forma intermitente” (tradução nossa).

⁴⁶ “a iteração pode ser distribuída por vários participantes e, conseqüentemente, o evento plural não precisa afetar os participantes mais de uma vez” (tradução nossa).

compostos, o PPC não seria formado por um auxiliar e sim por um verbo pleno que significa “manter” e que, como tal, é um predicado de eventos. A forma no particípio, por sua vez, seria detentora de um operador genérico oculto, o qual garantiria a leitura iterativa. Somando-se a essas concepções, os autores ainda assumem que quando “*ter*” está no presente no PPC este não pode funcionar como auxiliar, pois a forma resultante competiria com a forma passada sintética (perfeita), que é capaz de atuar como um “presente perfeito”.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 93), sobre a proposta de Giorgi e Pianesi (1997), fazem três observações:

Note, first, that this solution is not entirely compositional: the introduction of a hidden operator modifying temporal structure in order to fulfill the requirements of the higher element (*ter* ‘keep’), with which the building block hosting the operator composes, is a case of coercion (de Swart, 1998), and coercion is not a compositional mechanism (since the meaning of a part is affected by the meaning of the part it will combine with). Secondly, that this operator should be a generic one – or one requiring some sort of iteration of the basic event description – is not justified. If the *ter* appearing in the PRES-PERF literally meant ‘keep’, we would expect it to select for any homogenous situation, and only to give rise to obligatory iteration effects in the case of non-homogenous (punctual, telic) basic eventuality descriptions [...]

Thirdly, as shown by Schmitt (2001), there is no conclusive syntactic evidence for the assumption that *ter* has the status of a full verb in the PRES-PERF and the status of an auxiliary in the other “compound tenses”. There are, however, two elements in Giorgi & Pianesi’s analysis that we will explore [...], namely the fact that the auxiliary in Portuguese compound tenses is *ter*, and the role of the ‘simple perfect’ in determining the profile of *ter* + PP combinations.⁴⁷

Por outro lado, Schmitt (2001) tenta associar as peculiaridades do PPC às restrições seletivas do tempo presente.

Quanto às abordagens resumidas, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 93) concluem:

⁴⁷ Note, em primeiro lugar, que essa solução não é inteiramente composicional: a introdução de um operador oculto que modifica a estrutura temporal para cumprir os requisitos do elemento superior (*ter* ‘keep’), com o qual o bloco de construção que hospeda o operador compõe, é um caso de coerção (de Swart, 1998), e a coerção não é um mecanismo de composição (uma vez que o significado de uma parte é afetado pelo significado da parte que irá combinar). Em segundo lugar, esse operador deve ser genérico - ou um que requer algum tipo de iteração da descrição básica do evento - não é justificado. Se a aparência que aparece no PRES-PERF significasse literalmente “manter”, esperamos que ele selecione para qualquer situação homogênea e que apenas dê origem a efeitos de iteração obrigatórios no caso de descrições de contingência básicas não homogêneas (pontual, télicos) [...]

Em terceiro lugar, como mostrado por Schmitt (2001), não há evidência sintática conclusiva para a suposição de que *ter* tem o *status* de um verbo completo no PRES-PERF e o *status* de um auxiliar nos outros “tempos compostos”. Há, no entanto, dois elementos na análise de Giorgi & Pianesi que exploraremos [...], ou seja, o fato de que o auxiliar nos tempos compostos em português é *ter* e o papel do “simples perfeito” na determinação do perfil das combinações de *ter* + PP. (tradução nossa)

To sum up, the two previous analyses of the Portuguese Present Perfect pose a number of problems. Giorgi & Pianesi's analysis builds on a distinction between *ter* as a full verb and as an auxiliary, which seems doubtful, whereas Schmitt's builds on a distinction between Presents that select for states and Presents that only select for homogeneous situations (including processes) which does not account for the behaviour of the Present Perfect in Latin American varieties of Spanish.

Both analyses resort to the insertion of hidden operators (Gen in the former case, ITER or HAB in the latter), but the selectional properties of the element triggering coercion do not sufficiently justify that only these, and not other operators, should be required. This means that even assuming a coercion mechanism, we would not be able to account for the fact that "perfect" presupposes "plural" in the case under discussion.⁴⁸

Dessa forma, as autoras não acreditam que "*ter*" funcione como um verbo pleno na estrutura com o particípio, devendo ser classificado com um modificador semântico, como os demais semiauxiliares perifrásticos das línguas românicas. Nesse ponto, elas retomam o fato de que "such periphrastic semi-auxiliaries are known to preserve some of the properties that characterize their use as full verbs, in particular properties relating to argument structure"⁴⁹ (LACA; CABREDO-HOFHERR; CARVALHO, 2009, p. 97).

Assim, com base na premissa de que "*ter*" preservou a estrutura de argumento original de "manter, segurar" como um verbo léxico, exigindo um argumento externo, as autoras acreditam que essa pode ser a justificativa para a última restrição para o uso do PPC-N, o qual, para elas, não é feliz quando na sentença não há um sujeito ou um local com essa função, conforme exemplos:

(21) a. # Tem chovido muito ultimamente.

b. # (Os ricos) têm construído muitas casas nesse bairro.

c. # (Aqui) tem feito um frio danado.

⁴⁸ Em suma, as duas análises anteriores do português presente perfeito representam uma série de problemas. A análise de Giorgi & Pianesi baseia-se em uma distinção entre *ter* como um verbo pleno e como um auxiliar, o que parece duvidoso, enquanto o Schmitt se baseia em uma distinção entre Presentes que selecionam para estados e Presentes que selecionam apenas situações homogêneas (incluindo processos) que não explica o comportamento do presente perfeito em variedades latino-americanas de espanhol.

Ambas as análises recorrem à inserção de operadores ocultos (Gen no caso anterior, ITER ou HAB no último), mas as propriedades de seleção do elemento que desencadeia a coerção não justificam suficientemente que somente esses, e não outros operadores, deveriam ser necessários. Isso significa que, mesmo supondo um mecanismo de coerção, não seríamos capazes de explicar o fato de que "perfeito" pressupõe "plural" no caso em discussão. (tradução nossa)

⁴⁹ Tais semiauxiliares perifrásticos são conhecidos por preservar algumas das propriedades que caracterizam seu uso como verbos completos, em particular propriedades relacionadas à estrutura de argumentos.

Acreditamos, como falantes nativos, que não há qualquer restrição para o uso das sentenças em (21), sendo assim, para testar sua aceitabilidade com os falantes de Natal (RN), disponibilizamos (21a, c) no questionário.

Finalmente, após resumirmos a discordância de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) com Giorgi e Pianesi (1997) e Schmitt (2001), passamos a destacar apontamentos gerais e conclusões desse trabalho que são consideradas nesta pesquisa, sem o propósito de desenvolver uma revisão teórica complexa, mas apenas para tecermos algumas considerações no capítulo 4 que possam contribuir para uma reanálise futura do PPC-N:

- no desenvolvimento da pesquisa, em nenhum momento as autoras detalham metodologicamente como foi a análise das sentenças em PB pelos informantes de Natal (RN), os quais totalizaram cinco pessoas de uma mesma família⁵⁰;
- apenas estados graduáveis são aceitáveis com o PPC-N – para as autoras, a forma verbal exclui certos tipos de situações homogêneas e alguns usos típicos com *stage-level*;
- o PPC-N não permite leituras durativas;
- a iteração de eventos distintos não é uma condição suficiente para a aceitabilidade da forma “*ter* + particípio” – o intervalo dado por alguns advérbios podem ser muito curtos para uso do PPC-N;
- o PPC-N não pode ser combinado com advérbios cardinais no tempo, do tipo “milhões de vezes”;
- o PPC-N não é feliz quando usado em sentenças nas quais não há sujeito ou local com essa função.

Tais aspectos foram, desse modo, considerados na elaboração do questionário, o qual será tratado nos capítulos 3 e 4.

2.3 MOLSING (2010)

Objetivando o melhor entendimento dos significados associados à construção “*ter* + particípio” do PPC no PB, Karina Molsing assume em sua tese uma abordagem que envolve a construção de interfaces em todos os níveis de análise. Para se chegar a uma análise composicional do PPC, a autora organiza sua pesquisa em várias etapas: (i)

⁵⁰ Essa informação não se encontra no referido trabalho. Tivemos o conhecimento desse detalhe em conversa pessoal com uma das autoras, Brenda Laca.

investigar os fundamentos filosóficos de plurais e eventos; (ii) investigar os fundamentos linguísticos de plurais e eventos; (iii) analisar como as duas primeiras etapas modelam a concepção de teorias de aspecto lexical e aspecto gramatical.

Molsing (2010) revisita algumas teorias do *Present Perfect*, do inglês, e assume que a diferença entre aquele tempo verbal e o PPC do PB é de natureza semântica. Entre os trabalhos retomados pela autora, está o de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), sobre a restrição constatada no PPC da variedade de Natal (RN), que será tratado detalhadamente nesta pesquisa. Com base na afirmação das pesquisadoras de que leituras durativas não são possíveis para o PPC na variedade analisada, e na natureza não composicional da descrição pluracional do PPC, Molsing (2010) se propõe a buscar outro caminho baseado em uma perspectiva singularista.

Entre tantas comparações e complexas análises feitas por Molsing (2010), destacamos a comparação do PPC que ela apresenta. A forma progressiva está sendo cada vez mais utilizada nos mesmos contextos em que o PPC é empregado, segundo a abordagem Sociolinguística de Mendes (2004), um dos autores consultados por Molsing (2010).

Comparando as construções “*ter* + particípio” e “*estar* + gerúndio”, com ambos os auxiliares no tempo presente, a autora analisa as leituras durativas e habituais das estruturas, conforme o quadro a seguir.

QUADRO 4 – PPC *VERSUS* PROGRESSIVO: ASPECTO LEXICAL

Classes aspectuais	PPC PB	Progressivo PB
<i>Achievement</i>	João tem chegado atrasado ao trabalho.	João está chegando atrasado ao trabalho.
<i>Accomplishment</i>	João tem lido <i>O Grande Gatsby</i> .	João está lendo <i>O Grande Gatsby</i> .
Atividade	João tem trabalhado.	João está trabalhando.
<i>Individual-level</i>	João tem sido esperto.	João está sendo esperto.
<i>Stage-level</i>	João tem sabido aproveitar a vida.	João está sabendo aproveitar a vida.

FONTE: Molsing (2010, p.164).

Referindo-se ao *achievement*, verifica-se que o PPC permite apenas uma leitura habitual, em que João chegou atrasado ao trabalho por inúmeras vezes. Já o progressivo possibilita uma leitura adicional, em que a chegada de João se sobrepõe ao momento de fala e a chegada atual ainda não aconteceu. Com o *accomplishment*, ambas as sentenças, como afirma Molsing (2010), parecem remover ou impedir o ponto télico de João ter lido o livro até o fim. O PPC expressa vários eventos, descontínuos, de leituras de parte

do referido livro, e o progressivo, uma leitura contínua, não habitual. A mesma explicação vale para os predicados *individual-level*, uma vez que estes recebem uma leitura dinâmica. No caso do *stage-level*, há a expressão de subeventos de natureza diferente de “saber” e que, somando-se, resulta no sentido pretendido.

Tais correspondências não significam que as construções são aceitáveis com os mesmos predicados. É o que Molsing (2010, p. 165) explica:

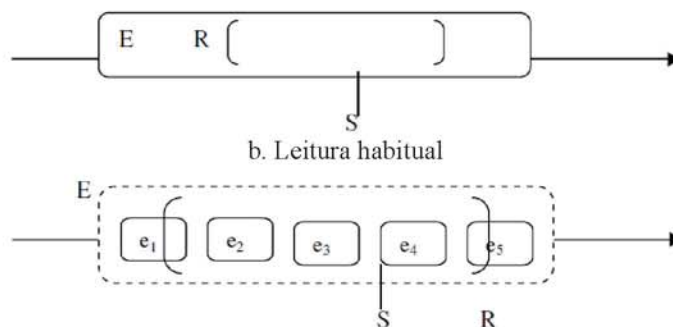
Evidentemente, nem todos os SLPs [Predicados *Stage-level*] se comportam da mesma maneira em ambas as construções. “Estar doente” seria aceitável no PPC, mas não no progressivo, enquanto “saber da reunião” não seria aceitável no PPC, mas sim no progressivo. Isso se deve à capacidade do predicado de dar origem a leituras no singular e no plural. (tradução nossa)⁵¹

A autora destaca, entretanto, que há casos em que as leituras do PPC e do progressivo são indistinguíveis, como no caso de atividades (1):

(1) João {tem trabalhado / está trabalhando} pela integração econômica regional.

Molsing (2010), baseando-se em Comrie (1976) e Bybee et al. (1996), assume que o progressivo é um subtipo do imperfectivo e apresenta, como reproduzimos a seguir, as configurações que correspondem às duas leituras do progressivo.

FIGURA 1 – CONFIGURAÇÃO DO PROGRESSIVO
a. Leituras durativa e contínua



FONTE: Molsing (2010, p. 165).⁵²

O esquema (a) parece ilustrar a eventualidade se esparramando em um intervalo de tempo que compreende o tempo de fala; em (b), a mesma eventualidade

⁵¹ Admittedly, not all SLPs behave the same way in both constructions. ‘Estar doente’ would be acceptable in the PPC, but not in the progressive, while ‘saber da reunião’ would not be acceptable in the PPC, but would be in the progressive. This is due to the predicate’s ability to give rise to both singular and plural readings.

⁵² No esquema, Molsing (2010) refere-se a *E* como intervalo do evento; *ev* para eventos, que incluem *accomplishments*, *achievements* e atividades, e *st* para estados. *E* = *event time*; *S* = *speech time*; *R* = *reference time* (REICHENBACH, 1967).

parece se realizar de forma frequentativa antes, durante e depois o momento de referência. Assim, a autora ressalta que, nas leituras contínuas, “a relação relevante é entre o tempo de referência e a própria eventualidade e não necessariamente o tempo de localização dentro do qual a eventualidade está inserida.”. É, então, em razão da leitura contínua que o imperfeito denota uma inclusão imprópria entre o tempo de referência e a eventualidade, o que significa que o tempo de referência também poderia se sobrepor completamente ao tempo de localização. Essa alternativa, segundo Molsing (2010, p. 166), tem possibilidade de estar disponível apenas em algumas línguas; nas românicas, “a inclusão adequada com a leitura durativa é a interpretação mais apropriada.”. Por outro lado, como mencionado, a segunda representação evidencia que os eventos ou subeventos podem se repetir antes, durante e depois do tempo de referência.

Na sequência, Molsing (2010) testa a interação do PPC e do progressivo com argumentos plurais.

QUADRO 5 – PPC E ARGUMENTOS PLURAIS

Classes aspectuais	PPC + sujeito plural	PPC + objeto plural
<i>Achievement</i>	Os alpinistas têm alcançado o topo da montanha.	O alpinista tem alcançado os topos das montanhas.
<i>Accomplishment</i>	Os alunos têm lido <i>O Grande Gatsby</i> .	O aluno tem lido romances de terror.
Atividade	Os criminosos têm corrido.	n/a
<i>Individual-level</i>	Os criminosos têm sido espertos.	n/a
<i>Stage-level</i>	Os meninos têm sabido aproveitar da vida.	n/a

FONTE: Molsing (2010, p. 166).

Molsing (2010) explica que, embora o PPC contribua com o significado de uma pluralidade de eventos sem argumentos plurais, a presença de um argumento plural acrescenta outro nível de pluralidade dentro de determinadas ocasiões. No caso do *achievement*, significa que os alpinistas foram distribuídos dentro e através das múltiplas ocasiões de alcançar o topo da montanha, isto é, cada um dos alpinistas recebe seu próprio evento de “alcançar” e todos juntos resultam em uma pluralidade de eventos de “escalar”, os quais compõem um evento maior de “escalar”. Assim, Molsing (2010, p. 167) comprova que “o significado das ocasiões plurais contribuídas pelo PPC exclui qualquer tipo de leitura coletiva.”.

Partindo, então, da concepção de que argumentos plurais desencadeiam distribuição sobre (sub)eventos em ocasiões, a autora tem a hipótese de que há algo na

estrutura do PPC que licencie a distribuição de várias ocasiões envolvendo eventos como um todo.

Tratando-se das demais classes aspectuais, Molsing (2010) reconhece que o que muda é a natureza do evento, em comparação com o evento maior em várias ocasiões. Com o *accomplishment*, por exemplo, o evento da leitura é que ganha pluralidade e é distribuído para cada um dos alunos, os quais se relacionam ao evento maior da referida leitura. Do mesmo modo, as atividades envolvem uma pluralidade de subeventos da mesma natureza que o evento maior e os predicados de estado envolvem uma pluralidade de subeventos que se somam aos eventos de ser inteligente ou de saber como aproveitar ao máximo a vida.

Ao comparar a mesma interação de argumentos plurais com o progressivo, Molsing (2010) verifica que a construção “estar + gerúndio” permite as mesmas leituras descritas para o PPC. A diferença existente é a de que o progressivo permite leituras coletivas, conforme quadro a seguir.

QUADRO 6 – PROGRESSIVO E ARGUMENTOS PLURAIS

Classes aspectuais	Progressivo + sujeito plural	Progressivo + objeto plural
<i>Achievement</i>	Os alpinistas estão alcançando o topo da montanha.	O alpinista está alcançando os topos das montanhas.
<i>Accomplishment</i>	Os alunos estão lendo <i>O Grande Gatsby</i> .	O aluno está lendo romances de terror.
Atividade	Os criminosos estão correndo.	n/a
<i>Individual-level</i>	Os criminosos estão sendo espertos.	n/a
<i>Stage-level</i>	Os meninos estão sabendo aproveitar da vida.	n/a

FONTE: Molsing (2010, p.168).

Assim, diferentemente do PPC, que licencia uma leitura distributiva na interação com sujeito plural, com o progressivo, diferentes subeventos da ação de “alcançar o topo da montanha” ou a leitura não permitem participantes distintos. No caso de objetos plurais, tanto o progressivo quanto o PPC só possibilitam uma leitura distributiva.

Retomando a configuração temporal-aspectual do progressivo, Molsing (2010, p. 168) lembra que

[...] the event interval, whether expressing a durative or habitual reading, overlaps both reference time and speech time. This means the eventuality denoted by PROG must be true at speech time. In the case of the habitual reading, it is not the case that an individual subevent must overlap speech time, but that the habit must be ongoing at speech time. The question then, is whether this is true for the PPC as well.⁵³

A autora, então, faz o teste por meio de advérbios que delimitam o tempo, como “até agora” e “até ontem”, e aponta para o fato de que tanto o progressivo quanto o PPC são aceitáveis com o primeiro (2) e rejeitam o segundo (3).

(2) a. João tem trabalhado no escritório até agora.

b. João está trabalhando no escritório até agora.

(3) a. *João tem trabalhado no escritório até ontem.

b. *João está trabalhando no escritório até ontem.

Prosseguindo o teste com advérbios de duração, como “desde X tempo” e “por X tempo”, a autora indica que não há uma ambiguidade universal-existencial porque o PPC não expressa leituras existenciais e porque o progressivo é incapaz de expressar um evento passado. Com “desde X tempo”, as sentenças têm o mesmo sentido; porém, quando a questão é se o evento está incluído no momento de fala, é possível constatar que não há uma evidência de que a resposta seja positiva – Molsing (2010) apoia-se em Mória (2000) para afirmar que é possível continuar a frase com o PPC da seguinte forma: “mas não sei se ainda trabalha lá”. Isso não funcionaria para a sentença com o progressivo.

(4) a. João tem trabalhado no escritório desde fevereiro / por dois meses.

b. João está trabalhando no escritório desde fevereiro / por dois meses.

Referindo-se ao advérbio “por X tempo”, o significado principal é o de que o trabalho começou há dois meses, se estende e inclui o tempo de referência. Nesse entendimento, para a autora, o término do período dado, os dois meses, coincide com o momento de fala. Para nós, entretanto, essa compreensão não é possível. Como falantes nativos do PB, não aceitamos “por dois meses” tanto em (4a) quanto em (4b), ou seja, nem o PPC nem o progressivo, na nossa leitura, parecem ser aceitáveis quando há a interposição de um limite expresso pelo advérbio. A restrição parece se manter na possibilidade de o PPC autorizar o cancelamento da inclusão do momento de fala; isto

⁵³ [...] o intervalo de evento, expressando uma leitura durativa ou habitual, sobrepõe o tempo de referência ao tempo de fala. Isso significa que a eventualidade denotada pelo PROG [progressivo] deve ser verdadeira no momento da fala. No caso da leitura habitual, não é o caso que um subevento individual deve se sobrepor ao tempo de fala, mas que o hábito deve estar em andamento no momento da fala. A questão, então, é se isso é verdade também para o PPC. (tradução nossa)

é, para nós, o PPC e o progressivo nesse caso se comportam da mesma maneira. Molsing (2010, p. 169) explica:

For example, in a context where John frequently changes locations in the company he works at, one could utter (4.24b) with ‘por’ in a context where he already began working for, say, one month, and there is one month left before he moves again to another sector of the company. What this data tells us is that the eventuality’s inclusion of the right boundary, marked by speech time, is obligatory for PROG, but not for PPC. This tells us further that the PPC event does not properly include reference time, but may partially overlap it.⁵⁴

Assim, após exemplificar alguns casos em que o PPC e o progressivo têm o mesmo padrão, como a interação com advérbios cardeais e de frequência, Molsing (2010) conclui que as construções “*ter* + particípio” e “*estar* + gerúndio” compartilham a capacidade de expressar situações habituais ou durativas. Em sua análise, a pesquisadora evidenciou que o PPC exclui leituras coletivas gerais, dada a pluralidade inerente da forma verbal, e o progressivo, comportando-se diferente, admite tais interpretações. No que tange à estrutura temporal-aspectual, as estruturas em comparação apresentam diferenças relevantes: com o progressivo, o evento inclui o tempo de referência, o qual inclui obrigatoriamente o tempo de fala; com o PPC, o intervalo de evento deve incluir o tempo de fala, mas a eventualidade subjacente pode não incluir necessariamente o tempo de fala. Ou seja, PPC e progressivo “[...] são semelhantes em relação a como eles podem preencher o intervalo de eventos, mas diferem em como o evento subjacente se relaciona com o tempo de referência e consequentemente com o tempo de fala.” (MOLSING, p. 171).

A autora continua sua análise com a hipótese de que o PPC tenha algum operador secreto que origine leituras habituais, o qual deva ser entendido como um tipo de advérbio quantificacional. Algumas perguntas também são lançadas: Que pedaço de morfologia acionaria o operador PPC habitual? Como derivar as leituras durativas? É possível seguir Ilari (2001) na busca de uma única regra semântica que pode derivar ambas as leituras, distinguindo somente predicados télicos de predicados atélicos?

Molsing (2010) sugere, então, que é preciso considerar a semântica do tempo presente. Ela argumenta que olhar estritamente para o auxiliar ou para o particípio

⁵⁴ Por exemplo, no contexto em que João frequentemente muda de local na empresa onde trabalha, alguém poderia dizer (4.24b) [4-b] com ‘por’ em um contexto em que ele já começou a trabalhar por, digamos, um mês, e resta um mês antes de ele se mudar novamente para outro setor da empresa. O que esses dados nos dizem é que a inclusão da fronteira direita, marcada pelo tempo de fala, é obrigatória para o PROG [progressivo], mas não para o PPC. Isso nos diz ainda que o evento PPC não inclui corretamente o tempo de referência, mas pode parcialmente sobrepor-lo. (tradução nossa)

implicaria em um tratamento especial para essa forma verbal, o que entraria em desacordo com as demais línguas românicas. Além disso, a pesquisadora aponta que a necessidade de o auxiliar estar no tempo presente para fornecer iteratividade é um forte indício de que é preciso focar nesse componente.

No PB, como sabemos, o tempo presente possibilita uma leitura universal marcada por um advérbio de duração (5a), diferentemente de outras línguas, como o inglês (5b). Essa permissão da língua portuguesa leva Molsing (2010) a criar a hipótese de que deve haver algo sobre a semântica do tempo presente que permite esse tipo de interpretação. Além disso, a autora também pensa que há algo sobre a semântica dos advérbios durativos que lhes permite usar o tempo presente como uma espécie de âncora, para abrir um intervalo durativo que começa no passado.

(5) a. Eu dirijo este táxi há 50 anos.

b. **I drive this taxi for 50 years.*

Com base na possibilidade que o presente dá à língua portuguesa, e não a outras línguas, Molsing (2010) fornece suporte para a presença do tempo de referência na representação de tempos simples (nas leituras durativa e habitual), isto é, um ponto de referência que não coincida com o momento do evento e o momento de fala, como é explicitado por Reichenbach (1947). O tempo de referência ganha, dessa forma, o papel de mediador entre a eventualidade e o tempo de localização, o que significa que a eventualidade pode ser “encaixada” de diferentes maneiras. Molsing (2010) acredita, portanto, que é o tempo de referência que licencia diferentes tipos de leituras no presente perfeito das diferentes línguas.

O apanhado feito até aqui das questões levantadas por Molsing (2010) não descreve na íntegra todos os caminhos que a autora trilhou nos capítulos de análise para chegar às suas hipóteses e considerações. Destacamos apenas alguns pontos de sua tese relevantes para esta pesquisa, isto é, uma análise contrastiva do progressivo e do PB que nos ajudasse a melhor entender a correspondência que a construção foco desta dissertação tem com a forma perifrástica usual “*estar + gerúndio*”.

2.4 MEDEIROS (2008)

Diferentemente dos trabalhos revisados anteriormente, a tese de Alessandro Boechat de Medeiros não toca unicamente no tópico “Pretérito Perfeito Composto na

língua portuguesa”. A investigação proposta diz respeito às formas participiais do PB, em sua amplitude, sob o modelo teórico da Morfologia Distribuída. Dessa forma, além dos tempos compostos, são escopos da pesquisa a voz passiva, os adjetivos e as nominalizações.

Destacaremos as considerações de Medeiros (2008) que se referem aos tempos compostos, mais especificamente, ao PPC. A fim de entendermos o ponto de vista do autor, é importante a compreensão da teoria que ele adota: a Morfologia Distribuída. Nesse viés de estudo, entende-se que há uma subespecificação de formas morfofonológicas, isto é, nomes como “particípio passado” são rótulos que encapsulam em representações mentais atômicas determinadas informações sintáticas (gramaticais) e semânticas (de significado) – os traços morfossintáticos.

Medeiros (2008, p. 49-50) busca oferecer respostas a várias questões definidamente clássicas, entre as quais nos interessa: “Por que a forma com o auxiliar TER no presente do indicativo e o particípio passado do verbo principal (pretérito perfeito composto) tem, no português, somente interpretação habitual ou iterativa [...] enquanto em outras línguas [...] outras interpretações são possíveis?”.

Dialogando com trabalhos como Reichenbach (1947), Klein (1992) e Ippolito (1999), Medeiros (2008) propõe soluções para a pergunta mencionada. Para isso, o autor assume o sistema temporal postulado por Klein (1992), o qual é baseado em três intervalos de tempo, que mantêm diversas relações entre si, a saber: tempo de enunciação (*time of utterance* – TU), tempo tópico (TT) e tempo da situação (TSit). Referindo-se ao intervalo que contém a emissão da sentença, TU corresponde ao momento de fala (S) na linha do tempo de Reichenbach; TT, “é o tempo sobre o qual, em uma dada ocasião, uma afirmação é feita” (KLEIN, 1992 apud MEDEIROS, 2008, p. 63); TSit corresponde ao tempo do evento (E) no sistema de Reichenbach.

A relação entre TT e TU constitui o tempo verbal; o aspecto é a relação entre TT e TSit. Sendo intervalos, e não pontos na linha do tempo usados no sistema de Reichenbach (1947), eles podem preceder um ao outro ou até mesmo conter, parcialmente ou totalmente, um ao outro. Sobre o sistema de Klein (1992), Medeiros (2008) comenta que uma vantagem sobre o proposto por Reichenbach é que ele permite que sejam estabelecidas diferenciações aspectuais relevantes.

Assim, sobre a pergunta a que se propõe a responder, Medeiros (2008, p. 87-88) afirma:

O que defenderei [...] é que o pretérito perfeito composto é interpretado habitualmente pelo simples fato de que a combinação de um traço de aspecto perfectivo, realizado pela terminação participial, com o núcleo mais alto que alberga o traço [presente], cuja interpretação *default* em português é **habitual**, gera uma leitura na qual o evento denotado pelo verbo principal, contido no TT, seja repetido um número indeterminado de vezes *até* o tempo presente – a borda esquerda do tempo da fala. Com isso a interpretação dada a essa forma verbal é transparentemente calculada a partir de seus elementos de composição. (grifos do autor)

Para o autor, o presente tem duas leituras básicas: uma na qual a eventualidade contém o momento de fala (1) e outra habitual/iterativa (2).

(1) João torce pelo flamengo.

(2) João corre no calçadão de Copacabana.

Como no PB há uma forma específica com significado semelhante a uma dessas leituras (*estar* + gerúndio), nós consideramos a interpretação habitual como principal para o presente. No caso do PPC, Medeiros (2008, p. 89) supõe que o participio passado “seja a manifestação morfofonológica de um traço de aspecto [perfectivo] [...] que opera sobre o evento denotado pelo verbo principal fazendo com que ele seja interpretado como um todo indiviso.”. O autor propõe, então, uma modificação à proposta original de Klein, de que “o traço perfectivo opere sobre a eventualidade ou situação, nos termos deste autor, fazendo com que o tempo desta eventualidade, o TSit, esteja, de fato, totalmente, *propriamente*, contido no tempo tópico.”.

Referindo-se à perfectividade, o autor a concebe de duas formas: uma presente na estrutura morfossintática, como no PPC, e outra ausente, forçando a interpretação por meio de outros elementos do contexto, como nos casos em que o presente tem leitura habitual.

Para o PPC, Medeiros (2008, p. 90) assume que o tempo presente tem uma especificação: “a borda esquerda do intervalo correspondente ao TT vai identificar-se com a borda esquerda do intervalo correspondente ao TU”. Dessa forma, conforme explica o autor, é possível distinguir o presente simples do presente no PPC.

Medeiros (2008), partindo do pressuposto de que a interpretação do presente no PB normalmente é habitual, acredita que a situação é também perfectiva – com exceção de certos contextos, como narrativas de futebol.

Embora Medeiros (2008) tenha respondido com propriedade à pergunta inicial, julga-se relevante destacar, ainda, o raciocínio que o autor faz em resposta a uma constatação feita por Giorgi e Pianesi (1998), de que o PPC tem uma interpretação

incoativa – a qual, para Medeiros (2008, p. 92), supostamente pode surgir em casos como este:

(3) A mãe de Pedro tem levado ele à escola (ultimamente).

O evento em questão, por inferência, é o de que a mãe de Pedro adquiriu o hábito de levá-lo à escola, entendendo-se que antes ela não o tinha. O autor aponta aí o engano de considerar uma interpretação incoativa: “A leitura da forma verbal é, simplesmente, a de evento que se repete desde um passado até o tempo da fala – não a de adquirir um hábito qualquer” (MEDEIROS, 2008, p. 92).

Além disso, o autor lembra que outra interpretação inadequada do PPC é a afirmação de que ele expressa um hábito recente adquirido – concepção descartada na medida em que a ocorrência do PPC com advérbios do tipo “ultimamente”, “recentemente” não gera redundância. Tratamos dessa questão na seção 2.2, quando fornecemos como exemplos dessa ausência de redundância alguns usos autênticos do PB.

Outro problema para a tese do autor, e que ele não deixa de discutir, é a questão da leitura estativa do PPC: Se essa forma verbal sempre apresenta uma leitura habitual, como classificar sentenças como (4) e (5)?

(4) Ele tem sido um bom marido.

(5) João tem morado/vivido em Nova Iorque.

Medeiros (2008, p. 95) defende, ainda assim, que tais casos apresentam leituras semânticas de hábito. Para (4), ele explica que o marido “se comporta como tal”, ou seja, “[...] num intervalo de tempo que começa no passado e termina com o término do TU, ocorrem várias situações em que as propriedades de um bom marido se manifestam (se repetem) n’ele.”. Assim, na concepção do autor, tal comportamento não é uma característica que dura até o momento de fala, mas um conjunto de ocorrências em que certas propriedades de “ser um bom marido” se comprovam. Destacamos que, no nosso entendimento, entretanto, o uso do PPC em (4) obriga que a propriedade de ser um bom marido seja verdade no momento de fala, e não que tenha encerrado antes. Basta acrescentarmos “hoje” à sentença para atestar sua aceitabilidade, e “ontem” para verificar sua inaceitabilidade. Para o caso de a propriedade de ser um bom marido poder ter sido findada antes de TU, pensamos que o falante usaria o Pretérito Perfeito Simples para não se comprometer com a verdade da afirmação em TU.

No caso de (5), Medeiros (2008) vê o caso como dificultoso e atribui tal dificuldade à hipótese de “não morar em lugar algum” – então, cada subevento estativo de morar em Nova Iorque tem de ser longo o suficiente para cobrir os intervalos adjacentes, já que morar em lugar algum não é uma opção aceitável. Isso explica, para ele, o valor de continuidade do estado.

Finalmente, assim como a tese de Molsing (2010), esta revisão recortou apenas uma fatia muito pequena da análise que o autor trilhou em sua pesquisa. Ainda assim, por mais sucinto que seja, este resumo nos ajudou a explicitar de que forma a pergunta inicial já buscou ser respondida, seguindo um outro enfoque teórico, que foi a Morfologia Distribuída. Medeiros (2008), assim como Molsing (2010), apontou o tempo presente como um importante elemento para a descrição do PPC e subsidia a análise que direciona esta pesquisa.

2.5 BARBOSA (2008)

A tese de Juliana Bertucci Barbosa também compõe o quebra-cabeça de pesquisas que subsidiaram a presente dissertação, uma vez que nela o PPC foi estudado juntamente com o Pretérito Perfeito Simples (PPS), sob o propósito de comparação entre os usos do PB e do português europeu. Embora o PPS não seja o escopo de nossa análise, julgamos importante verificarmos a descrição do PPC sob esse viés comparativo, entre as variedades de uma língua.

Partindo do princípio de que o sistema dos tempos verbais do PB está passando por uma reorganização, Barbosa (2008) investiga os dois pretéritos primeiramente em uma perspectiva diacrônica para, depois, compará-los tomando como base o PB e o português europeu do século XX. Os objetivos da autora são, entre outros, apontar características que unificam/distinguem as duas variedades do português em questão e contribuir para a descrição da história do PB.

Na introdução desta pesquisa, o trabalho de Barbosa (2003), juntamente com Castilho (2014), foi citado quando mencionamos a constatação de que o PPC está caindo em desuso no PB atual. Retomamos essa afirmação na revisão desse trabalho: embora julguemos que a construção “*ter* + participio” ainda seja rentável – já que como falantes e ouvintes do PB é comum que estejamos em contato com ela – Barbosa (2008) lembra seu trabalho anterior e reafirma a diminuição da frequência do uso da forma verbal, verificada por meio da comparação de sua ocorrência: no século XIX, houve

80% em 225 textos e, no século XX, 20% em 57 textos. A investigação bibliográfica da autora (SILVA, 1998) aponta que no português europeu o caso parece ser o contrário, porém os resultados analisados por Barbosa (2008) vão de encontro à afirmação de que o PPC é frequente no português europeu e reforçam a diminuição de ocorrências da forma verbal em ambas as variedades do português.

Outra evidência para tal realidade é aquela apresentada por Salvi (2001), cujo trabalho é destacado por Barbosa (2008), no qual se constata, por meio de traduções de partes de uma revista inglesa, que o Present Perfect é invariavelmente traduzido para o português por meio do PPS, inclusive quando expressa iteração ou duração, casos estes nos quais se usa PPS combinado com advérbios – e não o PPC. Essas e outras evidências levaram Barbosa (2008) a acreditar que o PPC está perdendo o posto para o PPS, levando a uma oposição entre o português e as demais línguas românicas. Acrescentemos outra possibilidade de interpretação sobre as traduções da revista inglesa: o *Presente Perfect* do inglês não corresponde, na maioria dos casos, ao nosso PPC.

Voltando à análise referente ao PPC e o PPS, o *corpus* da autora foi formado com base em textos diversos, como os de bibliotecas (Universidade Federal de Uberlândia, da USP, Universidade de Lisboa), bancos de dados etc. Entre as perguntas que a autora se propõe a responder, resumiremos suas considerações sobre haver ou não diferenças entre o PPC e o PPS no PB e no português europeu.

Barbosa (2008) confronta, nas duas variedades do português em questão, os valores semânticos (iteratividade, duratividade e perfectividade) expressos pelo PPC e pelo PPS identificados no *corpus*, a fim de verificar se o PB ou o português europeu detinham um valor aspectual mais produtivo. A contabilização de ocorrências do PPC e PPS considerando a telicidade dos verbos, tanto no PB quanto no português europeu, levou Barbosa (2008) a confirmar, entre outras constatações, a afirmação de Ilari (2001) e de Castilho (1966; 2014) de que no PPC a leitura de iteratividade é mais provável quando um verbo télico constitui a forma verbal, e a duratividade ocorre mais facilmente se o verbo for atélico.

A autora conclui, então, que o PB e o português europeu apresentam, com relação ao uso do PPC e do PPS, características e funções muito próximas. Em ambas as variedades, o PPC atual, ao contrário de outras línguas românicas, é um quantificador de eventos que expressa pluralidade.

Destacamos que nosso trabalho relaciona-se ao de Barbosa (2008) na medida em que também compara os valores aspectuais do PPC, porém em duas línguas distintas, no PB e em duas variedades do espanhol. Embora nosso trabalho não tenha a pretensão de explicar por meio de dados diacrônicos de ambas as línguas tal uso, a investigação de Barbosa (2008) contribui teoricamente com a análise que pretendemos desenvolver, uma vez que se vale da semântica para realizar considerações sobre o PPC contemporâneo.

As seções que darão seguimento a este capítulo constituem referências teóricas importantes sobre o estudo do PPC na língua espanhola. Na vasta literatura sobre o tema, selecionamos, para uma abordagem inicial, um dos textos que compõem a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, de Ignacio Bosque e Violeta Demonte, e, depois, selecionamos a abordagem do PPC no espanhol das variedades americanas de María Luz Gutiérrez Araus.

2.6 NELSON CARTAGENA (1999)

Com o objetivo de descrever os tempos compostos do modo indicativo na língua espanhola, Cartagena (1999) afirma para a forma que compõe esse tempo verbal “*haber* + participio” uma implicação de perfectividade. Entretanto, quando o assunto é o PPC, o autor esclarece que sua descrição não se resume em uma só palavra, a começar por sua nomenclatura. Ele retoma duas expressões distintas para referir-se a esse tempo retrospectivo: *pretérito perfecto compuesto* (RAE) e *antepresente* (Bello, 1847 apud Cartagena, 1999). Diferentemente do PB, Cartagena (1999) explica que na tradição gramatical espanhola o termo “perífrase verbal” não é aceito porque nesta a gramaticalização não é tão adiantada como nos tempos verbais.

Referindo-se ao PPC espanhol, o autor explica:

El significado fundamental de esta forma es indicar que una acción se realiza antes del punto cero que nos sirve de referencia para medir el tiempo, pero dentro del ámbito que tiene como centro la coexistencia o simultaneidad de dicho punto con el momento del habla. Dicho de otro modo, *he hecho* no significa acción simplemente ocurrida fuera del ámbito de nuestro presente, sino en relación directa con este.⁵⁵ (CARTAGENA, 1999, p. 2941).

⁵⁵ O significado fundamental dessa forma é indicar que uma ação é realizada antes do ponto zero que nos serve de referência para medir o tempo, mas dentro do âmbito que tem como centro a coexistência ou simultaneidade desse ponto com o momento da fala. Em outras palavras, *he hecho* não significa que a ação simplesmente aconteceu fora do âmbito do presente, mas em relação direta com ele. (tradução nossa)

Assim, o autor destaca que tal integração da eventualidade, acabada antes do momento de fala mas ainda relevante para o presente, faz com que usos com verbos permanentes mais uma determinação adverbial do tipo “*siempre*”, “*toda la vida*” sejam bem aceitos, como nos exemplos a seguir.

- (1) Siempre ha sido una chica muy guapa. [É e provavelmente continuará sendo]
 (2) Toda la vida he oído las mismas críticas. [Agora também as ouço e provavelmente seguirei ouvido-as]

Se o falante não deseja que a duração da ação não chegue ao momento de fala, é possível limitá-la por meio de um modificador:

- (3) Hasta hace poco ha sido una chica muy guapa. [Agora já não é]

Façamos um parêntese para lembrarmos do PB. Conforme vimos neste capítulo, Medeiros (2008) defende que a forma “*ter* + particípio” expressa uma leitura habitual com verbos de estado, porém Cartagena (1999) nos fornece um exemplo, aceitável no espanhol, que pode comprovar a inaceitabilidade de uma sentença com o PPC no PB que tenha a finalidade de cancelar a eventualidade descrita no momento de fala:

- (4) #Até há pouco tempo, ele tem sido um bom marido.

Acreditamos, então, que o PPC do espanhol tem, seguramente, mais flexibilidade para expressar, por meio de advérbios, a extensão de determinado evento, que ora pode chegar ao momento da enunciação, ora pode estar finalizado nesse momento.

Voltando ao trabalho de Cartagena (1999), o autor descreve outro uso do PPC espanhol impossível para o PB: o de poder substituir o tempo futuro ou um tempo do modo subjuntivo:

- (5) Hombre, el mes que viene ya he presentado el examen.
 (6) No te preocupes. Cuando vea que he llegado al término de mis fuerzas, pediré ayuda.

O autor explica, sobre os exemplos, que “el ante-presente es en ambos casos um ante-futuro remplaceable en [5] normalmente por *habré presentado*, [...] en [6] por *haya llegado*”⁵⁶ (CARTAGENA, 1999, p. 2943).

⁵⁶ “o antepresente é, em ambos os casos, um ante futuro substituível em [5], normalmente por *habré presentado*, [...] em [6] por *haya llegado*” (tradução nossa)

Analisando a diferença entre a forma simples e a composta, Cartagena (1999) faz um rápido percurso histórico e conclui que, embora ambas indiquem uma relação de anterioridade com relação ao momento de fala, a forma composta costuma indicar ações mais próximas desse momento do que as designadas pela simples.

O autor ainda revisa as diferenças entre os usos das formas simples e composta na Espanha e em algumas regiões da América. O apanhado dessas variedades, especificamente sobre o uso do PPC espanhol, será abordado na seção seguinte, quando trataremos do trabalho de Gutiérrez Arous (2001).

2.7 GUTIÉRREZ ARAUS (2001)

María Luz Gutiérrez Arous buscou realizar no trabalho resenhado nesta seção uma caracterização da construção “*haber* + participio” no espanhol das variedades americanas. Consideramos o levantamento da autora importante porque, mesmo sob um parâmetro geral, ela esclarece, por meio da revisão de pesquisas existentes, como muitas variedades do espanhol de países americanos são insuficientemente descritas. Tal constatação nos motivou inicialmente a colaborar, mesmo que minimamente, com uma análise que contribua com a descrição do PPC usado na Venezuela, na Colômbia e no Paraguai.

Gutiérrez Arous (2001) investiga, assim, em que medida há ou não uma homogeneidade no uso do PPC no espanhol dos países localizados na América Latina e em quais aspectos difere efetivamente do espanhol peninsular.

A autora parte da concepção de que as formas compostas de todas as conjugações do espanhol são relativas em sua referência temporal, isto é, marcam uma relação indireta com o ponto de referência. A temporalidade do PPC, então, assinala uma anterioridade a um momento simultâneo ao ponto de referência, o que, para a pesquisadora, motiva a peculiaridade desse tempo verbal. Tal expressão de anterioridade faz com que o PPC das variedades peninsulares compita com o *Pretérito Perfecto Simple* (PPS), uma vez que pode significar um passado de anterioridade imediata; por outro lado, uma grande parte do que a autora chama de “espanhol atlântico” usa o PPS para a interpretação de anterioridade. Outro fato é que o PPC também se encontra no plano do presente, já que expressa situações relacionadas ao momento simultâneo ao ponto de referência. Assim, configura-se um presente resultativo, dado seu aspecto verbal de forma composta.

A forma verbal do PPC, portanto, tem um traço de anterioridade inerente, e deve ser caracterizada primeiro com base no ponto de vista da temporalidade verbal, depois, devido à composição com o auxiliar “*haber*”, com base no aspecto perfectivo. O aspecto verbal, inclusive, é a categoria que explica, conforme destaca Gutiérrez Araus (2001, p. 3), a peculiaridade que há no sistema verbal em relação às perífrases aspectuais e à forma verbal do PPC. Dessa maneira, ela acredita que:

[...] en el sistema verbal del español, mientras en las formas simples la temporalidad es la categoría clave, en las formas compuestas, además de la temporalidad, o unida a ella, el aspecto adquiere relevancia y concretamente un valor resultativo-continuativo en la forma *he cantado*.⁵⁷

Outra categoria considerada por Gutiérrez Araus (2001) é a discursiva, na qual a referência volta-se à maneira como o falante emprega as formas verbais disponíveis em diferentes momentos e contextos de comunicação. Nessa perspectiva, a autora retoma Weinrich (1974), cujo trabalho reconhece que os tempos têm relação com as situações comunicativas e, diante das inúmeras situações, propõe dois grupos de unidades verbais, a saber: o mundo comentado e o mundo narrado. Gutiérrez Araus (2001) explica que o primeiro estabelece uma relação com uma perspectiva atual, o segundo, com uma perspectiva não atual. O PPC estaria, dessa forma, ligado à perspectiva atual, já que mantém uma relação com o presente.

No que tange aos estudos sobre o PPC na América, a pesquisadora comenta já inicialmente que as publicações são insuficientes, pois o panorama traçado não vai muito além do que Lope Blanch (1961) descreveu para o espanhol do México.

A primeira revisão bibliográfica apresentada por Gutiérrez Araus (2001) leva-nos a entender que, além da semelhança do PPC no PB, o PPS das variedades americanas também se assemelha com o PPS brasileiro: conforme Medeiros (2008) e Barbosa (2008), o PPS no PB expressa usualmente outros sentidos que não o perfectivo, quando usado com advérbios; da mesma forma, a autora retoma Moreno de Alba (1993) para apontar que, ao menos no espanhol de Bogotá e do México, o PPS pode ter relação com o presente, distinguindo-se do espanhol peninsular, uma vez que pode ter modificadores adverbiais (como no PB) que possibilitem essa relação com o presente. Ao referir-se à função de antepresente do PPC no espanhol da maioria das variedades

⁵⁷ [...] no sistema verbal espanhol, enquanto nas formas simples a temporalidade é a categoria chave, nas formas compostas, além da temporalidade, ou unida a ela, o aspecto adquire relevância e concretamente um valor resultativo-continuativo na forma *he cantado*. (tradução nossa)

americanas, Moreno de Alba (1993) sinaliza que tal leitura também se sobressai no PPS – Lope Blanch chama esse presente de imperfeito.

Após avaliar algumas obras que tratam o tema como superficiais, por exemplo, Zamora Munné e Guitart (1982) e Fontanella (1992), Gutiérrez Araus (2001) revisa os trabalhos que descrevem os tempos compostos no espanhol mexicano, porto-riquenho, venezuelano, colombiano, equatoriano, peruano, chileno, boliviano, argentino, uruguaio e paraguaio.

A autora constata que foi por meio do estudo do espanhol mexicano de Lope Blanch (1961) que foi desfeita a falsa ideia de que a forma composta era pouco usada na América, assim como a concepção de que havia uma confusão entre as formas simples e composta. Centrando sua análise no aspecto verbal do PPC, Lope Blanch (1961) ressalta para o uso mexicano as interpretações durativa (1) e iterativa (2), porém Gutiérrez Araus (2001, p. 6) acredita que operadores como “mucho” e “muchas veces” são a causa dessas leituras – é o que colocamos em dúvida nesta dissertação:

- (1) Este mes he estudiado mucho. (= todavía continuo estudiando)
 (2) Eso ya lo hemos discutido muchas veces.

Assim, Lope Blanch (1961) conclui que a diferença entre o espanhol peninsular e o mexicano é que naquele o sentido de anterioridade imediata marca o PPC, enquanto neste isso não ocorre, a menos que haja locuções temporais do tipo “todavía no”, “aún no” entre outras:

- (3) Todavía/aún no ha llegado.

Para Gutiérrez Araus (2001, p. 7-8), essa última condição não tem uma explicação válida, por isso aponta que a relação da negação com o emprego do PPC pode fornecer uma explicação admissível:

[...] al negar que haya sucedido un evento hasta el momento, se da un corrimiento del *pasado al presente*, es decir, hay una equivalencia con el presente: *¿tu hermano? Todavía no llega/ha llegado. Hace ocho días que no duermo/he dormido.*

El mismo fenómeno se da con un marcador temporal en que el pasado se junta con el presente, como: *siempre*, que también engloba al presente: *siempre uso/he usado lentes* frente a: *en aquella época siempre usé lentes.*⁵⁸
 (grifos da autora)

⁵⁸ [...] ao negar que um acontecimento tenha sucedido até agora, há um deslizamento do *pasado ao presente*, ou seja, há uma equivalência com o presente: *¿tu hermano? Todavía no llega/ha llegado. Hace ocho días que no duermo/he dormido.*

Gutiérrez Araus (2001) retoma, ainda, outro ponto da análise de Lope Blanch (1961): o valor afetivo do PPC em certos contextos exclamativos, que a autora chama de valor enfático ou de ênfase discursiva na narração.

Sobre o espanhol porto-riquenho, a pesquisadora destaca alguns trabalhos, como Amparo Morales (1992) e Julia Cardona (1979; 1980). Esta última, por meio de dados quantitativos, prova que o PPC é mais produtivo que a forma simples, indo de encontro às afirmações de vários autores. Outro aspecto relevante para Gutiérrez Araus (2001, p.8) mencionado por Cardona é o fato de que “hay un claro incremento de la forma simple y ausencia de la compuesta en contextos con alta proporción de pretérito imperfecto, frente un mayor uso del perfecto en los discursos en que predomina el presente.”. Tal constatação confirma o entendimento de Gutiérrez Araus (2001), de que o PPC, tanto na América Latina quanto na Península, aparece somente na perspectiva atual.

Com relação à variedade falada na Venezuela, são resgatados apenas dois autores, Bentivoglio e Sedano (1992), os quais, na visão da autora, tratam do tema apenas de forma caracterizadora. Eles consideram o aporte teórico fornecido por Lope Blanch (1961), isto é, consideram para o PPC o aspecto imperfectivo, de ação não finalizada, adicionando um fator (o qual nos remete ao valor afetivo já identificado por Lope Branch) para o uso da forma verbal: o desejo de força emotiva para se referir a uma situação que findou no passado – sobretudo quando o PPC culmina uma sucessão de acontecimentos no pretérito indefinido (cf. exemplo 8 da introdução).

Sobre o espanhol da Colômbia, Gutiérrez Araus (2001) cita o trabalho de Berschin (1975) como o mais interessante, já que estabelece um comparativo com o espanhol peninsular (Madri e Bogotá), analisando o sentido de antepresente por meio da aceitabilidade dos advérbios “ayer” e “hoy”, além do sentido resultativo-continuativo, com a presença explícita ou implícita de “hasta ahora”. Destacamos um dado que Gutiérrez Araus (2001) julga revelador: ambas as variedades apresentam mais de 90% de uso do PPC na interação com “hasta ahora” explícito – o que leva Berschin (1975) a concluir que o PPC do espanhol colombiano é do tipo [+ *hasta ahora*] e, por isso, trata-se de uma forma verbal morfologicamente gramaticalizada – retomaremos tal conclusão no capítulo de análise sobre o espanhol colombiano.

O mesmo fenômeno ocorre com um marcador temporal no qual o passado encontra o presente, como: *siempre*, que também engloba o presente: *siempre uso/he usado lentes* frente a: *en aquella época siempre usé lentes*.

Considerando as variantes dos países andinos (Equador, Peru e Bolívia), Gutiérrez Araus (2001) destaca autores que identificaram para o PPC usos surpreendentes. Além do uso do PPC em vez do futuro ou no lugar do presente (cf. exemplos em 9 da introdução) apontado por Materes (1953) para o espanhol equatoriano, a autora menciona também o espanhol quitenho, da zona andina do Equador e dos Andes peruanos, sobre os quais Bustamante (1991) explica que há um uso iterativo do PPC. Outros autores estudaram essa mesma leitura em outras regiões, como Manheim (1987) no Sul do Peru, Niño Murcia (1988) na zona andina da Colômbia. No caso do espanhol falado em Quite, é importante destacar a influência das línguas indígenas, como o quéchuá. Além desses usos, a pesquisadora afirma que Bustamante (1991) também identifica o sentido do PPC mais comum na Península, o antepresente, o que a faz concluir que essa zona do espanhol da América apresenta tanto valores encontrados na Espanha quanto na América.

Para o espanhol da Bolívia, Gutiérrez Araus (2001) recorre a poucos autores, como Mendoza (1991) e Hardman (1986), os quais dizem que as línguas indígenas influenciaram o sistema verbal do espanhol de La Paz, como em Quito. Ademais, reconhecem o uso do PPC como superior ao PPS, mas não esclarecem em quais sentidos. A mesma constatação vale para o Peru, porém Rocío Caravedo (1992) explica que o sentido equivale ao de passado.

No que se refere ao Chile, a autora relata que tampouco há muitas referências. Ela cita Miranda (1980), que, como outros estudiosos consultados, também faz um estudo quantitativo. O resultado, entretanto, é diferente dos últimos revisados: o PPC é menos recorrente que o PPS, sendo este usado para ações que acabaram no passado.

Por último, Gutiérrez Araus (2001) revisa o estudo do PPC na Argentina e verifica a não uniformidade semântica da forma verbal nesse país. As investigações linguísticas são mais numerosas para essa variedade: autores como Vidal de Battini (1966) e Elena Rojas (1980), por exemplo, apontam que o uso do PPC é mais dominante no Noroeste e Norte da Argentina, sendo empregado em todos os sentidos possíveis; nas demais regiões, como na zona de Buenos Aires, o PPS predomina. Donni de Miranda (1992) reafirma essa constatação e explica que o PPC perdeu sua leitura de antepresente na maioria do país, com exceção do nível mais formal.

Entre as conclusões de Gutiérrez Araus (2001) a respeito da revisão dos estudos sobre o PPC nas variedades do espanhol americano, destacamos o reconhecimento de que a interpretação de antepresente é veiculada ao pretérito

indefinido na maior parte das variedades pesquisadas, diferentemente do uso peninsular. O PPC, por sua vez, é empregado majoritariamente com a função de resultativo-continuativo. Tais apontamentos nos dão um panorama geral da real divergência do emprego do PPC na Península e em Hispanoamérica. Além disso, evidencia a relevância de uma descrição detalhada de algumas variedades do espanhol americano, a fim de melhor entender o percurso sincrônico que alguns itens gramaticais da língua estão desenvolvendo – é o que se espera fazer neste trabalho com as variedades faladas na Venezuela, na Colômbia e no Paraguai.

2.8 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, a revisão feita dos trabalhos que abordaram o PPC no português e no espanhol teve a finalidade de esboçar alguns resultados/conclusões a que diferentes autores chegaram. Diante da diversidade de linhas teóricas que subsidiam tais reflexões, mensuramos o leque de possibilidades que o ramo de estudos da Linguística oferece para cada objeto investigado em nossa língua.

No que tange à forma verbal “*ter* + particípio” na língua portuguesa, destacamos inicialmente Ilari (2001), cuja análise apresenta pontos cruciais para este trabalho. Além de confirmar as afirmações de Viana e Boléo sobre os valores de continuidade e iteratividade que o PPC pode expressar, o autor estabelece uma distinção entre as leituras durativa e iterativa. Seguindo essa linha de pensamento, confrontamos os apontamentos de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), para as quais o PPC falado na variedade de Natal (RN) apresenta um uso restrito, não admitindo leituras durativas.

Outra contribuição de Ilari (2001) é seu reconhecimento de que, na leitura de iteratividade do PPC, há uma pluralidade de eventos que se escalona no tempo. Essa propriedade, conforme explica o autor, é própria do PPC, na medida em que tal escalonamento no tempo não precisa ser absolutamente regular – o que também pode explicar algumas restrições apontadas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009).

O trabalho de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), por sua vez, apresenta algumas conclusões sobre o uso do PPC em Natal (RN) que serão retomadas nos capítulos 3 e 4 para discussão. São elas:

- apenas estados graduáveis são aceitáveis com o PPC-N – para as autoras, a forma verbal exclui certos tipos de situações homogêneas e alguns usos típicos com *stage-level*;
- o PPC-N não permite leituras durativas;
- a iteração de eventos distintos não é uma condição suficiente para a aceitabilidade da forma “*ter* + particípio” – o intervalo dado por alguns advérbios pode ser muito curto para uso do PPC-N;
- o PPC-N não pode ser combinado com advérbios cardinais no tempo, do tipo “milhões de vezes”;
- a iteração não é uma condição necessária para o uso do PPC-N;
- o PPC-N não é feliz quando usado em sentenças nas quais não há sujeito ou local com essa função.

As considerações de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) são retomadas por Molsing (2010), cuja tese, entre tantos caminhos percorridos em sua análise, contribui para esta pesquisa no que se refere à comparação das construções “*ter* + particípio” e “*estar* + gerúndio”, com ambos os auxiliares no tempo presente. Como o progressivo não é o foco deste trabalho, foi por meio da análise da autora que evidenciamos, para a leitura durativa, por exemplo, a correspondência de interpretações entre as duas formas. Assim, a fim de comprovarmos que o PPC é aceito em leituras durativas, conforme detalhamos no capítulo 3, nos contextos criados para cada sentença do questionário fizemos o uso de “*estar* + gerúndio” para induzir o informante a compreender a eventualidade em questão como sendo contínua.

O trabalho de Medeiros (2008), conforme apresentamos, considera em sua investigação a forma participial do PB. Assim, por ter como foco exclusivamente os traços morfossintáticos envolvidos nos diferentes contextos em que a morfologia participial aparece, e por sustentar a ideia de que o PPC tem uma leitura habitual, em vez de durativa, o trabalho do autor não será retomado nos próximos capítulos.

Da mesma forma, não nos comprometemos em ter o trabalho de Barbosa (2008) como subsídio, uma vez que sua relevância, para a nossa pesquisa, está unicamente em confirmar a semelhança das interpretações que o PPC tem no PB e no português europeu.

Referindo-nos à revisão de trabalhos sobre o PPC na língua espanhola, tanto o de Cartagena (1999) quanto o de Gutiérrez Araus (2001) serão considerados nesta

pesquisa. Por meio do primeiro, as leituras aspectuais do PPC espanhol foram retomadas, assim como se evidenciou a relevância dos advérbios para expressar a extensão de determinado evento, que ora pode chegar ao momento da enunciação, ora pode estar finalizado nesse momento. Por meio do segundo trabalho, pudemos ter uma noção da ampla variação que a forma “*haber* + participio” tem de um país para outro na América Latina; além disso, segundo a autora, as variedades faladas na Venezuela, Colômbia e Paraguai necessitam de descrições complementares, o que nos engajou a contribuir com as considerações feitas nesta pesquisa.

Capítulo 3

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Considerando fundamentalmente o objetivo desta investigação, isto é, o de olhar para a língua em funcionamento a fim de contribuir teoricamente com a descrição das formas verbais “*ter* + particípio”, no PB, e “*haber* + particípio”, no espanhol americano falado nas variantes da Venezuela, Paraguai e Colômbia, julgamos importante esclarecer neste capítulo, antes de mais nada, as motivações que levaram à análise semântica dessas estruturas com base em suas possíveis interpretações no uso e por que, dentre tantas possibilidades de experimentos, foi por meio de questionário que tais interpretações foram coletadas.

Começamos pela relevância do “uso” na metodologia adotada. Primeiramente, a importância do dado empírico, o que os falantes produzem ou deixam de produzir ou de interpretar, é uma das preocupações centrais da Semântica Formal nos estudos das línguas naturais (BORGES; MÜLLER; PIRES DE OLIVEIRA, 2012). Esse interesse na intuição linguística das pessoas vem de muito tempo e está enraizado em diferentes correntes teóricas. Para Pires de Oliveira (2010), tal linha de pensamento constitui a grande contribuição de Chomsky: o método negativo. Como a autora lembra, foi Chomsky quem introduz na Linguística a estratégia de investigação que diz respeito a julgamento, por falantes. Conforme Pires de Oliveira (2010), esse método veio na esteira de outros estudos em desenvolvimento, como o método de investigação com base nos julgamentos de falantes, formulado por Harris.

Dessa forma, uma metodologia que leva em consideração o uso admite aquilo que o falante julga como aceitável ou não em determinado contexto, de modo que, em termos gerativistas, a performance do falante ao fornecer os julgamentos configura-se como um reflexo de sua competência linguística. Esta, por sua vez, acreditamos estar ligada ao processo de gramaticalização dos itens linguísticos, já que só há mudança na língua quando os falantes a admitem, isto é, determinada transformação passa (por meio de um processo lento e gradual) pela checagem da competência linguística dos usuários da língua, os quais passam a contribuir com a gramaticalização de um item.

Nesta pesquisa, entende-se que o falante nativo do português brasileiro da cidade de Natal (RN) e os falantes nativos de algumas variedades do espanhol americano são considerados qualificados para julgar as sentenças dos questionários em

virtude do conhecimento de suas línguas. Abordando essa importância do julgamento como parte da competência do falante nativo no trabalho de campo em Linguística, Matthewson (2004) indica três principais tipos de julgamento: gramaticalidade, valor de verdade e felicidade de uso. O primeiro está relacionado ao domínio da sintaxe e não é analisado nas sentenças dos questionários; já os julgamentos de valor de verdade e de felicidade de uso estão no campo da investigação do significado.

Vale ressaltar, ainda, os desafios específicos que um experimento em semântica envolve quando comparado ao trabalho dedicado a pesquisar outros componentes da gramática, conforme aponta Matthewson (2004). Partindo do objetivo do trabalho de campo em semântica, o de estabelecer fatos sobre o significado de enunciados completos ou parte deles na língua investigada, a autora explica que pela razão de tais fatos serem muitas vezes sutis e dependentes de um contexto, são pouco acessíveis por meio da intuição direta do falante nativo. Por isso, é justificável perguntas ao informante do tipo “O que significa X?” serem inadequadas.

Assim, neste trabalho, partimos dos julgamentos relacionados às condições de verdade das sentenças, uma vez que estas constituem o significado principal da frase. Dessa maneira, o objetivo é que o falante faça a interpretação de um determinado enunciado, isto é, conheça as alternativas possíveis desse enunciado ser verdadeiro, tarefa essa que é consequência do entendimento da sentença. Os períodos⁵⁹ a seguir exemplificam esse processo de raciocínio que o informante será levado a realizar por meio das alternativas, as quais serão descritas posteriormente.

- (1) *Você tem feito* seus deveres de casa?
 (2) ¿Has hecho los deberes (regularmente / ultimamente)?

Pergunta-se: Quais são as condições para que a forma verbal “tem feito”, em (1), cuja interpretação é a de repetição para o evento em questão, seja usada sem estranhamento na sentença? É provável que um falante nativo do PB reconheça que tal enunciado só faz sentido se proferido no período letivo de aulas, conforme aponta Laca (2009). A justificativa é simples. Como a interpretação aspectual da forma verbal “tem feito” é de iteração, o evento precisa obrigatoriamente ser passível de se repetir em um período de tempo não delimitado, mas que inclui o presente. Por isso, no caso de (1), o interlocutor precisa necessariamente estar frequentando uma escola para responder à pergunta sem estranhamento.

⁵⁹ Exemplos de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 72).

No caso da sentença em (2), a questão é se os falantes nativos do Paraguai, da Venezuela e da Colômbia interpretam a pergunta com a mesma condição de felicidade que tem no PB, sem a leitura dos advérbios entre parênteses. Embora o falante do espanhol americano não diferencie um passado mais recente (antepresente), expresso pelo PPC no espanhol peninsular, de um passado mais distante, sem relação com o presente (aoristo), expresso pelo passado simples no espanhol peninsular, colocamos em dúvida o fato de a forma “*haber* + participio” ser gramaticalizada o suficiente para que ela sozinha, ou seja, sem o apoio de modificadores, opere a iteratividade que “*ter* + participio” expressa no PB. Essa questão foi verificada no resultado da aceitabilidade das sentenças testadas no questionário respondido por falantes das variantes do espanhol estudadas.

Quanto ao perfil dos falantes que responderam aos questionários, para o PB, nos concentramos na variedade falada em Natal (RN) porque foi também o alvo da pesquisa publicada em 2009 por Brenda Laca, Patricia Cabredo-Hofherr, Sandra de Carvalho, sobre o PPC usado no Nordeste do PB (PPC-N), conforme resenhamos no capítulo 2. Esse trabalho constitui a base para a reanálise que pretendemos desenvolver quanto às conclusões que as pesquisadoras chegaram sobre as restrições de uso do PPC-N.

Dada a complexidade de análise das sentenças, demos preferência aos informantes com ensino superior, completo ou cursando – esse nível de escolaridade também foi exigido para os informantes que responderam ao questionário em espanhol. Assim, o questionário do PB foi enviado ao corpo docente da Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN) para divulgação entre os alunos, os quais totalizaram 20 na amostragem e, no questionário final, 62.

Tratando-se das variantes da língua espanhola da América Latina, inicialmente, buscamos encontrar falantes das variedades menos descritas, conforme apontadas por Gutiérrez Araus (2001), a fim de contribuir com a análise das línguas menos estudadas. Por meio do intermédio da divulgação do Núcleo Tandem, como amostragem, recebemos 47 respostas de falantes de 14 países diferentes, isto é, uma média de apenas 3 falantes por país. Esse número esparso de informantes, entretanto, não nos permitiu traçar um perfil de cada variante; por essa razão, para a aplicação do questionário final, buscamos reunir um maior número de falantes por região. Devido à disponibilidade dos informantes, nos limitamos às variantes da Venezuela, Colômbia e Paraguai, as quais tiveram, respectivamente, 10, 32 e 12 falantes que responderam ao questionário.

Passando à estrutura do capítulo, a seção 3.1 tratará do questionário respondido por informantes de Natal (RN), isto é, explicaremos em que medida julgamos relevante testar novamente a aceitabilidade de cada sentença das autoras, bem como o contexto criado em cada caso analisado pelos informantes.

Por último, a seção 3.2 abordará os objetivos de cada sentença do questionário de amostragem para o espanhol.

3.1 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA VARIANTE DE NATAL (RN)

Considerando o trabalho de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) como base, inicialmente, um questionário *online* composto de 10 sentenças usadas como exemplos pelas autoras foi elaborado e enviado, como amostragem, a 20 falantes nativos de Natal (RN) com a seguinte proposta:

No questionário a seguir você encontrará algumas sentenças do português brasileiro. Tudo o que você tem que fazer é analisar intuitivamente se ela é “boa” ou não para você e qual é o sentido do evento em questão expresso por ela: se você entende que a ação se repete em um intervalo de tempo, marque a opção que interpreta a situação como sendo “iterativa”; se você entende que a ação se estende no tempo, marque a opção cuja interpretação é de que a situação é “durativa”.
Caso ela não seja aceitável, se puder, explique sucintamente o porquê.

As respostas assinaladas no questionário de amostragem nos proporcionaram analisar as sentenças fornecidas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), bem como comprovar que a maioria dos falantes consultados as aceitou como válidas, isto é, foi atribuída a elas ora uma leitura iterativa ora durativa.

Destacamos, entretanto, que alguns comentários escritos pelos informantes no campo “No meu entendimento, essa sentença é estranha porque...” sinalizaram que as descrições de cada alternativa que apontavam para a interpretação iterativa ou para durativa podem não ter ficado claras o suficiente, isto é, os conceitos aspectuais de iteratividade e duratividade, reconhecemos, não são simples a ponto de pressupormos seu total entendimento – embora tenhamos descrito, na medida do possível, cada leitura detalhadamente. Sendo assim, essa problemática da amostragem subsidiou a alteração da forma de avaliação das sentenças na aplicação do questionário definitivo, como fica claro por meio da explicação a qual os informantes tiveram acesso no questionário final:

No questionário a seguir você encontrará algumas sentenças do português brasileiro. Tudo o que você tem que fazer é analisá-las intuitivamente, isto é, sem se preocupar com a norma-padrão. Para isso, avalie somente se elas são aceitáveis para o contexto dado previamente, identificando, em uma escala de 0 a 10, seu nível de aceitabilidade. Se você atribuir nota 0, por exemplo, quer dizer que a sentença em questão é totalmente "estranha", inaceitável no contexto descrito. As sentenças nota 10, por outro lado, são entendidas como "normais", totalmente aceitáveis no contexto descrito.

Dessa forma, a clareza dos conceitos de iteratividade e duratividade por parte do informante deixou de ser um quesito relevante na análise da aceitabilidade das sentenças. Em vez de disponibilizarmos em alternativas os juízos de valor possíveis com suas respectivas justificativas, desta vez, o próprio contexto apresentado previamente à sentença teve o papel de descrever se o evento descrito podia ser entendido como iterativo ou como durativo. Assim, esse aspecto foi constatado como um ponto a ser revisado, já que na amostragem contextos diferentes foram dados para uma mesma sentença – o que muitas vezes resultou em uma leitura impossível, por exemplo, de duratividade para a sentença a seguir.

(1) Maria tem tossido muito desde ontem.

Assim, em vez de o falante assinalar a alternativa mais óbvia, ele pôde julgar a sentença por meio de nota em uma escala de 0 a 10. Para fins práticos, organizamos as notas em cinco julgamentos gerais: 8 a 10, muito bom; 5 a 7, bom; 3 e 4, regular; 1 e 2, ruim; 0, inaceitável. O objetivo foi levá-lo à visualização do contexto apresentado anterior à sentença, para, depois, fazê-lo avaliar se ouviria ou falaria com naturalidade o enunciado em questão.

Além disso, sentenças distratoras foram acrescentadas ao questionário, de modo a evitar que o informante se concentrasse nas formas verbais avaliadas, “*ter* + participio”.

Vamos às questões disponibilizadas no questionário. Para isso, retomemos o primeiro apontamento de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) a respeito do PPC-N que nos chamou atenção: os exemplos, repetidos na sequência, mostram um número restrito de casos em que “*ter* + participio” é aceitável na interação com a cópula *estar*, do *stage-level*:

- (2) a. # Esse livro sempre tem estado na prateleira da direita.
 b. # Essa loja tem estado fechada (ultimamente).
 c. # Pedro tem estado no jardim / nos Estados Unidos.
 d. Pedro tem estado muito doente nos últimos tempos.

e. Pedro tem estado bêbado / aborrecido.

As autoras afirmam que apenas estados graduáveis são aceitáveis com o PPC-N, como “estar (muito/pouco) doente” e “estar (muito/pouco) bêbado/aborrecido”. Por outro lado, para um livro estar em determinada prateleira ou para uma loja ser fechada, como explicam as autoras, estão em jogo propriedades sim/não, e não pode haver diferenças entre dois intervalos que a propriedade possui.

A fim de melhor compreender o quanto tais propriedades sim/não restringem a aceitabilidade de (2a, b, c), essas sentenças foram usadas no questionário. Além disso, conforme já comentamos na seção 3.1, a sentença (2e) nos gerou dúvidas na aceitabilidade do atributo “bêbado”, pois, em comparação com “aborrecido”, cujo estado pode durar dias, semanas, há a exigência de um entendimento mais refinado, uma vez que alguém pode ter diferentes momentos de embriaguez, mas que não duram dias ou semanas. Sendo assim, essa sentença também foi avaliada pelos falantes, conforme o quadro a seguir, no qual há tais exemplos e seus respectivos contextos criados por nós.

QUADRO 7 – SENTENÇAS-TESTE

Sentenças	Contextos
Esse livro sempre tem estado na prateleira da direita.	Na biblioteca, um determinado livro tem duas prateleiras destinadas para sua alocação: a da direita e a da esquerda. Mas toda vez que você precisa dele, vai direto procurá-lo na prateleira da direita, pois ele sempre está lá.
Essa loja tem estado fechada ultimamente.	Devido às reformas iniciadas recentemente, uma determinada loja permanece sempre fechada.
Pedro tem estado nos Estados Unidos.	No novo emprego, Pedro viaja para os Estados Unidos a cada três meses.
Pedro tem estado bêbado	Nos últimos dias, Pedro vem frequentando o bar e exagerando na bebida.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

A fim de possibilitar um contexto no qual as sentenças pudessem ser aceitáveis, os contextos da primeira e da terceira sentença denotaram ações iterativas, isto é, que se repetem em um intervalo de tempo e que podem incluir o presente, como é evidenciado pelo uso dos verbos no presente nos contextos fornecidos: “[...] ele sempre *está* lá”; “[...] Pedro *viaja* para os Estados Unidos”. No caso da segunda e da última sentença, o contexto foi criado de modo a expressar uma leitura durativa, induzida por meio do verbo “permanecer” e da forma verbal com o progressivo “vem frequentando”.

A próxima sentença que constituiu o questionário diz respeito à dúvida de aceitabilidade da sentença (3), a qual Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) atribuem uma “função contínua”:

(3) ?? O nível do rio tem aumentado muito nos últimos anos.

As autoras argumentam que o PPC-N não admite leituras contínuas, como nas demais variantes do PB. A sentença (3) foi, então, incluída no questionário porque acreditamos que essa interpretação é possível a depender do contexto, como o criado:

QUADRO 8 – SENTENÇA-TESTE

Sentença	Contexto
O nível do rio tem aumentado muito nos últimos anos.	Em 2016, o nível de um determinado rio subiu 7%; em 2017, o nível subiu mais 9%; este ano, verificou-se o aumento de mais 12%.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

No contexto, procuramos induzir o informante a compreender o aumento do nível do rio como um evento que veio, desde 2016, acontecendo gradativamente, até chegar ao presente. Nesse sentido, a leitura, se aceita, é durativa.

As sentenças seguintes foram postas em teste por apresentarem, no trabalho de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), restrição de aceitabilidade devido ao comprimento do intervalo de tempo dado pelos advérbios. Esse intervalo, para os falantes consultados pelas autoras, é considerado muito curto – o que leva à constatação das autoras de que a iteração de eventos distintos não é uma condição suficiente para a aceitabilidade nesses casos:

- (4) a. # Ela tem perguntado por você toda a manhã.
 b. # Maria tem tossido muito desde ontem.
 c. # Eu tenho feito as camas desde as oito da manhã.

QUADRO 9 – SENTENÇAS-TESTE

Sentenças	Contextos
Ela tem perguntado por você toda a manhã.	A paciente passou a manhã de hoje perguntando por você.
Maria tem tossido muito desde ontem.	A gripe de Maria está evoluindo, pois sua tosse só aumentou de ontem pra cá.
Eu tenho feito as camas desde as oito da manhã.	Eu sou camareira de um hotel e ultimamente inicio meus afazeres às 8h.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

A fim de comprovar que o comprimento do intervalo estabelecido pelo advérbio não interfere na aceitabilidade das sentenças, o contexto fornecido, no primeiro caso, delimitou “a manhã de hoje” como o período de referência, para evitar que os falantes confundissem “toda a manhã”, isto é, uma manhã apenas na qual a ação de perguntar é que se repete, com “toda manhã”, o que significaria mais de uma manhã

e não necessariamente mais de uma ação de perguntar por manhã, podendo ser aceita mais naturalmente. No segundo caso, a expressão “de ontem pra cá” tem a função a “arrastar” o evento de modo que “tossir”, como um achievement tenha uma interpretação iterativa que seja válida para o presente. Na última sentença, embora concordemos que o contexto para sua aceitabilidade seja mais específico, ainda assim não acreditamos que seja possível tomá-la como inaceitável no PB de qualquer variedade; por essa razão a sentença foi disponibilizada para avaliação pelos informantes.

O ponto seguinte de reanálise está na restrição que as autoras apontam para a interação do PPC com advérbios cardinais no tempo, como “*n* vezes”:

(5) # Eu tenho dito milhões de vezes pra não fazer isso.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) afirmam que esses tipos de advérbios que denotam repetição nunca podem especificar a cardinalidade do conjunto de eventos associados ao plural. O contexto criado, conforme podemos verificar no quadro a seguir, diz respeito ao emprego da sentença no caso do interlocutor pretender usar uma hipérbole.

QUADRO 10 – SENTENÇA-TESTE

Sentença	Contexto
Eu tenho dito milhões de vezes pra não fazer isso.	Meu filho desarruma toda minha estante de livros, não importa o quanto eu repita pra ele não fazer isso.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

A próxima sentença foi incluída no questionário porque foi utilizada em um *handout* (sem ano) das mesmas autoras, sobre o mesmo trabalho, também para exemplificar que iteração não é uma condição necessária para o uso do PPC-N:

(6) # Desde que ele conheceu a Maria, ele tem esperado as cartas dela.

Com o propósito de levar o informante a interpretar a sentença como durativa, o contexto criado teve novamente o verbo “permanecer”:

QUADRO 11 – SENTENÇA-TESTE

Sentença	Contexto
Desde que ele conheceu a Maria, ele tem esperado as cartas dela.	Pedro conheceu Maria durante uma viagem e se apaixonou por ela. Ao retornar para casa ele permaneceu na expectativa de receber um contato de Maria, já que ela lhe prometeu cartas.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

As duas últimas sentenças exemplificam a restrição que Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009, p. 98) apontam que o PPC-N “is not felicitous in sentences lacking a subject or a place-holder with an analogous function”⁶⁰:

(7) a. # Tem chovido muito ultimamente.

b. # Tem feito um frio danado.

Mais uma vez, como falantes nativos do PB, não detectamos qualquer restrição para o uso do PPC quando não há sujeito explícito. Nesse caso, as sentenças foram avaliadas pelos informantes, os quais compreenderam as frases com base nos contextos explicitados no quadro:

QUADRO 12 – SENTENÇAS-TESTE

Sentenças	Contextos
Tem chovido muito ultimamente.	Está chovendo praticamente todos os dias.
Tem feito um frio danado.	Está fazendo um frio intenso ultimamente.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

A cópula “*estar* + gerúndio” foi usada em ambos os contextos, a fim de produzir um contexto no qual chover e fazer frio se estendam até o presente. No primeiro caso, a iteratividade da eventualidade, acreditamos, é disparada pelo quantificador “*todos os dias*”; já no segundo caso, pensamos que a leitura durativa é acionada, uma vez que “*ultimamente*” possibilita estender a ação no tempo.

Por fim, destacamos que os contextos e suas respectivas sentenças distratoras (8a-f) a seguir, tiveram o único objetivo de despistar o informante quando à forma verbal analisada.

(8) a. Contexto: Amanheceu o dia e, ao olhar pela janela, você nota a calçada molhada com galhos de árvore espalhados por todo lado.

Sentença: Provavelmente, choveu à noite.

b. Contexto: Assim que chega no aeroporto, você recebe a informação de que seu voo foi cancelado. Em razão desse imprevisto, você tem a certeza de que vai perder um compromisso importante. No fim das contas, consegue chegar ao destino 6 horas depois e fazer pelo menos uma parte do que pretendia.

Sentença: Apesar dos imprevistos, consegui resolver parte do que pretendia.

c. Contexto: Você passa em frente à casa de seu vizinho e nota a luz acesa e o carro na garagem.

Sentença: É possível que meu vizinho esteja em casa.

⁶⁰ “não é feliz em frases sem um sujeito ou um lugar com uma função análoga”. (tradução nossa)

d. Contexto: Devido a um problema de impressão, alguns exemplares de um romance apresentaram uma mancha no canto superior direito das páginas.

Sentença: Todos os exemplares do romance têm defeitos de impressão.

e. Contexto: Sempre que ia ao mercado acabava esquecendo de comprar algo.

Sentença: Não anotou o que precisava comprar, portanto, lembrou de tudo.

f. Contexto: Os avaliadores foram criteriosos e insistiram nas falhas do trabalho, e o autor permaneceu calmo e confiante em suas justificativas.

Sentença: Mesmo com a avaliação criteriosa, visto que o autor manteve a calma e a confiança.

Os resultados coletados nas sentenças descritas serão discutidos no capítulo 4.

3.2 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA LÍNGUA ESPANHOLA AMERICANA

Como temos abordado neste trabalho, o uso do *Preterito Perfecto Compuesto* na língua espanhola não é uniforme. O cenário se torna mais diverso quando as variantes peninsulares e americanas são postas em comparação, uma vez que não há um único uso peninsular, tampouco um único uso americano.

Conforme sinaliza Laca (2009), lançar o olhar sob tamanha variedade linguística tomando como estandar o espanhol europeu é uma inadequação de perspectiva. A consequência desse julgamento, para Laca (2009), é que todas as diferenças provenientes das variantes americanas são consideradas mudanças compostas de “perdas” de determinados usos ainda consistentes nas variantes peninsulares. “En esta respuesta, la presunta innovación que afecta a los perfectos es del tipo de la restricción semántica, y las variedades americanas se presentan inevitablemente como innovantes.”⁶¹ (LACA, 2009, p. 2).

Dessa forma, nesta pesquisa, as variantes americanas do espanhol venezuelano, paraguaio e colombiano foram analisadas sem o caráter comparativo com os usos do mesmo idioma na península. O questionário, portanto, foi planejado de modo a focar unicamente as variantes americanas. A amostragem teve 47 informantes, de 14 países, e a proposta apresentada foi a seguinte:

El cuestionario a continuación pretende probar la interpretación de las sentencias con la construcción "haber + participio". Todo lo que tienes que

⁶¹ “Nesta resposta, a inovação presumida que afeta os perfeitos é do tipo de restrição semântica, e as variedades americanas inevitavelmente se apresentam como inovadoras.” (LACA, 2009, p. 2, tradução nossa).

hacer es analizar intuitivamente si la sentencia es "buena" o no para ti y cuál es el sentido del evento en cuestión expresado por ella: si usted entiende que la acción se repite en un intervalo de tiempo, marque la opción que describe la situación como "iterativa"; si usted entiende que la acción se extiende en el tiempo, marque la opción cuya interpretación es de que la situación es "durativa"; finalmente, si usted entiende que la situación expresada en la frase ocurrió una sola vez en el pasado, marque la opción correspondiente a la interpretación "perfectiva".

Si no es aceptable, si puede, explique suscitamente el por qué.

Com o objetivo de possibilitar as leituras iterativa, durativa e perfectiva, mais que a *Aktionsart* dos verbos, o uso de advérbios e quantificadores foi especialmente pensado. Certos autores de trabalhos considerados referência, como Lope Blanch (1972) e Moreno Alba (1978), afirmam que o PPC no México tem o aspecto fundamentalmente imperfeito, isto é, de duração ou iteração:

(1) Hay que reconocer el valor con que *ha procedido* siempre.⁶²

Essa afirmação, por extensão, costuma ser generalizada para as variantes americanas. Embora outros trabalhos (De Mello, 1994; Mackenzie, 1995) naturalmente tenham posto em dúvida essa afirmação, a pergunta que fazemos aqui é: A mesma sentença em (1) sem o advérbio “*siempre*” teria a mesma interpretação imperfeita em alguma variante do espanhol americano? Ou: No espanhol americano, o que delimita o aspecto da sentença, o PPC ou os advérbios presentes?

Assumimos como hipóteses que:

- I. Se os informantes reconhecem nas sentenças do questionário elaboradas sem o uso de advérbios ou quantificadores uma interpretação iterativa ou durativa, o PPC usado nas variantes dos informantes parece estar seguindo o processo de gramaticalização pelo qual passa o PPC em PB.
- II. Se os informantes somente concebem leituras iterativas ou durativas nas sentenças do questionário elaboradas com o emprego de advérbios ou quantificadores, o PPC do espanhol parece ser dependente desses complementos para saturar seu aspecto.

O resultado da amostragem nos permitiu constatar que as sentenças sem o uso de qualquer advérbio ligado ao PPC que contribuisse com a leitura iterativa ou durativa tiveram essas leituras, o que corroborou a hipótese I. Entretanto, o maior número de marcações para tais leituras aspectuais de iteração ou duração esteve condicionado ao uso de advérbios como “*siempre*” e “*últimamente*”. Não acreditamos, porém, que um

⁶² Exemplo de Lope Blanch (1983 apud HENDERSON, 2010, p. 22) (grifos do autor)

número mais expressivo de leituras iterativas ou durativas ligadas à presença dos advérbios descarte a hipótese I, uma vez que o número de informantes que reconheceram as leituras de iteração e de duração nas sentenças sem qualquer advérbio foi relevante. Ou seja: cremos que para as leituras aspectuais de iteração e de duração serem impossíveis para o PPC sozinho, nenhum falante deve reconhecê-las nas sentenças sem modificadores do questionário.

Da mesma forma que na amostragem aplicada aos falantes de Natal (RN), verificamos que o método de coleta de interpretações aspectuais das sentenças em espanhol pode ter gerado dúvida nos falantes quanto ao entendimento dos termos “iteratividade” e “duratividade”. Além disso, o número esparso de falantes de cada país nos impossibilitou analisar as interpretações de forma qualitativa, isto é, reconhecemos que apenas um falante de determinada variante não pode ser considerado como reflexo do que é entendido em um país por inteiro.

Dadas tais problemáticas, como no questionário em PB, o método de coleta de interpretações das sentenças em espanhol foi alterado: o informante, desta vez, apenas precisou atribuir uma nota de aceitabilidade para cada frase com seu respectivo contexto em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez). Além disso, nos concentramos em apenas três variedades do espanhol falado na América do Sul, a saber, Venezuela, Paraguai e Colômbia, a fim de conseguirmos um maior número de falantes que constituíssem usos mais expressivos das variedades selecionadas. A nova proposta do questionário foi a seguinte (X substituiu o nome do país em cada versão do questionário):

En el siguiente cuestionario se encuentra algunas frases de español de X. Todo lo que tiene que hacer es analizarlas intuitivamente, es decir, sin preocuparse con la norma estándar. Para ello, evalúe solamente si son aceptables para el contexto dado previamente, identificando, en una escala de 0 a 10, su nivel de aceptabilidad. Si asigna nota 0, por ejemplo, quiere decir que la sentencia en cuestión es totalmente “extraña”, inaceptable en el contexto descrito. Las sentencias nota 10, por otro lado, se entienden como “normales”, totalmente aceptables en el contexto descrito.

As sentenças sem quaisquer advérbios ligados ao PPC e seus respectivos contextos que constituíram o questionário estão organizados no quadro seguinte.

QUADRO 13 – SENTENÇAS-TESTE

Sentenças sem advérbios	Contextos
He pensado que en lugar de ir a la playa, podríamos ir a la montaña este año.	Cuando estaba planeando las vacaciones, estuve pensando en ir a la montaña, puesto que siempre voy con mi familia a la playa.
He comprado libros en aquella librería.	En los últimos meses, siempre que necesito algún libro voy a aquella librería y, como es un lugar agradable y con óptimos precios, voy a continuar comprando allá.

María ha tosido, entonces no está muy bien.	María no está muy bien. Desde ayer no para de toser.
He ido al gimnasio para adelgazar.	Actualmente estoy frecuentando el gimnasio los fines de semana.
La biblioteca ha estado cerrada por reforma.	Hace unos días que necesito un libro y todavía no encuentro la biblioteca abierta. Creo que están reformándola.
La biblioteca ha permanecido cerrada.	Hace unos días que necesito un libro y ya fui a la biblioteca cuatro veces pero ninguna vez la biblioteca atendía al público.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Diferentemente do que foi aplicado no questionário de amostragem, não disponibilizamos para cada sentença sem advérbio uma equivalente com advérbio. O objetivo foi evitar que os informantes comparassem as duas frases/contextos e pudessem, com isso, pensar de forma não intuitiva sobre as sentenças. Sendo assim, as duas frases com advérbios analisadas pelos falantes estão dispostas no quadro a seguir, juntamente com os contextos a elas associados.

QUADRO 14 – SENTENÇAS-TESTE

Sentenças com advérbios	Contextos
He encontrado a María cada mañana en las clases de español.	Empecé a frecuentar un curso de español en la universidad y todas las mañanas me encuentro a María allá.
La biblioteca ha estado cerrada los domingos.	Había un período en el cual la biblioteca permanecía abierta en horario especial los domingos, pero ahora creo que es diferente, ya que últimamente no abre ese día.

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Desta vez, portanto, demos preferência para as sentenças sem advérbio, já que, conforme resultado da amostragem, não descartamos a hipótese I, de que mesmo sem modificadores que contribuam para leituras aspectuais de duração e iteração o PPC do espanhol pode ter essas leituras.

Para além da presença ou ausência de advérbios que interfiram na leitura aspectual das sentenças, passamos agora a justificar a criação de cada uma das sentenças.

A origem da primeira sentença analisada pelos informantes está em Fente, Fernández e Feijóo (1997, p. 43), os quais afirmam para “*haber*” um valor naturalmente perfectivo ou terminativo, em comparação com “*tener*” na construção perifrástica com o particípio, o qual tem traços de duração, repetição ou insistência e acumulação. Embora a forma “*tener* + particípio” não seja o escopo do questionário, nos chamou atenção a interpretação aspectual atribuída pelos autores ao enunciado:

(2) *Tengo pensado* que en lugar de ir a la playa, podíamos ir a la montaña este año.

'Pensei que em vez de ir à praia, poderíamos ir ao campo este ano.'

Os autores dispõem dessa sentença ao exemplificar o sentido terminativo da perífrase “*tener* + participio”, isto é, uma leitura perfectiva. Entretanto, conversas informais com hispanofalantes a respeito dessa sentença resultaram em dúvidas a respeito de tal interpretação, já que o sentido durativo também seria aceitável para esses falantes. Dessa forma, utilizamos a mesma sentença e substituímos a perífrase verbal (*tener* + participio) pelo tempo composto (*haber* + participio) a fim de testar se “pensar”, por ser um verbo de estado, é capaz de influenciar na interpretação da ação descrita pela forma composta, “*haber* + pensado”, na qual o auxiliar, segundo Fente, Fernández e Feijóo (1997), é essencialmente perfectivo.

Centrando-nos ainda no primeiro quadro, das sentenças sem advérbio, com exceção das duas últimas, as demais sentenças denotam atividades, cujo contexto caracteriza uma ação iterativa. Assim, esperamos que os informantes entendessem, somente por meio do PPC, que comprar livros, tossir e ir à academia são eventualidades que se repetem em um intervalo de tempo. Já as duas últimas sentenças, ambas com verbos de estado, são induzidas a ser interpretadas como durativas, não só pelo contexto, mas pelas formas verbais “*estar cerrada*” e “*permanecer cerrada*”.

Quanto às sentenças do segundo quadro, àquelas com advérbio, destacamos que, na primeira, o verbo “encontrar”, um *achievement*, foi combinado com “*haber*” na forma composta para concorrer com o outro verbo de mesma classe aspectual presente no conjunto das sentenças sem advérbio, “*toser*”. O objetivo é verificar em que medida um *achievement* – *Aktionsart* que no espanhol tende a denotar situações pontuais, que não se desenvolvem no tempo –, na interação ou não com advérbios, interfere no aspecto do enunciado. Na segunda sentença, objetivamos verificar se uma sentença que denota iteratividade, marcada pelo advérbio “*los domingos*”, é bem avaliada se o PPC tem em sua composição a cópula “*estar*”.

Para entendermos as leituras de iteração e duração pretendidas nas sentenças sem advérbios, fizemos suas traduções para o PB – já que a hipótese I diz respeito à aproximação entre o PPC do PB e o PPC das variantes estudadas em espanhol:

- (3) Tenho pensado que ao invés de ir à praia, poderíamos ir ao campo este ano. (DURATIVA)
- (4) Tenho comprado livros naquela livraria. (ITERATIVA)
- (5) Maria tem tossido, então não está muito bem. (ITERATIVA)
- (6) Tenho ido à academia para emagrecer. (ITERATIVA)
- (7) A biblioteca tem estado fechada para reformas. (DURATIVA)

(8) A biblioteca tem permanecido fechada. (DURATIVA)

Assim, a fim de possibilitar as interpretações que as sentenças teriam no PB, nos contextos foram usados elementos que julgamos contribuir para as leituras de iteração e duração. Por exemplo, na primeira sentença o PPC é formado com o particípio do verbo “pensar”, cuja classe aspectual, de estado, por ela mesma já pode contribuir para uma leitura de duração. Além disso, no contexto correspondente, usamos duas formas verbais com a cópula “*estar*” combinada com gerúndio: “*estaba planeando*” e “*estuve pensando*”. O uso do progressivo teve, portanto, a função de instigar o informante a imaginar uma eventualidade que se estendeu no tempo de forma durativa. O mesmo acontece na penúltima sentença, à qual no contexto correspondente há o uso de “*están reformándola*”.

Nos contextos em que a leitura pretendida é de iteração, igualmente usamos mecanismos que possibilitassem tal compreensão do evento em questão: advérbios como “*siempre*” e “*desde ayer*”, bem como a forma verbal “*estoy frecuentando*” combinada com “*actualmente*”, imaginamos contribuir para uma leitura iterativa que chega até o presente.

Uma análise mais detalhada das sentenças analisadas pelos falantes será feita no próximo capítulo, juntamente com os resultados.

Capítulo 4

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, os resultados obtidos na aplicação do questionário respondido por falantes nativos de Natal (RN) e do questionário destinado aos hispanofalantes da Venezuela, da Colômbia e do Paraguai serão apresentados.

As reflexões que decorrem dos julgamentos contabilizados, embora tenham sido subsidiadas em boa parte pela teoria que está na base dos estudos em Semântica, não têm o propósito de categorizar de forma definitiva os usos do PPC nas variantes estudadas. O objetivo é apontar caminhos que levem a evidências capazes de promover uma descrição mais completa das formas verbais em estudo nas variedades consultadas.

Considerando tal finalidade, a seção 4.1 inicia a discussão dos resultados contabilizados para o questionário em PB e, por fim, a seção 4.2 encerra o capítulo com algumas considerações acerca dos números do questionário em espanhol.

4.1 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DE NATAL (RN)

Conforme detalhamos no capítulo 2, Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) estudaram o uso do Pretérito Perfeito Composto na variedade do PB falada em Natal (RN). Entre as conclusões apontadas pelas autoras, retomamos aquelas que nos deixaram dúvidas e desencadearam, dessa forma, a verificação de sua comprovação por meio da aplicação de um questionário:

- apenas estados graduáveis são aceitáveis com o PPC-N – para as autoras, a forma verbal exclui certos tipos de situações homogêneas e alguns usos típicos com *stage-level*;
- o PPC-N não permite leituras durativas;
- a iteração de eventos distintos não é uma condição suficiente para a aceitabilidade da forma “*ter* + participio” – o intervalo dado por alguns advérbios pode ser muito curto para uso do PPC-N;
- o PPC-N não pode ser combinado com advérbios cardinais no tempo, do tipo “milhões de vezes”;
- a iteração não é uma condição necessária para o uso do PPC-N;

- o PPC-N não é feliz quando usado em sentenças nas quais não há sujeito ou local com essa função.

No que tange ao primeiro ponto, o quadro a seguir detalha o número de falantes para cada julgamento, o qual, conforme explicitado no capítulo anterior, organizamos da seguinte forma: 8 a 10, muito bom; 5 a 7, bom; 3 e 4, regular; 1 e 2, ruim; 0, inaceitável.

QUADRO 15 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentenças	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
Esse livro sempre tem estado na prateleira da direita.	34	14	2	4	8
Essa loja tem estado fechada ultimamente.	44	8	2	5	3
Pedro tem estado nos Estados Unidos.	19	18	9	6	10
Pedro tem estado bêbado.	26	14	4	7	11

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Voltemos à explicação fornecida pelas autoras para a inaceitabilidade das sentenças julgadas, com exceção da última. O PPC-N teria um uso particularmente restrito porque, embora denote leituras universais, as quais exigem descrições de situações homogêneas, exclui certos tipos dessas mesmas situações e alguns usos típicos com *stage-level*. Para elas, somente a última sentença é aceitável com o PPC porque este se refere a uma propriedade graduável, estar bêbado; diferentemente das demais, que envolvem propriedades do tipo sim/não. Os julgamentos detalhados no quadro parecem apontar para o contrário.

Verificamos que a última sentença teve o maior número de inaceitabilidade, confirmando nossa dúvida em ser ou não naturalmente usada no contexto dado. A problematização estabelecida aqui, porém, é a dificuldade em justificarmos nosso estranhamento e o dos falantes que atribuíram um julgamento ruim ou inaceitável para a sentença. Não temos dúvidas, naturalmente, que uma possível inaceitabilidade pode estar na propriedade de “estar bêbado”, a qual acreditamos ser mais passageira que “estar aborrecido” – exemplificada pelas autoras para o mesmo caso –, por exemplo. Isso poderia justificar o fato de a troca de “*estar*” por “*ficar*” ser mais aceitável na nossa avaliação: “*estar*” parece denotar exclusivamente algo que possa ser durável no tempo sem um limite; “*ficar*” parece transformar a situação da embriaguez em diferentes momentos, o que pragmaticamente é mais admissível, dado que esse estado tem um

limite para durar, mas não um limite de vezes para se realizar. Assim, para nós, em uma linha temporal imaginária, a distribuição da propriedade graduável “bêbado” é diferente da propriedade “aborrecido”: enquanto a primeira é tomada para ser iterativa, o que justifica ser mais aceitável com “ficar” em vez de “estar”, a segunda pode ser interpretada como durativa, e por essa razão a cópula “estar” não causa estranhamento.

Aproveitamos para fazer um adendo. Diante da restrição que observamos para a última sentença comentada, verificamos que os falantes parecem evitar o PPC com a cópula “estar”. Não encontramos esse uso em uma rápida busca *online*, por exemplo. Entretanto, isso não significa que a construção “ter + estar + particípio” não seja admitida.

As demais sentenças obtiveram como maior número o julgamento “muito bom”, assim, mesmo envolvendo propriedades do tipo sim/não, nos termos das autoras, as sentenças foram aceitas pela maioria dos falantes, como foi também a nossa avaliação. Essa confirmação aponta para o fato de que o PPC combinado com os usos típicos com *stage-level* exemplificados parece ser aceitável porque não parece haver restrição quanto ao entendimento de que determinado livro ora pode estar na prateleira da direita ora pode não estar; uma loja pode estar fechada no período de reformas, como pode abrir; alguém pode estar nos Estados Unidos em momentos distintos e, em outros, não estar.

Lembramos, ainda, que o contexto fornecido para a primeira e a segunda sentença induziu interpretações de eventos durativos, por meio de expressões do tipo “pois ele [o livro] *sempre* está lá”, no primeiro contexto, e “uma determinada loja *permanece sempre* fechada”, no segundo. Não havendo dúvidas quanto à leitura atribuída às sentenças, reforçamos a concepção de Ilari (2001) de que o PPC apresenta leituras essencialmente durativas.

Sobre a conclusão de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) de que o PPC-N não permite leituras contínuas, os julgamentos apresentados no quadro a seguir nos permite corroborar a ideia de que não há restrições para o uso do PPC na variedade natalense:

QUADRO 16 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentença	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
O nível do rio tem aumentado muito nos últimos anos.	53	5	1	1	2

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

A fim de tentarmos explicar essa divergência com a conclusão das autoras, retomemos sua argumentação no tocante a uma leitura incremental: elas explicam que nesses casos há a exigência de lacunas temporais como forma de garantir instâncias distintas de um tipo de evento. Isso fundamentaria a preferência dos falantes consultados para a sentença a seguir, em vez daquela avaliada pelos falantes em nosso trabalho:

(1) Desde os anos 80, o número de estudantes tem aumentado.

Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) explicam que em (1) o valor envolvido diz respeito à distribuição para tempos suficientemente distantes, diferentemente da sentença, avaliada pelos nossos informantes, cuja eventualidade refere uma “função contínua”. Embora não explorado pelas autoras, tal conceito parece estar ligado exclusivamente ao sujeito, o qual seria aceitável quando contável, como o número de estudantes, e inaceitável quando massivo, como o nível do rio. O que parece ser decisivo para a aceitabilidade, conforme verificamos pelo julgamento descrito, entretanto, não é a possibilidade de o sujeito ser passível de distribuição exata, em blocos fechados, na linha do tempo estabelecida na comunicação, mas sim a classe aspectual do verbo: como *accomplishment*, “aumentar” permite para as eventualidades a interpretação de que a ação foi durativa, já que qualquer aumento é resultado de um processo. A aceitabilidade da sentença julgada nos permite entender que o processo implícito na leitura de “aumentar” é moldado ao referente pelos falantes: o número de estudantes denota aumentos pontuais numa oscilação; o nível do rio denota aumentos pontuais ou não, porém não visíveis, menos mensuráveis, o que não parece ser uma restrição.

O próximo aspecto destacado pelas autoras diz respeito ao cumprimento do intervalo dado por alguns advérbios, o qual pode ser muito curto para uso do PPC-N. O resultado foi o seguinte:

QUADRO 17 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentenças	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
Ela tem perguntado por você toda a manhã.	33	12	4	4	9
Maria tem tossido muito desde ontem.	46	11	2	0	3
Eu tenho feito as camas desde as oito da manhã.	27	11	9	4	11

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Mais uma vez, as sentenças foram bem aceitas pela maioria dos informantes, isto é, uma única manhã ou um período que compreende “desde ontem” não são considerados muito curtos para as eventualidades de perguntar e tossir acontecerem mais de uma vez. O menor número que o julgamento “muito bom” teve para a última sentença parece confirmar o que afirmamos no capítulo 2, de que o contexto para a iteração de “fazer as camas desde as oito” tenha de ser mais especificado. Mesmo assim, a sentença foi mais bem avaliada do que dada como inaceitável, considerando a eventualidade descrita como uma atividade, interpretação esta que foi possível por meio do contexto: “Eu sou camareira de um hotel e ultimamente inicio meus afazeres às 8h”.

Os resultados a seguir referem-se à sentença que exemplifica a constatação de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) de que o PPC-N não pode ser combinado com advérbios cardinais no tempo, entre eles, “milhões de vezes”.

QUADRO 18 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentença	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
Eu tenho dito milhões de vezes pra não fazer isso.	42	9	2	5	4

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Os números apresentados no quadro evidenciam que a sentença (2), também fornecida pelas autoras, não pode ter sua agramaticalidade equiparada à sentença julgada como muito boa pelos nossos informantes, já que “três vezes” fecha o período de tempo, cancelando o fato de que a ação continua acontecendo. Já a expressão cardinal “milhões” parece denotar uma quantia não fechada, não pondo um ponto-final no período aberto pela forma verbal. Além disso, trata-se de uma hipérbole de uso muito corrente no PB; tal exagero, portanto, por não ser delimitado, não restringe o uso do PPC-N.

(2) # Eu tenho visto três vezes a sua irmã.

A próxima sentença analisada pelos informantes foi utilizada em um *handout* (sem ano) das mesmas autoras, sobre o mesmo trabalho, para exemplificar que iteração não é uma condição necessária para o uso do PPC-N.

QUADRO 19 – SENTENÇA DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentença	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
Desde que ele conheceu a Maria, ele tem esperado as cartas dela.	32	12	6	7	5

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Seguindo Ilari (2001), reconhecemos que além de iteração o PPC expressa duração, e essa segunda leitura é aceita pelos falantes, como verificamos no caso da sentença avaliada, a qual teve um maior número de julgamento “muito bom” e “bom”. Assim, entendemos que “desde que ele conheceu a Maria” abre um intervalo no passado, que se estende até o momento presente e pode ultrapassá-lo. Quanto à eventualidade que se prolonga nesse intervalo, “esperar” só é possível, realizável, se dura no tempo, sendo interpretado como um estado de espera que dura desde um determinado momento até o presente.

Por fim, o último quadro sintetiza os julgamentos das sentenças cuja aceitabilidade com o PPC-N, para Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), é inviável porque nelas não há sujeito ou um local que faça esse papel.

QUADRO 20 – SENTENÇAS DO PB E SEUS JULGAMENTOS

Sentenças	Julgamentos				
	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Inaceitável
Tem chovido muito ultimamente.	56	3	0	1	2
Tem feito um frio danado.	57	4	0	0	1

FONTE: Elaboração baseada em Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009)

Conforme apresentado no quadro, quase 100% dos nossos informantes aceitaram as sentenças cujo sujeito é inexistente. Devido às ações verbais referirem-se a fenômenos da natureza, a ação verbal, no PB, não recai a qualquer sujeito especificado, e isso não configura restrição no uso do PPC na variedade estudada.

Tendo chegado ao fim dos resultados coletados no questionário respondido por falantes de Natal (RN), percebemos a necessidade de rever as conclusões de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) referentes à afirmação de que o PPC usado na variante em questão tem um uso restrito. Embora esta pesquisa não tenha tido o propósito de reexaminar a teoria que embasa o trabalho das autoras, cremos que, na prática, os falantes que atestaram a aceitabilidade de “*ter* + participio” em todas as

sentenças do questionário de nossa pesquisa constituem um forte argumento a favor da não restrição do uso do PPC em Natal (RN).

4.2 QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS FALANTES DA VENEZUELA, DA COLÔMBIA E DO PARAGUAI

Conforme explicado no capítulo 3, a análise dos resultados coletados por meio do questionário destinado aos falantes nativos da Venezuela, da Colômbia e do Paraguai foi pautada na aceitabilidade das sentenças com o PPC e sem o uso de advérbios. Essa condição diferenciou nossas duas hipóteses, repetidas a seguir:

- I. Se os informantes reconhecem nas sentenças do questionário elaboradas sem o uso de advérbios ou quantificadores uma interpretação iterativa ou durativa, o PPC usado nas variantes dos informantes parece estar seguindo o processo de gramaticalização pelo qual passa o PPC em PB.
- II. Se os informantes somente concebem leituras iterativas ou durativas nas sentenças do questionário elaboradas com o emprego de advérbios ou quantificadores, o PPC do espanhol parece ser dependente desses complementos para saturar seu aspecto.

A fim de compreender em que medida a hipótese I se confirmou, vamos à apresentação dos julgamentos assinalados pelos falantes das três variedades do espanhol para cada uma das sentenças testadas.

Considerando que apenas as duas últimas sentenças dispunham de advérbios, verificamos para as demais o grande número de julgamentos “muito bom”, o que, de modo geral, reforça a hipótese I. Ou seja: a leitura que temos no PB (cf. traduções do capítulo 3) e aquela feita pelos venezuelanos, colombianos e paraguaios das sentenças avaliadas no questionário são as mesmas, ou ao menos muito próximas.

No caso da primeira sentença, entre as três variantes, apenas um paraguaio a declarou como inaceitável. Para os demais informantes, o enunciado foi válido para o contexto apresentado (*Cuando estaba planeando las vacaciones, estuve pensando en ir a la montaña, puesto que siempre voy con mi familia a la playa*), o qual proporcionou uma interpretação durativa por meio das formas verbais no progressivo. Ou seja: mesmo sem qualquer advérbio, a sentença com o tempo composto formado com um verbo de estado, em uma leitura que não a perfectiva, foi aceita pela maioria. Acreditamos que essa seja uma evidência importante na comparação com o PB: “*ter* + participio” e “*haber* + participio” podem ter as mesmas leituras, nos mesmos contextos de enunciação. Por outro lado, destacamos que a *Aktionsart* de “pensar” (estado) pode ter sido a responsável pela aceitabilidade da frase, uma vez que, se os verbos usados no contexto estivessem na forma simples, a interpretação de duratividade para a ação de pensar não seria descartada.

Na segunda sentença, uma atividade expressa o tipo de ação verbal, também explicada por meio do contexto dado antecipadamente (*En los últimos meses, siempre que necesito algún libro voy a aquella librería y, como es un lugar agradable y con óptimos precios, voy a continuar comprando allá*). Assim, mesmo explicitando a abertura do intervalo de tempo no passado (*En los últimos meses*), a clara frequência da ação descrita (*siempre*) e a descrição de que ela pode ultrapassar o presente (*voy a continuar comprando*), a maioria dos informantes reconheceu a sentença como muito boa para se referir ao contexto. Ou seja: a classe aspectual de atividade, a qual indica iteratividade, parece ser expressa pelo PPC, sem o uso de advérbios que apoiem essa leitura.

A terceira sentença dependeu menos do contexto, pois a conclusão de que uma pessoa não esteja muito bem pode ser admissível se essa pessoa tossiu mais de uma vez, isto é, se houve mais de um episódio de tosse. De qualquer forma, no contexto dado, “*Desde ayer no para de toser*”, houve a abertura do intervalo de tempo no passado e a evidência de que a ação ocorreu mais de uma vez. Os informantes, em sua maioria, mais uma vez, aceitaram a sentença. Portanto, mesmo um *achievement* teve sua leitura

aspectual de iteratividade reconhecida pelos falantes sem o auxílio de qualquer advérbio.

Do mesmo modo, consideramos a quarta sentença julgada mais independente do contexto, uma vez que é de conhecimento o fato de que é preciso ir à academia mais de uma vez para emagrecer, não apenas uma. O conhecimento de mundo do falante, além do contexto, então, já lhe permitiria recusar a sentença caso a sua leitura do PPC – sem qualquer advérbio que explicitasse que a eventualidade ocorreu mais de uma vez – fosse perfectiva. Hipoteticamente, a leitura perfectiva para o espanhol seria tão inaceitável quanto a que fornece a sentença a seguir em PB para a mesma situação:

(1) Fui à academia para emagrecer.

A menos que o verbo fosse sinônimo de “frequentei”, o que denotaria que a ação ocorreu mais de uma vez, o Pretérito Perfeito Simple não expressa iteratividade e, conseqüentemente, sua leitura é incompatível com o contexto fornecido. Assim, sabemos, pelo número de julgamentos “muito bom”, que não foi esse o entendimento dos informantes consultados, mas, sim, possivelmente aquele fornecido pela sentença em PB a seguir:

(2) Tenho ido à academia para emagrecer.

Dessa forma, mais uma vez a hipótese I mostra-se como possível de ser confirmada, uma vez que o PPC do espanhol parece ser capaz de, sozinho, expressar iteratividade, como no PB.

As duas últimas sentenças sem advérbio podem ser comentadas juntas: o contexto de ambas permite uma interpretação durativa, isto é, a biblioteca está fechada por um período de tempo. O número de inaceitabilidade para as duas sentenças é muito pequeno, porém se reduz a um quando o advérbio “*los domingos*” é acrescentado no último enunciado do teste. Ou seja: parece que o advérbio torna a frase ainda mais natural à comunicação dos falantes, entretanto, sua ausência não causa tanto prejuízo. Essa conclusão pode ser aplicada à penúltima sentença, na qual há o advérbio “*cada mañana*”, que “distribui” a eventualidade de “encontrar”, mas não apresenta uma aceitabilidade diferente o suficiente da sentença com o outro *achievement*, “*toser*”.

Por fim, ao fim do teste verificamos que não houve, entre os verbos presentes nas sentenças julgadas, uma classe aspectual específica que demonstrou restringir o uso do PPC em uma leitura durativa ou iterativa. Pelo contrário: estados (como “*pensar*”), atividades (como “*ir al gimnasio*”) e *achievements* (como “*toser*”) não impediram

leituras iterativas ou durativas na interação com “*haber*” no tempo composto. A presença ou a ausência de advérbios também não pareceu ser decisiva para tais leituras dos enunciados. Assim, referindo-se à hipótese II, a aceitabilidade das sentenças sem advérbios e/ou modificadores parece descartá-la, uma vez que o PPC não se mostra dependente desses complementos para saturar o seu aspecto, nas variantes estudadas.

Acreditamos, portanto, que a hipótese I tem evidências empíricas que impeçam de a descartarmos, isto é, o PPC do espanhol, em seu estágio de gramaticalização, já parece ser capaz de disparar as mesmas interpretações que o PPC da língua portuguesa tem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de contribuir com a descrição das construções “*ter* + particípio”, no português brasileiro, e “*haber* + particípio” no espanhol venezuelano, colombiano e paraguaio, inicialmente resgatamos algumas teorias que subsidiam as pesquisas sobre o Pretérito Perfeito Composto na área de estudo da Semântica.

Primeiramente, para que pudéssemos compreender os usos sincrônicos das formas verbais nas línguas estudadas, foi necessário olharmos, mesmo que de modo superficial, para o percurso diacrônico que ambas as construções apresentam. Por essa razão, revisamos o conceito de gramaticalização, o qual concebemos ser um processo de mudança contínuo e unidirecional pelo qual passam os itens de uma língua. Entre os estágios previstos nesse quadro de transformação, verificamos que Harris (1982 apud Squartini e Bertinetto, 2000) enquadra “*ter* + particípio” e “*haber* + particípio”, em algumas variantes do espanhol americano, no estágio II.

Para que as construções focadas neste trabalho chegassem ao estágio II no quadro evolutivo da gramaticalização, ambas passaram por um longo processo de mudança, que compreendeu alterações desde o latim até o português e o espanhol atuais. Conforme verificamos em pesquisas de cunho histórico que se debruçaram nos registros antigos dessas formas, as transformações nos níveis fonético, fonológico, sintático e semântico seguiram o rumo pelo qual todas as línguas naturais tendem a trilhar, graças ao uso dos falantes, estes os verdadeiros responsáveis por essa dinâmica da língua.

Na sequência, tocamos em dois conceitos que embasam boa parte dos estudos semânticos sobre verbos: tempo e aspecto. Como nossa investigação envolveu as interpretações que o Pretérito Perfeito Composto tem nas línguas estudadas, as contribuições teóricas de Reichenbach (1947), sobre o tempo, e de Vendler (1967), sobre o aspecto, fundamentaram nossas análises. Entre os autores que partiram das considerações reichenbarianas, seguimos Smith (1978) no que se refere à dependência semântica dos enunciados sem R especificado por meio de um advérbio. Como detalhamos no capítulo 4, constatamos para o espanhol que embora esses elementos modificadores sejam importantes, nas variedades faladas na Venezuela, Colômbia e Paraguai, eles não são necessários para delimitar temporalmente ou aspectualmente uma sentença. Referindo-se à abordagem do aspecto, baseando-se nas classes acionais, seguimos Bertinetto (2001), para o qual a classificação vendleriana não deve ser

aplicada somente ao predicado, mas a um conjunto de modos distintos em que ele pode se realizar.

Uma revisão da literatura sobre nosso tema de pesquisa também foi feita, a fim de que pudéssemos compreender diferentes abordagens e conhecer diferentes resultados a respeito das construções estudadas. Tomando como norte o entendimento de Ilari (2001) sobre o PPC no PB, discutimos algumas conclusões de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009). Conforme resenhamos, as autoras se concentraram na variante do PB falado em Natal (RN) e concluíram que o PPC apresenta um uso restrito, julgamento com o qual não concordamos. As sentenças usadas como teste pelas autoras foram utilizadas neste trabalho em um questionário enviado a falantes de Natal (RN). No que tange ao PPC do espanhol, verificamos por meio do trabalho de Gutiérrez Araus (2001) a amplitude do uso da forma “*haber* + participio” e a necessidade de contribuir com a descrição desse uso em algumas variedades do espanhol falado na América Latina. Selecionamos para investigação o espanhol da Venezuela, da Colômbia e do Paraguai.

Com base na reunião de teorias e na revisão de pesquisas importantes sobre o tema, descrevemos a metodologia por nós adotada na elaboração e aplicação dos questionários destinados a falantes nativos de Natal (RN) e da Venezuela, da Colômbia e do Paraguai. O objetivo do primeiro foi o de embasar nossa refutação a respeito das conclusões apontadas por Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009) sobre o PPC; no segundo questionário, o objetivo foi verificar se os informantes aceitavam sentenças com “*haber* + participio” em contextos de iteratividade e duratividade, sem a presença de modificadores adverbiais nas sentenças.

Por fim, descrevemos em que medida os resultados obtidos com a aplicação dos questionários responderam aos questionamentos que fizemos, tanto com relação ao trabalho de Laca, Cabredo-Hofherr e Carvalho (2009), como em relação às hipóteses para o espanhol. Os resultados do questionário em PB nos levaram à confirmação de que os falantes de Natal (RN) julgam como muito boas todas as sentenças consideradas pelas autoras como inaceitáveis, o que evidencia a necessidade de rever a conclusão de que o PPC falado em Natal (RN) tem um uso restrito. Os resultados do questionário destinado aos falantes venezuelanos, colombianos e paraguaios corroboraram a nossa hipótese de que o PPC nessas variedades pode estar seguindo o PPC do PB no processo de gramaticalização. Ou seja: as duas formas, além de estarem no estágio II de mudança linguística, podem compartilhar mais semelhanças do que diferenças, visto que se uma peculiaridade do PPC do PB é expressar iteratividade/duratividade sozinho, o PPC do

espanhol também já segue essa tendência, obtendo grande número de aceitabilidade em sentenças sem modificadores adverbiais. Sendo assim, acreditamos ser necessário, em trabalhos futuros, comparar os dados pesquisados neste trabalho com os de outras variedades do espanhol, para ampliar as bases empíricas.

Esperamos que esta dissertação tenha cumprido o papel de contribuir com mais um ponto de vista para as descrições já existentes sobre as formas verbais “*ter* + participio” e “*haber* + participio”. Destacamos, ainda, que embora não tenhamos abordado a importância dessas questões de análises formais dos tempos compostos no ensino de línguas, julgamos ter fornecido evidências que apoiam o ensino mais flexível do PPC em espanhol para estrangeiros, principalmente das variedades latino-americanas.

Nossa experiência profissional e acadêmica comprovou que as variantes do continente americano têm um tratamento generalizado, sem o reconhecimento, principalmente no ensino de língua estrangeira, da pluralidade linguística existente nos nossos vizinhos. Como verificamos neste trabalho, a construção “*haber* + participio” é um exemplo dessa diversidade de usos, e como tal não deve ter nos livros didáticos, por exemplo, um conceito prescritivo de que equivale ao Pretérito Perfeito Simples do português. A língua deve ser considerada viva e, por isso, resultado do uso dos falantes, cujas diferenças históricas, geográficas e sociais refletem a não homogeneidade desse meio de comunicação.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARBOSA, Juliana B. Tenho feito / Fiz a tese: uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no Português. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 280 f. 2008.
- BASSO, Renato; FERRAREZI Jr., Celso (Orgs.). *Semântica, semânticas*. São Paulo: Contexto, 2013.
- BERTINETTO, Pier Marco. Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of „reference time”. *Journal of Italian Linguistics*, p. 71-108, 1982.
- BERTINETTO, P. M. On a Frequent Misunderstanding in the Temporal-Aspectual Domain: The ‘Perfective-Telic Confusion’. In: CECHETTO, C. et al. (org.). *Semantic Interfaces: Reference, Anaphora and Aspect*. Standford, Califórnia: CSLI Publications, 2001.
- BORGES, J.; MÜLLER, A.; PIRES DE OLIVEIRA, R. A semântica formal das línguas naturais: histórias e desafios. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 119-148, jan./jun. 2012.
- BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol 2. Madri: Espasa, 1999.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução de Aída Ferrás et al. São Paulo: EDUC, 1992.
- CABREDO-HOFHERR, Patricia; LACA, Brenda; CARVALHO, Sandra. When perfect means plural: the Present Perfect in Northeastern Brazilian Portuguese. In: CABREDO-HOFHERR, Patricia; LACA, Brenda. *Layers of Aspect*. CSLI Publications, pp.67-100, 2009.
- CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Susana. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da ABRALIN*, vol. 2, n. 2, p. 159-181, dez., 2003.
- CASTILHO, Ataliba T. Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1, p. 107-120. 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. O aspecto verbal no português falado. In: *Gramática do Português Falado*. v. 7. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

- CARTAGENA, N. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. pp. 2933-2975.
- CEOLIN, Roberto. Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. In: *Revista Philologica Românica*. Disponível em: <www.romaniaminor.net/ianua/ianua04/ianua04_05.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018. pp. 39-48. 2003.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge University Press., 1976.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FENTE, Rafael G.; FERNÁNDEZ, Jesús A.; FEIJÓO, Lope G. *Perífrasis verbales*. Madrid: Sociedad Española de Librería, 1997.
- FERNÁNDEZ, Luis G. Los complementos adverbiales temporales – la subordinación temporal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. pp. 3129-3208.
- FRADIQUE, Mendes. *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*. 4.^a edição facsimilada. 4ed. Rio de Janeiro; Vitória: Editora Rocco Ltda.; Fundação Ceciliano Abel de Almeida/Ufes (Coleção Letras Capixabas; 14), 1985.
- GUTIÉRREZ ARAUS, María L. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. (2001) II Congreso de la Lengua Española. *Centro Virtual Cervantes*. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/2_el_espanol_de_america/gutierrez_m.htm>. Acesso em: 17 set. 2018.
- HEINE, B. *Auxiliaries, Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1993.
- HENDERSON, Carlos. *El Pretérito Perfecto Compuesto del español de Chile, Paraguay y Uruguay: aspectos semánticos y discursivos*. Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies. Stockholm University. 2010.
- ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo, Contexto, 1997.
- ILARI, R. Notas para uma semântica do passado composto em português. In: *Revista Letras*. 55. Curitiba: UFPR, 2001, p.129-152.

- KATO, Mary A., ROBERTS, Ian. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- LACA, Brenda (2009). Acerca de los perfectos en las variedades ibero-americanas». In: Sánchez Miret, Fernando (ed.). *Romanística sin complejos*. Homenaje a Carmen Pensado, Bern: Peter Lang, pp. 357-379.
- MATTHEWSON, Lisa. On the methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics*, vol 70, n. 4. p. 369-415. Out. 2004.
- MATTOS E SILVA, R. V. O Português do Brasil. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 6, p. 143-154.
- MATTOS E SILVA, R. V. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 1, v.I, 85-99, jul./dez.1992.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MEDEIROS, Alessandro B. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um estudo das Formas Participiais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 315 f. 2008.
- MENON, Odete Pereira da Silva. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In: PUSCH, Claus D.; Andreas WESCH (HG.). *Verbalperiphrasen in den(ibero-) romanischen Sprachen*. Hamburg: Helmuth Buske Verlag, 2003.
- MIGUEL, Elena. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. pp. 2977-3060.
- MOLINA, Javier R. *La gramaticalización de los tiempos compuestos en español antiguo: cinco cambios diacrónicos*. Universidad Autónoma de Madrid – Facultad de Filosofía y Letras (tesis doctoral). 2010.
- MOLSING, Karina V. *The Present Perfect: an exercise in the study of events, plurality and aspect*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 219 f. 2010.
- OLIVEIRA, Fátima. Tempo verbal. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. 15, p. 509-553.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. A linguística sem Chomsky e o método negativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v.8, 2010.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. Resenha de ILARI, Rodolfo (2001) *Introdução à Semântica. Brincando com a Gramática*. São Paulo: Contexto. *Delta*. 18:2, 2002 (345-353).
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española – Manual*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. Nova Iorque, Dover, (1980 [1947]).

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas TER, HAVER e SER. In: KATO, Mary A., ROBERTS, Ian. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SAEED, John. *Semantics – introducing linguistics*. Blackwell Publishing ltd, 2003.

SMITH, Carlota S. The syntax and interpretation of temporal expressions in English. *Linguistics and Philosophy* 2, p 43-99. D. Reidel Publishing Company, Dordrecht: Holland, 1978.

SQUARTINI, M. *Verbal Periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1998.

SQUARTINI, M.; BERTINETTO, P. M. The Simple and Compound Past in Romance languages. *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter / Östen Dahl (ed.), 2000, p. 403-440.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, Teresa C. *O aspecto do auxiliar*. Comunicação apresentada em reunião do GT “Teoria da gramática” da ANPOLL, Ouro Preto/MG, 2006.

WACHOWICZ, Teresa C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, v. 48, p. 211-232, 2006.

WACHOWICZ, T. C.; BASSO, R. M.; FOLTRAN, M. J. Entrando nos domínios do verbo. *Revista Letras*, n. 81, p. 11-32, maio/ago, 2010.